

**“CARINHOSAS CONSERVADORAS” DE SABERES ANCESTRAIS: O TESTEMUNHO
DE HERTA LÖELL SCHEUER COMO EXEMPLO DE ARQUEOLOGIA DA ESCUTA
SOBRE AS PRÁTICAS DAS MULHERES CERAMISTAS DE SÃO PAULO E DO
PARANÁ**

**"AFFECTIONATE CONSERVATIVES" OF ANCESTRAL KNOWLEDGE: THE
TESTIMONY OF HERTA LÖELL SCHEUER AS AN EXAMPLE OF THE ARCHEOLOGY
OF LISTENING TO THE PRACTICES OF WOMEN CERAMISTS IN SÃO PAULO AND
PARANÁ**

Marianne Sallumⁱ

Hyrma Iorisⁱⁱ

Carolina Guedesⁱⁱⁱ

Francisco Silva Noelli^{iv}

ⁱ Pós-doutoranda do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (Levoc), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, apoios financeiros Fapesp: 2019/17868-0, 2019/18664-9. University of Massachusetts-Boston, pesquisadora visitante no New England Archaeological Indigenous Laboratory e no Latin American Historical Archaeology Lab, bolsa Bepe-Fapesp: 2021/09619-0. Universidade de Lisboa, investigadora no Centro de Arqueologia (Uniarq). E-mail: marisallum@usp.br

ⁱⁱ Arqueóloga, Universidade Metropolitana de Santos, Graduação em Arqueologia. E-mail: hyrma.ioris@outlook.com

ⁱⁱⁱ Universidade Metropolitana de Santos, Profa. de Arqueologia. E-mail:

carolina.machado@unimes.br

^{iv} Universidade de Lisboa, doutorando e investigador do Centro de Arqueologia (Uniarq), bolsista FCT: 2020.05745.BD. University of Massachusetts-Boston, pesquisador visitante no New England Archaeological Indigenous Laboratory e no Latin American Historical Archaeology Lab. Universidade de São Paulo, pesquisador do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (Levoc). E-mail: franciscoelli@edu.ulisboa.pt

Resumo: O notável acervo de Herta Scheuer foi doado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, reunindo uma coleção única de vasilhas cerâmicas produzidas por mulheres nos Estados de São Paulo e Paraná no século XX. É a demonstração de comunidades de práticas que persistem hoje com sociabilidades e estéticas dedicadas a fazer circular memórias e saberes entre as gerações. Com uma abordagem baseada na escuta ativa e observação minuciosa, detalhadamente descritas nas suas publicações, cadernos de campo, desenhos e fotografias, Herta produziu um registro inestimável para compreender o futuro do passado das comunidades descendentes -Indígenas, Afrodescendentes, AfroIndígenas e outras de saberes tradicionais e para o reconhecimento do “trabalho” das suas mulheres ancestrais. Esta coleção é apresentada aqui como um banco de dados de memória das práticas, tanto para pesquisas acadêmicas, quanto para as comunidades interessadas em recuperar saberes que seus ancestrais legaram de alguma maneira. **Palavras-Chave:** Oralidade, Comunidades Tradicionais, Cerâmica, Descolonização, Gênero, Museus.

Abstract: The remarkable collection of Herta Scheuer was donated to the Museum of Archaeology and Ethnology of the Federal University of Paraná, gathering a unique collection of ceramic vessels produced by women in the states of São Paulo and Paraná in the 20th century. It demonstrates communities of practice that persist today with sociabilities and aesthetics dedicated to circulating memories and knowledge among generations. With an approach based on active listening and meticulous observation, thoroughly described in her publications, field notebooks, drawings, and photographs, Herta produced an invaluable record for understanding the future of the past of descendant communities—Indigenous, Afro-descendant, Afro-Indigenous, and others with traditional knowledge—and for the recognition of the “work” of their ancestral women. This collection is presented here as a memory database of practices, both for academic research and for communities interested in recovering knowledge that their ancestors bequeathed in some way. **Key words:** Orality, Traditional Communities, Ceramics, Decolonization, Gender, Museums.

Esta publicação mostra o levantamento realizado em outubro de 2021 no acervo “Herta Löell Scheuer” do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Também apresenta uma compilação de informações significativas sobre as vasilhas cerâmicas, a sua produção e consumo nas comunidades, inéditas e publicadas pela própria autora. As informações do acervo e o tipo de abordagem que moldou as publicações de Herta representam para nós uma versão pioneira do que hoje é considerado como “Arqueologia da Escuta”, cuja proposta reproduzimos:

Nossa posição aqui é que as pessoas da arqueologia, e a arqueologia como disciplina, se beneficiam do intercâmbio com as comunidades locais e descendentes, por meio do qual sua profunda experiência e conhecimento histórico ampliam nossa base de inferência para as melhores explicações... como a escuta traz questões de ciência versus história, foco versus amplitude e neutralidade versus defesa. Ouvir é muito mais do que a fala que entra em nossos ouvidos. Ouvir, para as pessoas da arqueologia e antropologia é também perceber a paisagem de perto e de longe, sentir o clima, ouvir e ver os sons e atividades do ambiente, sabores de alimentos e cheiros, sensações táteis das estruturas, roupas de cama, ferramentas, recipientes, roupas (Schmidt e Kehoe, 2019, p. 2).

A nossa pesquisa do acervo das ideias publicadas por Herta Scheuer resulta de uma perspectiva interdisciplinar que valoriza todas as fontes de informação, contribuindo para a compreensão do passado e de como as pessoas “articularam certas práticas e identidades à luz de novas economias, políticas e realidades sociais” (Panich et al 2018, p. 11-12). Representa um meio da academia avançar como facilitadora do diálogo entre as diversas formas de conhecimento, estabelecendo parcerias efetivas com os diversos saberes das comunidades envolvidas (Tuxá et al. 2024; Atalay, 2020), para recuperar práticas e linguagens ancestrais, como é o caso das cerâmicas nas comunidades Tupi Guarani de Peruíbe (Mainardi, 2010) e na recuperação da memória a partir da fala contemporânea (com. pes. Fabiana Leite, 2023).

Acervos como o “Herta Löell Scheuer” possuem variados objetos e muitas informações a seu respeito, resultando de observações minuciosas e da escuta ativa de entre tantas mulheres sábias. Trata-se de um conjunto valioso e capaz de inspirar diversas comunidades que agora continuam com as suas práticas. Mas, especialmente, poderá auxiliar de formas diversas aquelas comunidades que procuram retomar saberes e fazeres que as suas ancestrais foram obrigadas a abandonar no passado por causa da violenta opressão colonialista, da grilagem de suas terras e da especulação imobiliária que continuam assolando os direitos civis no Brasil. Por tais contribuições pioneiras iniciada há seis décadas, Herta Löell Scheuer merece um lugar entre as grandes pesquisadoras dos saberes ancestrais das mulheres no Brasil.

Trata-se de uma coleção formada entre os anos 1960 e 1980, de importância ímpar para o reconhecimento de práticas e saberes ancestrais das mulheres ceramistas de várias comunidades do Brasil. Como declarou Herta na abertura do livro que resume as suas pesquisas de campo:

Elas “baseiam-se nas observações feitas durante o processo de manufatura de recipientes e nas informações obtidas através das artesãs.

O numeroso material recolhido permite estabelecer uma definição das características de estilos dos vasilhames e das técnicas de sua confecção.

Tentamos apontar raízes de origens artesanais e tradições seculares no emprego de ornamentos, implementos e técnicas” (Scheuer, 1982, p. prefácio)

As suas publicações foram concentradas na produção e consumo de vasilhas cerâmicas, mas também na linguagem usada nas comunidades:

Livros:

1976. Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura.

1982. A Tradição da cerâmica popular. São Paulo: Escola de Folclore/Livramento.

1987. Crenças no Poder Mágico: Origens e Tradições. São Paulo: Escola de Folclore.

Artigos:

1969. Estudo de um núcleo de cerâmica popular. *Arquivos do Museu Paranaense* 1: 1-15.

1978. Volkstümliche Töpfereien in Zentral Mato Grosso, Brasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, 103(1): 57-69.

1979. A cerâmica utilitária do município de Correntina, Bahia. *Universitas*, 24: 49-70.

Relatório inédito:

1958. Quatro campos escavados em diversos lugares, em julho de 1957 na cidade de Aparecida do Norte, Estado de São Paulo, Brasil.

As suas publicações foram meticulosamente organizadas no estilo dos manuais etnográficos, como relatos descritivos de suas observações. No livro de 1982 faz uma síntese comparativa bastante detalhada entre as práticas de todos os lugares, apresentada em vários textos, quadros e tabelas. Ela descreveu sistematicamente a cadeia operatória da cerâmica, desde a coleta até a queima, sendo paradigmáticas para desenvolver pesquisas observação no presente, servindo como referência para a investigar as inúmeras coleções históricas e arqueológicas de lugares em São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Mato Grosso, ocupados pelas gentes paulistas a partir do século XVI (Noelli e Sallum, 2020a, 2020b; Peixoto et al. 2022). Em boa medida a coleção cerâmica de Guilherme Tiburtius deveria ser articulada com a pesquisa de Herta, pois foi o resultado de pesquisas realizadas em comunidades descendentes das referidas gentes paulistas que se instalaram na região de Curitiba a partir do século XVII (Tiburtius, 1968-1969; cf. estudos da coleção Tiburtius do Museum Arqueológico de Sambaqui de Joinville publicados por Fernandes e Bandeira, 2020, Fernandes, Bandeira e Carelli, 2021). As gentes paulistas também ocuparam os litorais do Paraná e de Santa Catarina no século XVII, sendo parte da ancestralidade das comunidades do presente, tanto quilombolas, quanto das outras comunidades tradicionais.

Herta registrou os lugares onde realizou investigações nas suas publicações e nos documentos do acervo MAE-UFPR (Tabela 1).

O relatório da pesquisa Arqueológica em Aparecida do Norte mostra o interesse de Herta na pesquisa sobre cerâmica arqueológica indígena. Ela descreve as escavações que fez em 1957 no centro urbano de Aparecida do Norte, assim como os fragmentos de vasilhas que foram encontrados em lugares diferentes, formando uma coleção que foi doada ao Museu Paulista (posteriormente, transferida para o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo; por ex.: acervo RGA7041). Ela refere no relatório que, em 1958, foi desenterrado um sepultamento (**tyby** = sepultamento, com um **nhaém** e uma **nhaempepó**, nomenclatura citada por nós, conforme o VLB 2: 50, 63, 116). Herta não menciona a população Tupinambá no relatório, mas os locais escavados foram ocupados por suas comunidades, pertencentes à rede de aldeias que dominavam o rio Paraíba, entre a foz e a atual cidade de Mogi das Cruzes até o século XVII (tentamos documentar as duas vasilhas, mas encontramos apenas a “tampa” do conjunto, que de fato é um grande fragmento cuja forma original é representada pela nossa reconstrução gráfica partir de uma foto do perfil da peça mostrada na Figura 1.

Tabela 1: Locais de pesquisa

DISTRITO	MUNICÍPIO	ESTADO	ANO
"dentro da cidade"	Aparecida do Norte	São Paulo	1957, 1958
Serrinha de Bom Sucesso (SP 1)	Bom Sucesso de Itararé	São Paulo	1963
Campina de Fora (SP 2)	Ribeirão Branco	São Paulo	1963
Bairro Pinheiros (SP 3)	Apiaí	São Paulo	1962, 1963
Cambutas (SP 3)	Apiaí	São Paulo	1962, 1963
Itaóca (SP 4)	Apiaí	São Paulo	1962, 1967
Jairê (SP 5)	Iguape	São Paulo	1963, 1964, 1968
Caputera (SP 5)	Iguape	São Paulo	1963, 1964, 1968
Guamiranga (SP 5)	Iguape	São Paulo	1963, 1964, 1968
Barra das Areias (SP 6)	Iguape	São Paulo	1963, 1966
São Francisco (SP 7)	São Sebastião	São Paulo	1967
Aparição (SP 8)	Cunha	São Paulo	1967, 1971
Orientes (SP 9)	Cunha	São Paulo	1967, 1971
Porto dos Medeiros (PR 1)	Guaraqueçaba	Paraná	1968
São Gonçalo - Coxipó	Cuiabá	Mato Grosso	1974
São Gonçalo	Várzea Grande	Mato Grosso	1974
Manga	Várzea Grande	Mato Grosso	1974
Capela do Pissarrão	Várzea Grande	Mato Grosso	1974
Gracês	Cárceres	Mato Grosso	1974
Rodeio	Cárceres	Mato Grosso	1974
Goiás Velho	Goiás	Goiás	1977
Boa Vista	Correntina	Bahia	1977
Tatu	Correntina	Bahia	1977
Inhaúma	Inhaúma	Minas Gerais	1978
Pinhões	Santa Luzia	Minas Gerais	1978

Aparecida do Norte	MAE-USP	Nome Tupinambá
	 b Acervo RGA7041  c	Nhaetá Nhaempepó

Figura 1: Vasilhas de Aparecida do Norte. A) Scheuer. 1958; b) Foto Ângelo A. Corrêa; c) Reconstrução F. Noelli.

Nas três décadas seguintes o centro de suas investigações passou definitivamente para a produção e consumo contemporâneos das vasilhas de barro, as suas linguagens e cadeias operatórias entremeados na sociabilidade das várias comunidades onde ela esteve. No seu primeiro artigo, refletiu sobre a continuidade elementos que ela descreveria reiteradamente nas suas publicações referidas acima:

As panelas de Porto dos Medeiros servem-se, ainda hoje das ferramentas primitivas comuns na manufatura da cerâmica popular. Segundo Linné, em *South American Ceramic*, tribos indígenas da América Latina usavam, ao trabalhar, o barro, sabugo de milho, pedaços de cabaça, couro, pedra e outros instrumentos. Sabemos, portanto, que tais ferramentas são tradicionais e de tempo remoto (Scheuer, 1969, p. 3).

Porém, Herta não se considerava arqueóloga, nem antropóloga. Em uma manifestação sobre o objetivo da sua investigação, ela declarou o seu campo de investigação: “a elaboração deste trabalho sobre cerâmica popular teve a finalidade de preencher, pelo menos parcialmente, uma lacuna que se vem observando em nosso meio folclórico brasileiro” (Scheuer, 1976: prefácio). E, com base na sua experiência prévia com materiais arqueológicos, comparou as cerâmicas do presente com as do passado:

Testamos, por exemplo, as ornamentações de vasilhames, e as comparamos com fragmentos arqueológicos indígenas encontrados no Estado de São Paulo, e pudemos observar ornamentos coincidentes. Por exemplo no corrugado, ondulado; nas impressões feitas à taquarinha, ungulares e digitadas; no inciso, riscado e no emprego do engobo vermelho. Nas formas do corpo de vasilhames encontramos igualmente semelhanças com as dos indígenas (Scheuer, 1976, p. 8).

A partir de suas observações e dos relatos que ouviu das ceramistas, mostrou como as mulheres consideravam a transmissão dos saberes ancestrais, definindo-as como as “carinhosas conservadoras” que “mantiveram, com mais apego, seus costumes tradicionais” (Scheuer, 1987, p. 17). Mais especificamente sobre a prática cerâmica, concluiu que

Comparando vasilhames recentemente trabalhados com outros de mais de dez décadas, pode-se constatar uma continuidade nas formas. Exceto em alguns casos... não foram criadas formas estilísticas, mesmo ao surgirem cerâmicas com outras funções. Esta observação é válida também para recipientes produzidos em núcleos próximos aos centros urbanos, como por exemplo em Apiaí, onde as poteiras tinham contato com os produtos industrializados, tomando possível uma influência estilística destes. Poder-se-ia supor que a situação isolada de um núcleo de cerâmica, motivo este que lhe garante a não penetração de influências estilísticas, nem sempre é determinante na conservação do estilo. **O tenaz apego às formas tradicionais de nossas panelas pode-se atribuir a uma motivação espiritual. Conscientes da tradição, permanecem fiéis a ela, transmitindo o saber da mesma maneira**” (Scheuer, 1976, p. 6).

Os referidos “dez decênios” recuavam a 1860. Assim, de forma pioneira, Herta enunciou outra possibilidade de investigação que hoje tem um lugar central em várias perspectivas acadêmicas e nas próprias comunidades, na valorização sobre a genealogia das mulheres como forma de mapear e compreender a transmissão de conhecimentos.

Todavia, as suas pesquisas conectando o presente com o passado indígena não foram devidamente aproveitadas na Arqueologia Brasileira, especialmente em São Paulo e no Paraná. O seu pioneirismo já havia superado o paradigma colonialista anacrônico, questionado por Lightfoot (1995) sobre a descontinuidade entre “pré-histórico” e “histórico”, justamente enfatizando as histórias de persistência (Silliman, 2022). Tal situação foi problematizada em nossas publicações desde 2018, mas aqui citamos uma reflexão específica de uma das autoras deste artigo sobre o “apagamento” das ideias de Herta:

A partir da noção de persistência, fiz uma revisão crítica dos fundamentos de [...] pesquisas anteriores à minha. Comecei pelo problema básico, questionando por que a arqueologia praticada em São Paulo não considerou as várias comunidades centenárias de práticas cerâmicas do litoral que persistiam nos séculos XX e XXI? Porque a arqueologia não dialogou com os estudos das ciências sociais e da geografia produzidos desde a década de 1940? Porque não foi investigada a antiguidade das práticas cerâmicas, pelo menos para verificar se eram comparáveis com as vasilhas arqueológicas? Porque o livro de 1976 de Herta Scheuer, *Cerâmica Popular do Estado de São Paulo*, foi considerado apenas como o registro de um período específico? Por que ele não foi visto como um relato útil sobre a continuidade das práticas nas comunidades ceramistas? (Sallum, 2022, p. 290).

Enfim, Scheuer percebeu dois dos princípios subjacentes à noção de persistência. São as pessoas que persistem, conservando e transferindo saberes para as novas gerações, assim como são elas que mantêm ou mudam tecnologias, formas e funções de certas materialidades, conforme a sua conveniência ou as circunstâncias de seu tempo. Assim, cabe a quem investiga ter capacidade de compreender e explicar devidamente as histórias locais e regionais, sendo um esforço que ainda precisa ser melhor despendido pela comunidade da Arqueologia Brasileira.

Podemos dizer que foi com muita expectativa que chegamos ao acervo guardado no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, que vem descrito na segunda parte deste artigo (pesquisa de M. Sallum e F. S. Noelli). Também foi uma oportunidade para examinar a documentação escrita que Herta produziu sobre o acervo, assim como correspondência trocada entre ela e a diretora do museu, Lourdes Virgínia Andersen, na

primeira metade da década de 1980. Além de dados sobre as vasilhas e outras peças, Herta também propôs expografias para musealização ambientando a residência e as práticas tradicionais das comunidades do litoral do Paraná e São Paulo.

A obra de Herta também era novidade para nós, assim como uma imensa bibliografia produzida recentemente sobre as comunidades tradicionais de São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. A descobrimos essa pesquisadora durante uma conversa com a arqueóloga Daniela Magri Amaral no final de 2017. Foi uma grata surpresa conhecer o livro “Cerâmica Popular de São Paulo” e as notáveis similaridades com as vasilhas encontradas em um contexto arqueológico do litoral sudeste de São Paulo, datados no final do século XVII (Sallum, 2018). Desde então as ideias e informações de Herta inspiram uma parte importante das nossas pesquisas, abrindo um horizonte ignorado pela arqueologia produzida em São Paulo e no Paraná, que desconsiderava a existência Tupiniquim após o século XVII e que, muitas vezes, considerou erroneamente esta população como Tupinambá.

Primeiramente, Herta abriu os caminhos para explicar algo básico na Arqueologia do Colonialismo, sobre a compreensão mais profunda sobre o “trabalho” nas comunidades de práticas. Esta abordagem torna-se especialmente relevante quando se considera: i) as complexas interações (Silliman, 2022) entre pessoas Indígenas, Africanas, Afroindígenas e Europeias; ii) a articulação de práticas e materialidades na longa duração, mesmo quando os registros arqueológicos são marcados por “descontinuidades” materiais. As pesquisas arqueológicas no sítio Ruínas do Abarebebê (Sallum, 2018), permitiram conectar as cerâmicas observadas por Herta com as do século XVII e XVIII, e demonstrar a continuidade da ocupação local por pessoas que optaram no século XVI pela apropriação e transformação da cerâmica comum portuguesa (Noelli e Sallum, 2019, 2020a, 2021, 2023; Noelli et al., 2023; Peixoto et al., 2022; Sallum et al., 2020; Sallum e Noelli, 2020, 2022b; Sallum, 2022, 2023). E, também, permitiu abrir diversas linhas de investigação interdisciplinar sobre as vasilhas que se definiu como “Cerâmica Paulista”. São vasilhas encontradas em sítios arqueológicos de partes de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e outros estados brasileiros, abrangendo a continuidade e a itinerância de práticas produzidas até o presente.

A opção por Cerâmica Paulista buscou o sentido da inclusão promovida pelas comunidades Tupiniquim e por suas descendentes, incorporando pessoas vindas de fora, com sociabilidades duradouras garantidas pelos “jogos de identidade”, colaboração e “política de consideração” (Noelli e Sallum, 2020a, 2020b; Sallum e Noelli, 2021a, 2021b, 2022a). O resultado desta

interação no presente está em uma constelação de comunidades formadas por variadas relações, que precisam ser conhecidas e valorizadas em suas histórias locais, mas que compartilhavam práticas cerâmicas e o cultivo de plantas para soberania alimentar (Silva, 2018; Magrini, 2019; Terranova e Riedi, 2022).

A partir do século XVII essas comunidades foram chamadas de paulistas ou se autodefiniram como paulistas, por isso propomos um nome que considera a particularidade local. E, também, porque é mais inclusivo que o nome “Cerâmica Popular Paulista” proposto por Herta (especialmente pelo significado de “popular”, termo que abriga a perspectiva da etnografia portuguesa do século XIX), incorporada acriticamente pelos folcloristas brasileiros. Eles tratavam das produções de comunidades de saberes tradicionais como “arte popular”, em contraposição às “artes elevadas e inteligentes” e aos artigos industrializados consumidos pelas “elites” urbanas e a nobreza). Há que se considerar que a Cerâmica Paulista foi uma dentre outras produções coloniais de cerâmicas no território do atual Estado de São Paulo, primeiramente como produção familiar para consumo nas comunidades coloniais, inclusive nas plantations (Noelli e Sallum, 2020a, 2020b; Peixoto et al. 2022). De um lado, as mulheres Tupiniquim se apropriaram e transformaram a cerâmica comum Portuguesa na primeira metade do século XVI, criando a cerâmica que chamamos Paulista, produzida até o presente. De outro lado, no mesmo período, oleiros portugueses imigrados e seus aprendizes faziam cerâmica comum Portuguesa, incluindo a cerâmica usada para produzir açúcar.

No final século XVIII, se começa a ver indícios da produção da cerâmica Paulista em escala comercial na atual cidade de São Paulo, consolidada no século seguinte. O mesmo pode ter ocorrido em outros núcleos urbanos do Estado, mas é preciso ressaltar que a maioria das comunidades agroflorestais eram autossuficientes e cada família produzia a sua própria cerâmica para consumo próprio e para o comércio. O censo de 1804 da cidade de São Paulo oferece informações importantes sobre os lugares e pessoas que faziam cerâmica na cidade, que se pode considerar divididas entre familiares e “comerciais” a partir do registro arqueológico (p. ex.: Zanettini e Wichers, 2009; Munsberg, 2018). No referido censo (Rabello, 1977), havia 160 “louceiros” nos 1667 fogos da cidade; isto é, em quase 10% das residências se produzia vasilhas cerâmicas. Dos 160 “oleiros”, 60 não eram escravizados, incluindo: 17 mulheres “mulatas”; 11 mulheres “brancas”; 23 homens “mulatos”; 9 homens “brancos”. O problema é descobrir quais os tipos de vasilhas feitos (com ou sem torno), e quem produzia nos 100 fogos não especificados, se todos ou apenas parte era escravizada, se eram indígenas,

africanas ou afro-brasileiras, ou “brancos”. Há registros de que o redor do ano 1800, a cerâmica vendida na “Feira de Pilatos” do Campo da Luz era produzida pelos “índios, que são os que fazem a louça ordinária” (Mendonça, 1899: 215) a ser usada pelos residentes de São Paulo.

Outro aspecto que Herta considerou foi as ferramentas de trabalho das mulheres ceramistas de Jairê, distrito do município de Iguape (Figura 2). Trata-se de tema pouco conhecido na produção e decoração das vasilhas, apesar dos avanços presentes nas relevantes investigações de arqueologia experimental em relação a sítios das áreas Tupiniquim, Tupinambá e Guarani (Jácome et al., 2010; Sallum, 2011; Di Baco, 2012; Panachuk, 2021; Silva, 2023). Aqui destacamos o uso de:

- 1) “cuipeva”, para desbastar e tirar o excesso de argila no processo de levantar e dar forma à parede, feita com pedaços de *Crescentia cujete* L. e *Lagenaria siceraria* (Molina) Standl.;
- 2) sabugo de milho, seco, tostado ou úmido (superfície mole), usado para dar forma, alisar e decorar a superfície das paredes, resultando no conhecido tratamento de superfície escovado – que as ceramistas de São Paulo chamam de “sabugado”. Eventualmente, devido às variedades de milho, a superfície do sabugo possui receptáculos de grãos com larguras e profundidades diferentes, cujos sulcos produzem diferentes feições de escovados.
- 3) seixos e sementes de “coroanha” para polir a superfície externa e interna da parede antes da queima (a coroanha – *Mucuna urens* (L.) Medik – era uma árvore cultivada, presente em quase todo o Brasil).

Todas as comunidades visitadas por Herta (1982, p. 32) usavam a cuipeva, ferramenta com formatos planos ou curvos, com bordo arredondado (provavelmente pela raspagem na superfície abrasiva de artefato lítico). Os seixos foram mais citados, mas a semente de coroanha, cujo nome Tupiniquim/Tupinambá é **kuruaiá** ou **mukunã** (Soares de Sousa, [1587] 1987, p. 205; Brandão, [1618] 2010, p. 215; Marcgrave, 1648, p. 18; Theatrum, 1993 2, p. 173), parece (enquanto não se desenvolve esta investigação) ser uma alternativa viável pelo fato de ser uma espécie de cultivo comum e que poderia suprir a falta de seixos em determinadas áreas (e a fécula contida na semente também poderia ter uso medicinal, como veneno e,

eventualmente, como alimento devidamente processado com aquecimento para eliminar a sua toxicidade).

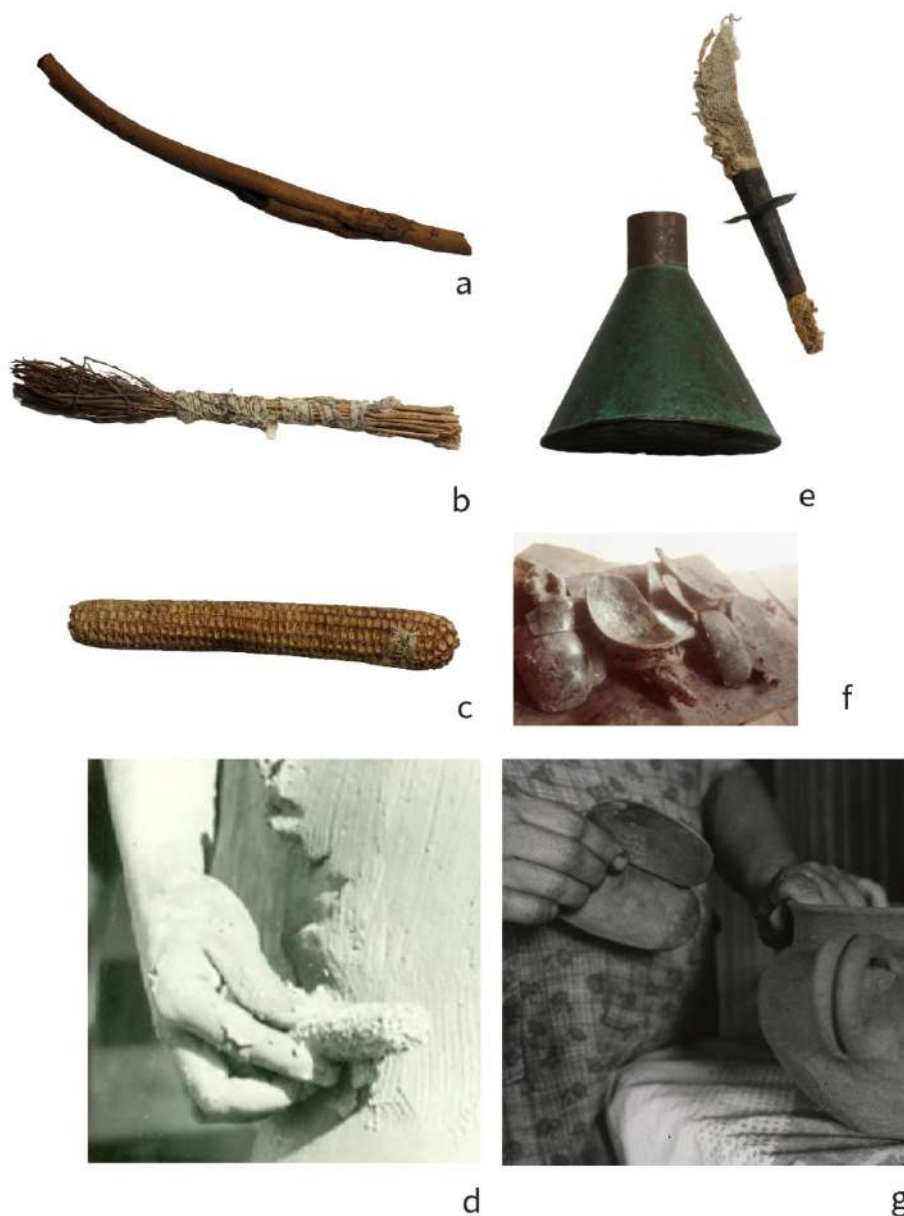


Figura 2: a) casca de jacatirão, Jairê - 1963; b) vassorinha – “guanxuma de timbopeva” – para espargir líquido cozido de jacatirão nas vasilhas incandescentes, Jairê - 1963; c) espiga áspera de milho para sabugar; d) aplicação do tratamento sabugado; e) lamparina, Jairê - 1963; f) cuipevas – Jairê - 1973; g) uso da cuipeva (Jairê, acervo MIS/São Paulo). As demais imagens são do acervo Scheuer, Mae- UFPR, fotos a, b, c, e: M. Sallum.

O “pito”, nome comunitário usado pelas ceramistas que os faziam, correspondem aos cachimbos angulares antropomorfos. Eles formam um conjunto importante, com inúmeras

informações sobre práticas tecnológicas e sociabilidades nas diversas comunidades, mananciais da confluência de saberes de pessoas Indígenas, Africanas e Europeias. Encontramos no termo de doação firmado em agosto de 1984 (Figura 3, fragmentos digitalizados do documento Mae-UFPR III.001.2903.047), uma declaração inédita de Herta, desconhecida até agora, mas importante para os estudos de gênero sobre o uso dos pitos nas comunidades *caíçaras* e *caipiras* de São Paulo e do Paraná:

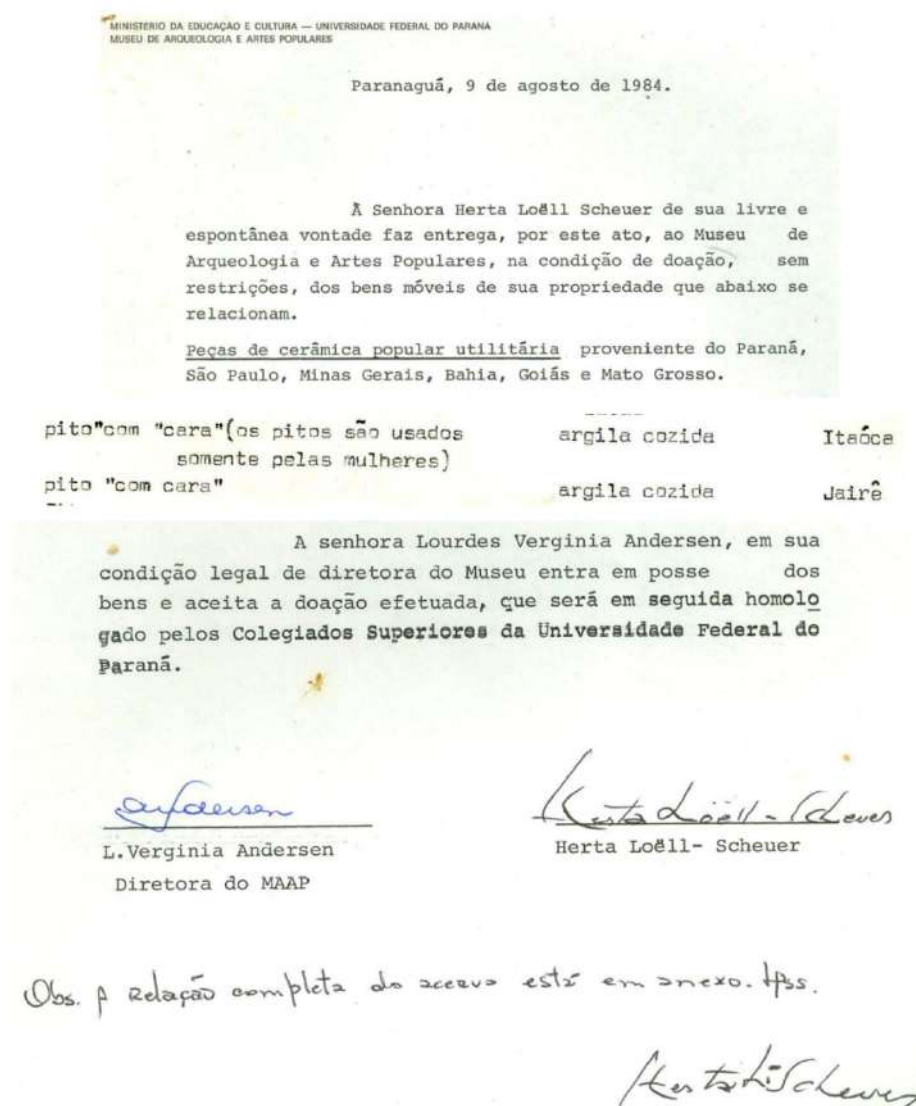


Figura 3: Termo de doação do acervo Mae-UFPR, digitalização do Mae-UFPR.

A declaração de que os “pitos com cara” eram “usados somente pelas mulheres” de Itaóca e Jairê, sugere uma prática de gênero comum nas comunidades agroflorestais em outros lugares onde há registros de “cachimbos antropomorfos”. Não vamos estender aqui este tema, mas o

consumo de tabaco é milenar nas comunidades indígenas, continuado entre suas descendências em relação com pessoas europeias e africanas, portanto um saber ancestral nas comunidades onde Herta esteve. A nossa hipótese é: tal como fizeram com a cerâmica Paulista na primeira metade do século 16, no mesmo período as mulheres Tupiniquim apropriaram-se da forma angular do cachimbo europeu, das suas decorações europeias e do modo de preparar o tabaco para fumar, picando-o para inseri-lo no forninho do pito. Elas transformaram os seus milenares cachimbos tubulares nos pitos lisos e decorados com elementos antropomorfos e geométricos, encontrados nas mesmas áreas da Cerâmica Paulista no Estado de São Paulo e noutras, assim como em outras áreas geográficas do Brasil (Figura 4 a, b; e pitos lisos Fig. 4 c, d, e, f).



Figura 4. a) Jairê - 1963; b) Itaóca - 1967; c) Caputera - 1963; e) esculpido em pedra sabão, Jairê - 1963; d) Itaóca – “tipo antigo, achado na roça”, cf, relatório de Scheuer; f) Morro das Pedras – Iguape - 1967. Acervo Scheuer, MAE-UFPR, fotos M. Sallum.

A terminologia das produtoras da Cerâmica Paulista

Herta ainda mostrou aspectos da linguagem das ceramistas, abrindo outro campo de investigação ainda foi pouco explorado, especialmente sobre a ancestralidade Tupiniquim e as línguas de pessoas que vieram para a região a partir do século XVI, como a Guarani e as línguas

Africanas. E, em processo de estudo acadêmico e trabalho das comunidades e suas professora(e)s Indígenas, existe a língua Tupi Guarani que emergiu relações Tupiniquim e Guarani do século XIX (Sallum e Noelli, 2021, 2023). A importância da pesquisa da linguagem manifestando saberes ancestrais emerge em outras práticas, como a necessidade atual de preservar os territórios e o seu meio ambiente (Peterson et al., 2021), cujas conexões com o passado possuem imenso potencial a ser desenvolvido. A tabela 2 mostra alguns exemplos, incluindo nomes Tupiniquim:

Tabela 2. Linguagem da cerâmica.

Nome	Descritivo
Tacuí	Em PR 1: “Adicionam o tacuí, saibro encontrado na camada superior do depósito de barro e em certos trechos das margens do Rio dos Medeiros. Costuma-se, também, no lugar do tacuí, adicionar o pó de cacos cozidos - “para o barro ficar forte”. Este tacuí é preparado para o uso, da seguinte forma: fazem-se bolotas e empilham-nas sobre um feixe de lenha; depois de bem queimadas, socam no pilão e peneiram o pó” (Scheuer 1969, p. 4)
Taguá	“engobe vermelha... para pintar o vasilhame, que antigamente era passada tanto sobre os recipientes para líquido, quanto nos destinados ao fogo. O barro ferruginoso era aplicado com os dedos, antes de se polir a parede com a pedra” (Scheuer 1969, p. 3, 1976, p. 13, 95, 1978, p. 69)
Cuipeva	Em PR1, SP1, SP2, SP3, SP4, SP5, SP6, SP7, SP8, SP9: são usados pedaços alongados ou curvados de <i>Crescentia cujete</i> L. “para alisar as paredes externas” (Scheuer 1969, p. 3, 1976, p. 95)
Coroanha	Em SP 7, a semente de <i>Mucuna urens</i> (L.) Medik é utilizada para polir as superfícies previamente alisadas (Scheuer 1976: 86); são espécies usadas pelos Tupiniquim/Tupinambá: kuruaiá e mukunã (Soares de Sousa, [1587] 1987: 205; Brandão, [1618] 2010: 215; Marcgrave, 1648, p. 18; Theatrum, 1993 2, p. 173).
Tabatinga	“engobo branco” e pintura (Scheuer 1976, p. 95)
Pichorra	bule (Scheuer 1969, p. 7, 1976, p. 64)
Polido	Com “pedra” (seixo) ou semente de coroanha (Scheuer 1969, 1976, 1982)
Prega, rebite, repinicado	Corrugado (Scheuer 1976, p. 15, 1982, p. 34)
Sabugado, riscado	“estrias ocasionadas pelo tratamento com o sabugo de milho”, escovado (Scheuer 1976, p. 95, 1982, p. 34)
Gominho	Canelado (Scheuer 1976, p. 95, 1982, p. 34)
Polimento	“A pedra ovalada e lisa, as vezes substituída por um pedaço de cabaça, uma lâmina de metal ou caroços de semente, e utilizada, na fase final, para o polimento das faces externas do recipiente, produzindo uma certa impermeabilização das paredes” (Scheuer 1982, p. 26).

PR 1: “Depois de quatro ou cinco dias, as paredes internas e externas do vasilhame são fortemente esfregadas com a pedra. Em geral esse tratamento deixa estrias brilhantes; quando, porém, o trabalho é bem feito, a superfície brilha por igual. Depois desse polimento, a cerâmica está pronta para a queima (Scheuer 1969, p. 5).

SP 4: “Os recipientes destinados ao fogo, não são polidos com a pedra” (Scheuer 1976, p. 40)

Pesquisas e registros posteriores aos estudos de Herta Scheuer

Existe uma quantidade significativa de pesquisas sobre as comunidades de mulheres ceramistas de São Paulo e do Paraná, com resultados que mostram a correção das informações de Herta, assim como mudanças que ocorreram de formas diversas em cada lugar. Apresentamos uma lista (incompleta!) de publicações relevantes em termos antropológicos, artísticos, históricos e arqueológicos sobre as vasilhas e as comunidades aonde elas foram/são produzidas, e que chamamos de Cerâmica Paulista (também conhecida na arqueologia brasileira com cerâmicas “Neobrasileira” e “Local/Regional”, cuja bibliografia completa é vasta, mas não foi citada aqui):

AGOSTINI, Camila. 2010. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 4, n. 2, p. 127-144.

AGOSTINI, Camila. 2011. Mundo Atlântico e clandestinidade. Dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX. (Tese de Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BARBOSA, Ney Caldato. 2024. A vila de Santos: gênese e morfologia urbana entre os séculos XVI-XVIII. (Tese Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo). São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

BERTAPELLI, Vladimir. 2015. As metamorfoses do nome: história, política e recombinações identitárias entre os Tupi Guarani. (Dissertação de Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara.

BERTAPELLI, Vladimir. 2017. A miscigenação como negação do outro: os “Índios Aldeados” e o fim dos aldeamentos paulistas. *História e Cultura*, v. 6, n. 1, p. 262-288.

- BERTAPELI, Vladimir. 2017. Primeiras notas sobre a relação entre indígenas e o serviço de proteção aos índios no litoral paulista (1923-1967). *Espaço Ameríndio*, v. 11, n. 2, p.112-142.
- BERTAPELI, Vladimir. 2019. Os fragmentos da história: primeiras notas etnográficas sobre os Tupi e Tupi Guarani. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*, 14(2):651-662.
- BERTAPELI, Vladimir. 2020. De fragmentos ditos a escritos: uma história sobre territorialidade e territorialização dos antigos e atuais Tupi, Guarani e Tupi Guarani. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara.
- BORNAL, Wagner Gomes. 2008. Sítio histórico São Francisco: um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CALARESI, Anna C. M. A. 2014. Argila: matéria-prima para cerâmica popular – Três casos: Rio Real (BA), Apiaí (SP) e Taubaté (SP). (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CALARESI, Anna C. M. A; SILVA, Anna, M. A. 2022. Cerâmica popular brasileira de Apiaí: Preservação do patrimônio cultural através de uma abordagem técnica. *Conservar Patrimônio*, v. 40, p. 68–82.
- CERÁVOLO, Marina V. N. 1988. Cerâmica de Apiaí: momentos de uma pesquisa em arte popular. *Cerâmica*, v. 34, n. 217, p. 14-22.
- CERÁVOLO, Marina V. N.; AMARANTE Jr, A.; CORRÊA, W L. P. 1982. Aspectos gerais sobre a cerâmica de Apiaí e levantamento preliminar das argilas utilizadas como matérias-primas. *Cerâmica*, v. 28, n. 155, p. 429-437.
- CHMYZ, Igor. 1995. Arqueologia de Curitiba. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, v. 21, n. 105, p. 5-54, 1995.
- CHMYZ, Igor; SGANZERLA, Eliane M.; CECCON, Roseli S.; GOMES, Angela A. O. 2016. Diagnóstico arqueológico, histórico e ambiental na área do sítio PRTI-9: Fazenda Capão Alto, município de Castro, Estado do Paraná - Relatório final. Curitiba: [s.n.].

- CUCHIERATO, GlauCIA; MOTTA, J. F. M.; TANNO, L. C.; CABRAL Jr., N. M.; RODRIGUES, A. A. 2005. Cerâmica artesanal no alto Vale do Ribeira (SP). Anais do 49 Congresso Brasileiro de Cerâmica. <https://www.ipen.br/biblioteca/cd/cbc/2005/artigos/49cbc-18-01.pdf>
- DANAGA, Amanda. 2012. Os Tupi, os Mbya e os Outros: um estudo etnográfico da aldeia Renascer – Ywyty Guaçu. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- FERNANDES, Rosane P.; BANDEIRA, Dione R. 2020. A coleção etnográfica de cerâmicas caseiras de Guilherme Tiburtius – cultura material e história da região de Araucária (PR). Revista Confluências Culturais, v. 9, n. 1, p. 104-116.
- FERNANDES, Rosane P.; BANDEIRA, Dione R. CARELLI, Mariluci N. 2021. Entre coisas colecionadas e coleções musealizadas: funções e valores da materialidade histórica. Estudos históricos, v. 13, n. 26.
- GERNET, Marcelo V.; BIRCKOLZ, C. J.; SANTOS, E. V. 2012. Arqueologia histórica na região da Ponta do Poço, município de Pontal do Paraná, Paraná: estudo de um sítio arqueológico por métodos não interventivos. Caminhos de Geografia (UFU), v. 13, p. 75-88.
- HORA, Juliana; PORTO, Vagner; MAGALHÃES, Wagner; ALENCASTRO, Elaine. 2020. Unveiling Regional Archaeological Heritage, Historical Archaeology at Vale do Ribeira: The Case of Sobrado dos Toledos, Iguape-São Paulo. International Journal of Historical Archaeology, v. 24, p. 707– 727.
- KRONE, Ricardo. 1908. Informações ethnographicas do valle do rio Ribeira de Iguape. Comissão Geographica e Geológica do Estado de S. Paulo: Exploração do rio Ribeira de Iguape, p. 23-24.
- KRONE, Richard. 1906. Die Guaranty Indianer des Aldeamento do Rio Itariri mi Staate von Sao Paulo in Brasilien. Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien, v. 36, p. 131-146.
- LADEIRA, Maria I. 2007. O caminhar sobre a luz: o território Mbyá à beira do oceano. São Paulo: EDUNESP.
- LIMA, Manoel R.M. 2007. A fotografia como instrumento da documentação e preservação da memória: arte e sobrevivência no Alto Vale do Ribeira. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- MACEDO, Valéria M. 2009. Cultura e afecção em uma aldeia guarani na Serra do Mar. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MAGRINI, Amanda. 2019. Lá no alto, o barro é encantado: A cerâmica do alto vale do Ribeira—SP. (Dissertação de Mestrado em Artes). São Paulo: Universidade Estadual Paulista.
- MAINARDI, Camila. 2010. Construindo proximidades e distanciamentos: Etnografia Tupi Guarani da Terra Indígena Piaçaguera/SP. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- MAINARDI, Camila. 2015. Desfazer e Refazer Coletivos: o movimento Tupi Guarani. Tese (Doutorado em Antropologia Social). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MAINARDI, Camila. 2017. Tupi Guarani: Entre usos e exegeses. *Revista de Antropologia da Universidade Federal de São Carlos*, v. 9, n. 2, p. 73-86.
- MANFRINI, Marcelo R. 2020. Cacos fragmentados em uma sociedade conectada: produção e distribuição de cerâmica utilitária na São Paulo colonial. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- MANFRINI, Marcelo R. 2021. Variabilidade decorativa na cerâmica paulista colonial: influências e resistências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 37, p. 178-203.
- MELLO, Louise C. 2022. Juntando cacos: persistência e reexistência nas práticas cerâmicas no Vale Guaporé. *Cadernos do Lepparq*, v. 19, n. 37, p. 92-123.
- MELLO, Louise. C. 2023. Memória, Corpo e Território: o Forte Príncipe da Beira e o Guaporé afro-amazônico. (Tese de Doutorado em História e Estudos Humanísticos) Sevilha/Niterói: Universidad Pablo de Olavide/Universidade Federal Fluminense.
- MORAIS, José L.; PIEDADE, Sílvia C.; MAXIMINO, E. P. B. 2004/2005. Arqueologia da terra brasilis: o engenho São Jorge dos Erasmos, na capitania de São Vicente. *Revista de Arqueología Americana*, v. 23, p. 349-384.
- MUNSBURG, Suzana E. R. 2018. Dos seiscentos aos oitocentos: estudo da variabilidade estilística da cerâmica durante os processos de construção e reconfiguração das identidades paulistanas. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- NASCIMENTO, Haydée. 1986. Cerâmica folclórica em Apiaí. *Revista do Arquivo Municipal*, v. 186, p. 45–121.

- RABELLO, Elizabeth. 1977. Os ofícios mecânicos e artesanatos em São Paulo na segunda metade do século XVIII. *Revista de História*, v. 112, p. 575–588.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Érika. et al. 2016. Paisagens Culturais da Baía de Santos. São Paulo: Documento.
- SILVA, Priscila G. F 2017. A compra da coleção Guilherme Tiburtius por Joinville: uma coleção arqueológica na cidade “germânica”. (Dissertação de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade). Joinville: UNIVILLE.
- SILVA, Rúbia A. 2023. A persistência de práticas cerâmicas do período pré-colonial ao presente: a Cadeia Operatória das panelas de barro de Goiabeiras em Vitória – ES. (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
- SOUZA, Joseneide F. 2015. Artesanato e design: identidade e mercado – A produção cerâmica no Vale do Ribeira/SP. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- TIBURTIUS, Guilherme. 1968. *Altere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien*. *Anthropos*, v. 63/64, n. 1/2, p. 49-74.
- WALDECK, Guacira. 2014. De “luta do barro”, “isso do barro”, “nesse serviço” à cerâmica de Apiaí. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v. 11, n. 1, p. 107-128.
- ZANETTINI, Paulo. 2005. *Maloqueiros e seus Palácios de Barro: o Cotidiano Doméstico na Casa Bandeirista*. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- ZANETTINI, Paulo; WICHERS, Camila M. 2009. A cerâmica de produção local/ regional em São Paulo colonial. In: MORALES, Walter; MOI, Flávia. (eds.). *Cenários regionais em arqueologia brasileira*. São Paulo: Annablume, pp. 311-334.
- ZEQUINI, Anicleide. 2006. *Arqueologia de uma fábrica de ferro: morro de Araçoiaba séculos XVI-XVIII*. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Para ler as figuras:

As figuras apresentadas a seguir não foram numeradas, mas todas referem autoria ou propriedade intelectual, como no caso do acervo Mae-UFPR e Mis-SP. Elas contêm fotos e

desenhos, medidas e diversas citações de descrições das publicações de Scheuer. No canto superior esquerdo consta o código de registro do acervo do Mae UFPR. Herta citou as terminologias das comunidades, explicando-as a “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica” (1967, 1969).

Herta também destaca, quando é o caso, as variações que as vasilhas teriam nas proporções, morfologias e apêndices. Por exemplo, uma panela poderia ter de duas a quatro asas ou, nenhuma, dependendo da ceramista ou de alguma encomenda particular. Portanto, algumas vasilhas podem não corresponder exatamente ao que está representado nos desenhos representativos dos padrões que Herta documentou.

A autoria das fotos é M. Sallum, feitas em Curitiba e Paranaguá (apenas a II.867 é de Douglas Fróes, do MAE-UFPR). As medidas e a descrição das peças são de F. S. Noelli. A reconstrução digital é de C. Guedes, e a compilação da linguagem e descrições de Herta é de H. Ioris.

Tabela 3: Legenda das figuras

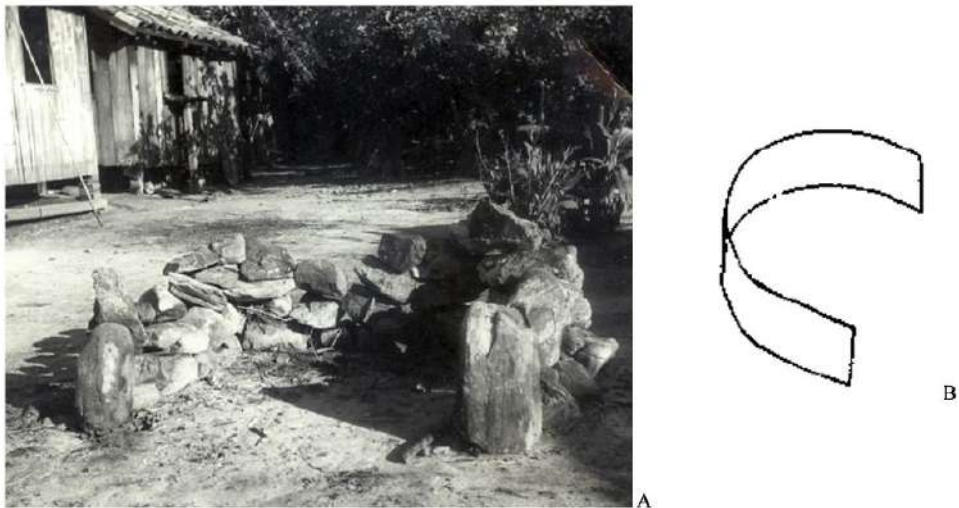
h	Altura
∅	Diâmetro maior, medido na parte externa da borda
Boca	Diâmetro menor, medido na parte interna da borda
Base	Diâmetro medido na superfície que toca o lugar onde a vasilha é apoiada
Sup.	Superfície da vasilha, interna ou externa
II.55	Exemplo de código de registro no acervo MAE UFPR
UTM	Indica localização relativa
n.a.	Nota da autoria

Pr 1 - Comunidade Porto dos Medeiros UTM 22j 756155 7191030

Queima à céu aberto: “queima no fogo aberto. O local, situado ao lado ou atrás da casa, é cercado - em forma semicircular (um metro e meio de diâmetro) com pedras empilhadas até cinquenta centímetros de altura.

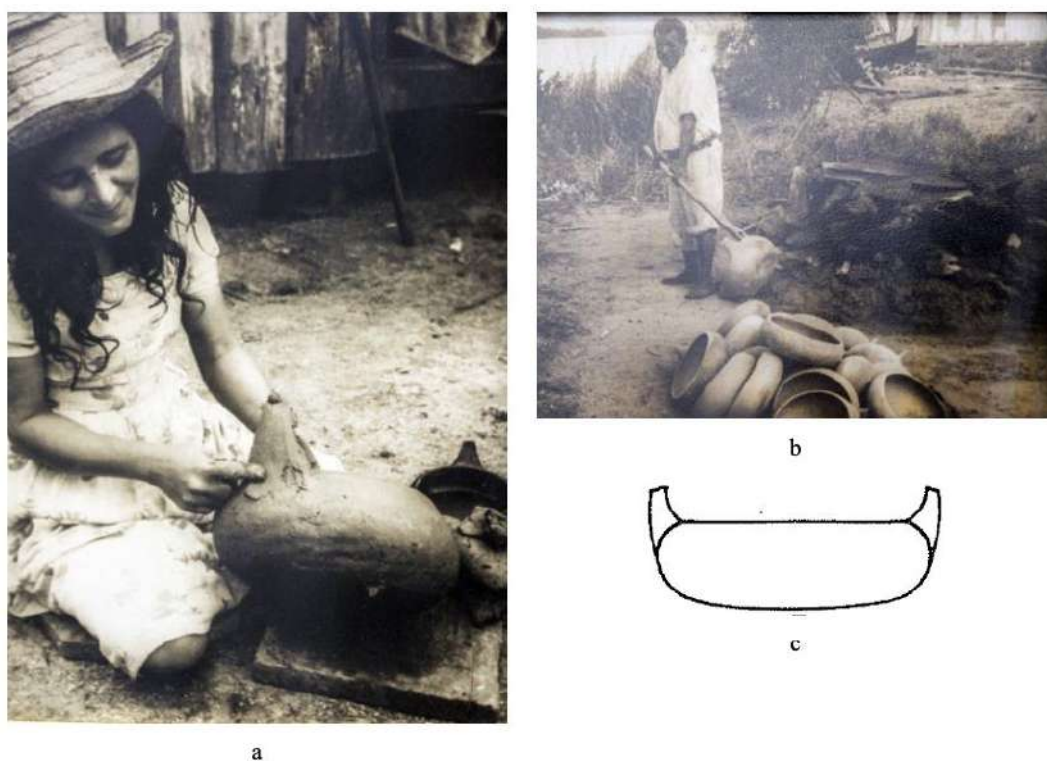
De cada vez, cozem-se vinte e cinco ou mais vasilhames.

Devido à queima em fogo aberto, quase todas as peças apresentam manchas escuras nas paredes. A perda é alta: pode acontecer de até cinquenta por cento da louça rachar durante a queima” (Scheuer, 1969, p. 6).



Forno semicircular. a) queima em fogo aberto, cercado por pedras empilhadas, Foto: Scheuer, acervo MAE-UFPR; b) desenho Scheuer (1982:79).

Figura 5: Forno semicircular



a) Dona Senhorinha Ramão da Costa – “a chefe”, quinta geração de família ceramista; b) vasilhas sendo tiradas do “forno”. Fotos: Scheuer, acervo MAE-UFRP; c) Scheuer 1969: 8, Prancha 6 e 7

Figura 6: Dona Senhorinha Ramão da Costa.

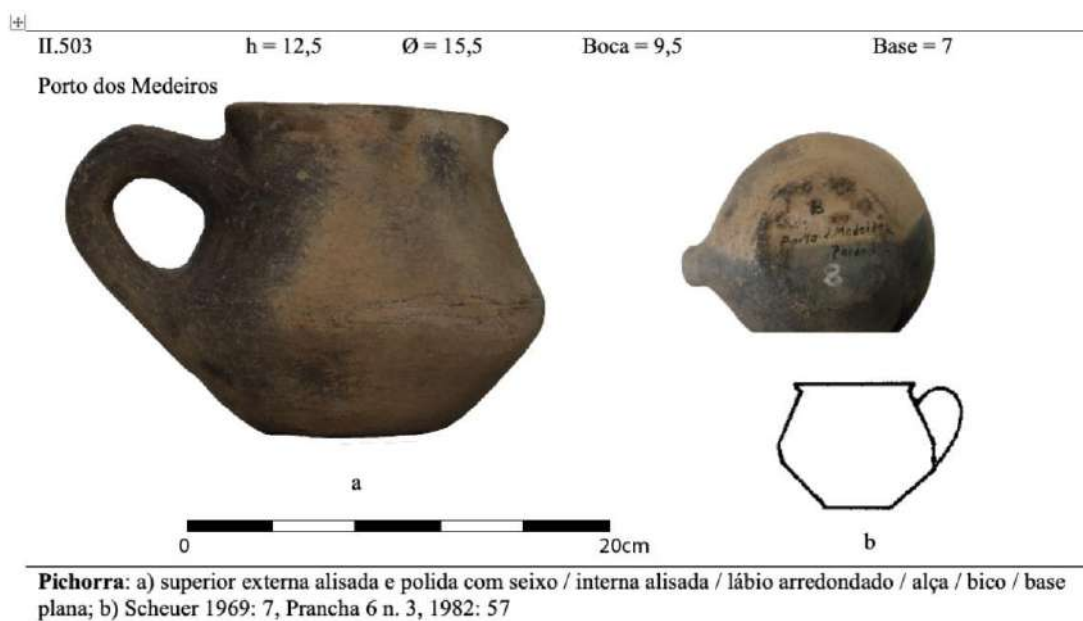
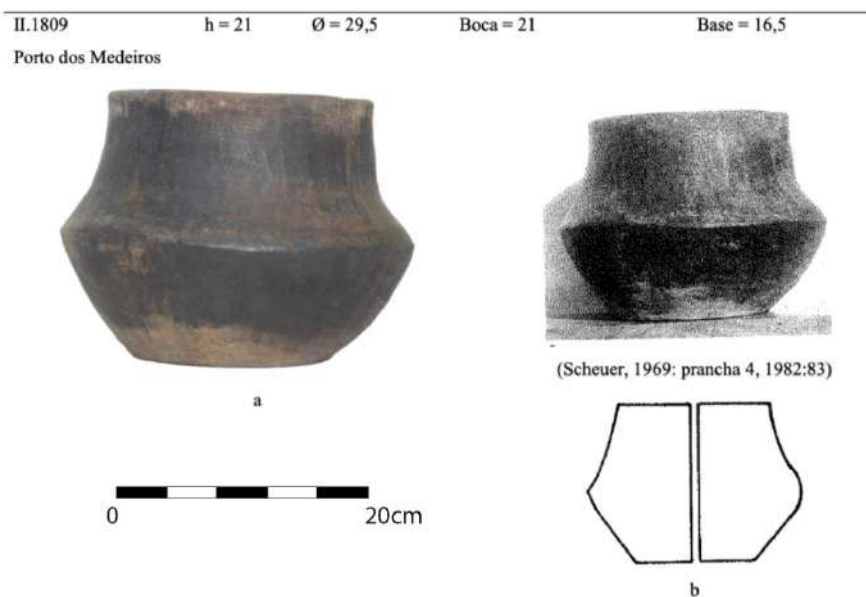


Figura 7: Pichorra



Panela grande, panela de boca: a) superior externa alisada e polida / interna alisada e polida / lábio arredondado / base plana; b) Scheuer 1969: 5, Prancha 6 n. 2, 1982: 57

Figura 8: II 1809, panela grande



Panela bojuda: a) sup. externa alisada e polida / interna alisada e polida / lábio arredondado / 2 alças / base plana; b) Scheuer 1969: 8, Prancha 6 n. 7

Figura 9: II 1798, panela bojuda

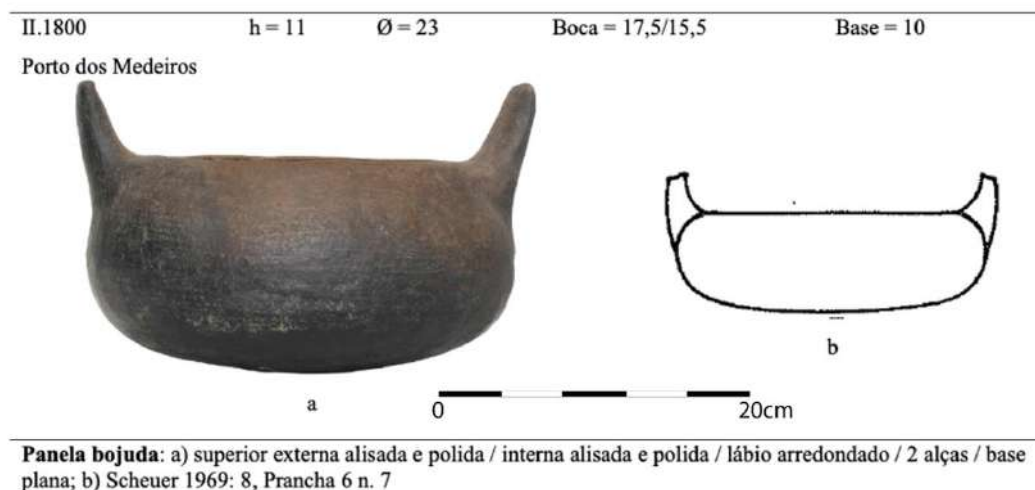


Figura 10: II 1800, panela bojuda

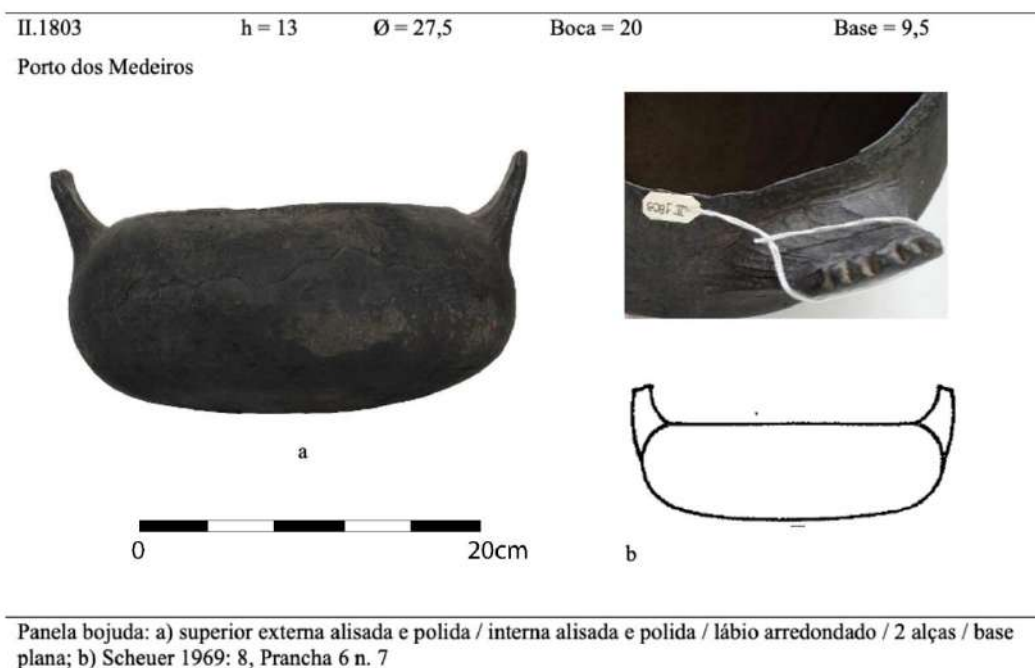


Figura 11: II 1803, panela bojuda

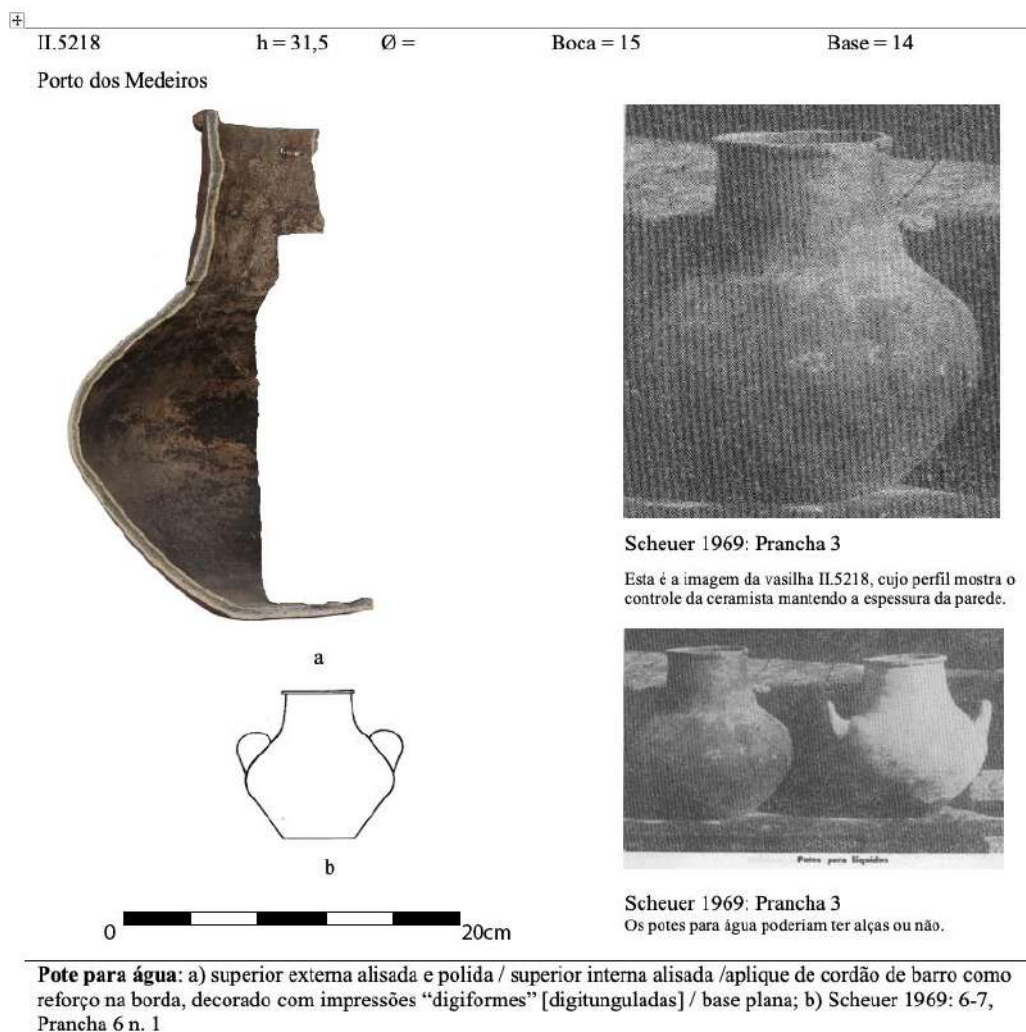


Figura 12: II 5218, pote para água



Figura 13: II 1808, frigideira



Figura 14: II 866, frigideira

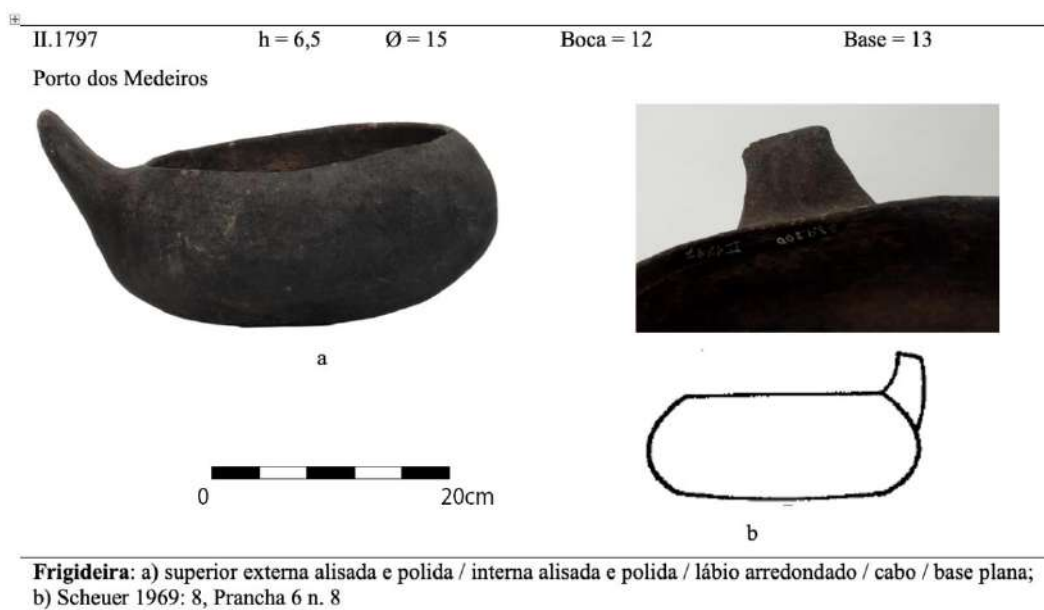


Figura 15: II 1797, frigideira



Figura 16: II 1806, cuscuzeiro

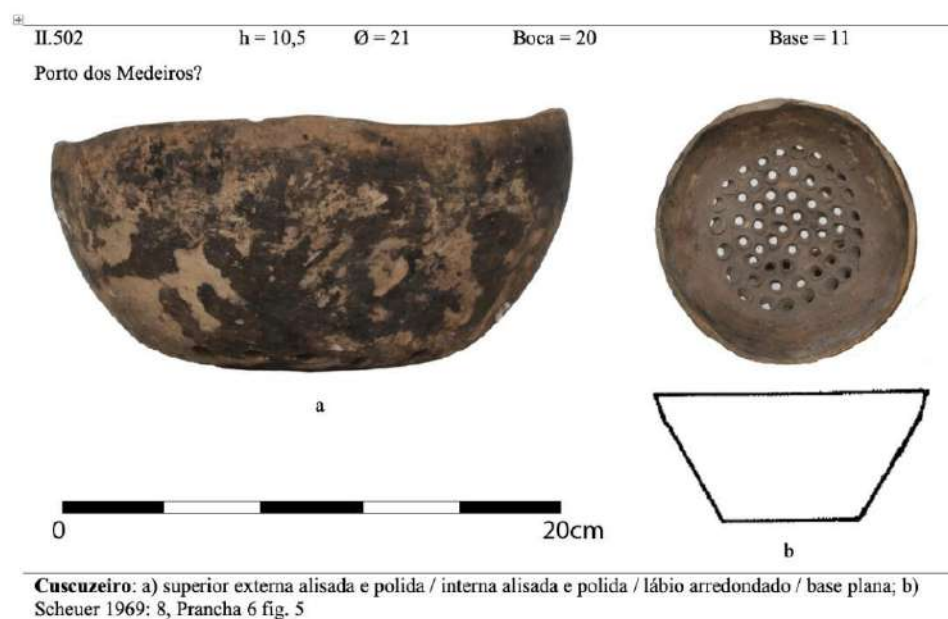


Figura 17: II 502, Cuscuzeiro



Figura 18: 80.42.8, boião, pote com alça

SP 1 - Serrinha de Bom Sucesso UTM 22J 693776 7312070

Queima em forno: “O forno de barranco, usado nesta zona para o cozimento dos vasilhames, geralmente se encontra na proximidade da casa da paneleira. Ele consiste em uma escavação vertical acima do barranco, destinada às cerâmicas, e outra horizontal, ao nível da base do barranco para o fogo. Na ligação de ambas é colocada uma grelha de barro.

O forno de D. Joaquina, que comporta 16 potes, 8 moringas e outros recipientes menores, tem as seguintes medidas: altura do barranco 1,40 m, escavação superior 0,50 m de profundidade e com 1,10 m de diâmetro. Espessura da grelha com 7 perfurações: 0,50 m. A escavação inferior possui 1,40 m de profundidade em sentido horizontal, medindo a boca 0,40 m por 0,50 m.

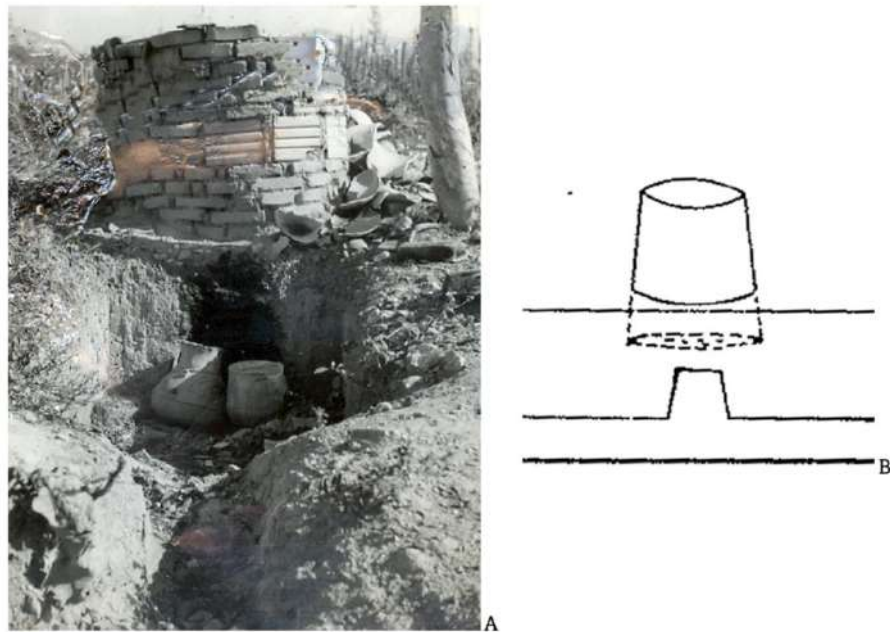
A queima é realizada uma vez por mês e deve coincidir com a fase de lua minguante – “quando a lua não tem força”.

A crença geral que as rachaduras das cerâmicas que ocorrem durante a queima são atribuídas às forças lunares. A busca da matéria-prima nos depósitos igualmente deve ser efetuada na minguante.

Antes do cozimento, a paneleira expõe os vasilhames durante algumas horas ao sol, num jirau.

Depois de secos completamente e aquecidos, são dispostos emborcados e empilhados na escavação superior. Cobre-se com cacos, fechando a abertura no topo do forno” (Scheuer, 1976, p. 20).

Scheuer (1976, p. 106) relatou que o “procedimento da queima” também “repete-se da maneira acima descrita” em Campinas, Apiaí, Itaoca.



a) Forno de Barranco misto, grelha no interior, topo aberto. Queima em fogo aberto em lugar cercado por pedras empilhadas em semicírculo. Foto Scheuer, acervo: MAE-UFPR; b) desenho Scheuer (1982: 79).

Figura 19: Forno de Barranco Misto



a) “O transporte da cerâmica por mula e dois jacás”, “a quantidade de lenha para a queima é medida em oito jacás” [quatro viagens = quatro cargueiros] (Scheuer, 1976: 13, 20); b) Joaquina Maria dos Santos, foto Scheuer, acervo MAE-UFPR.

Figura 20: Transporte da cerâmica por mula e dois jacás

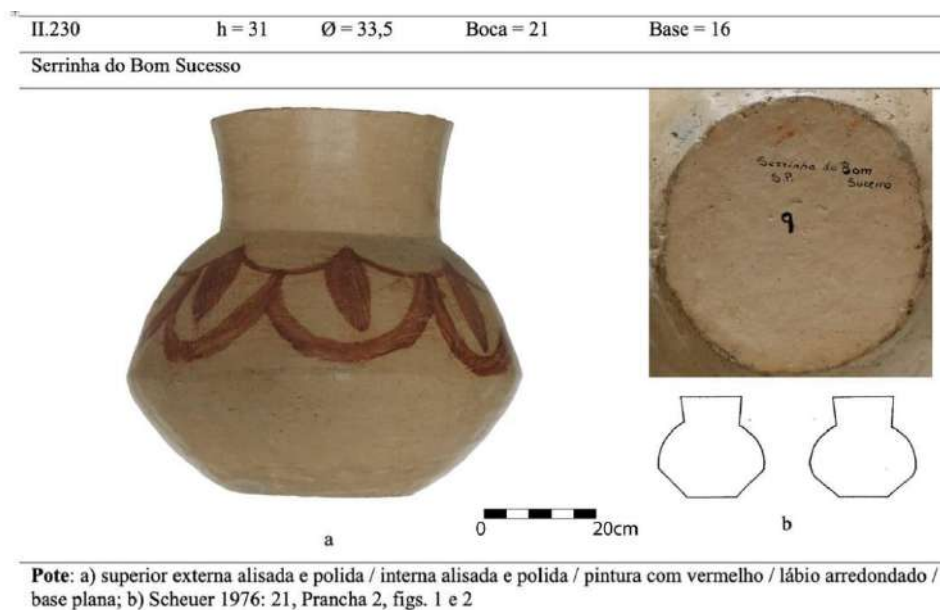


Figura 21: II 230, Pote

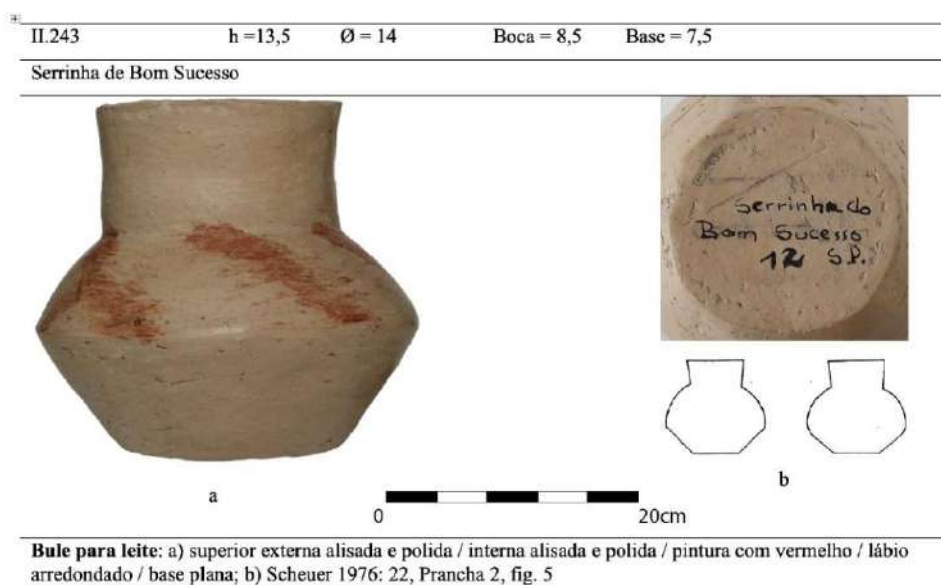


Figura 22: II 243, bule para leite

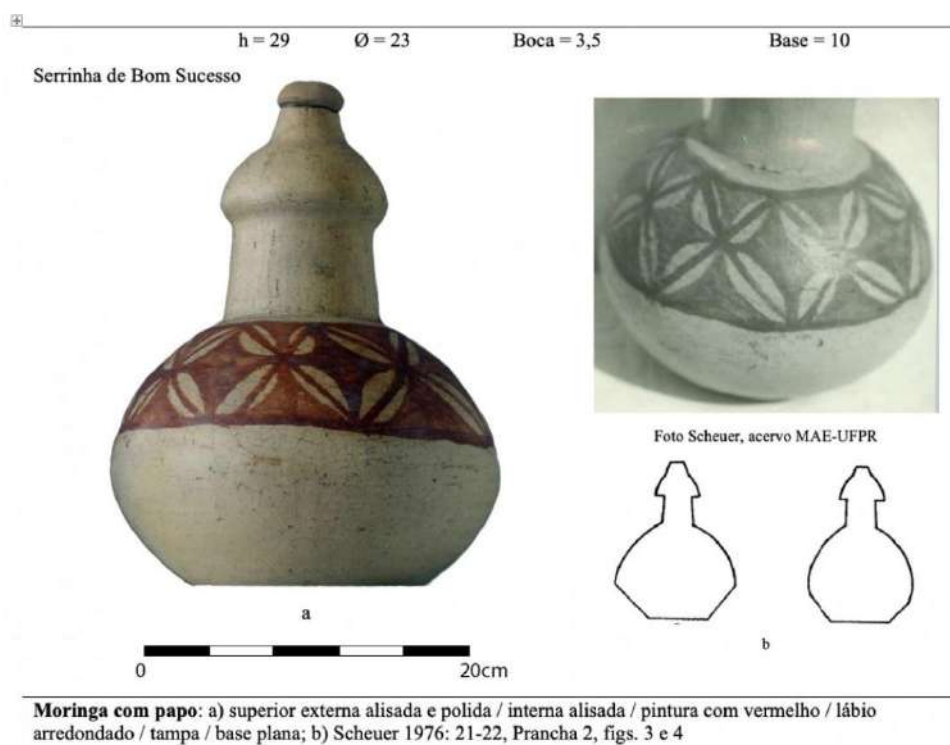


Figura 23: moringa com papo

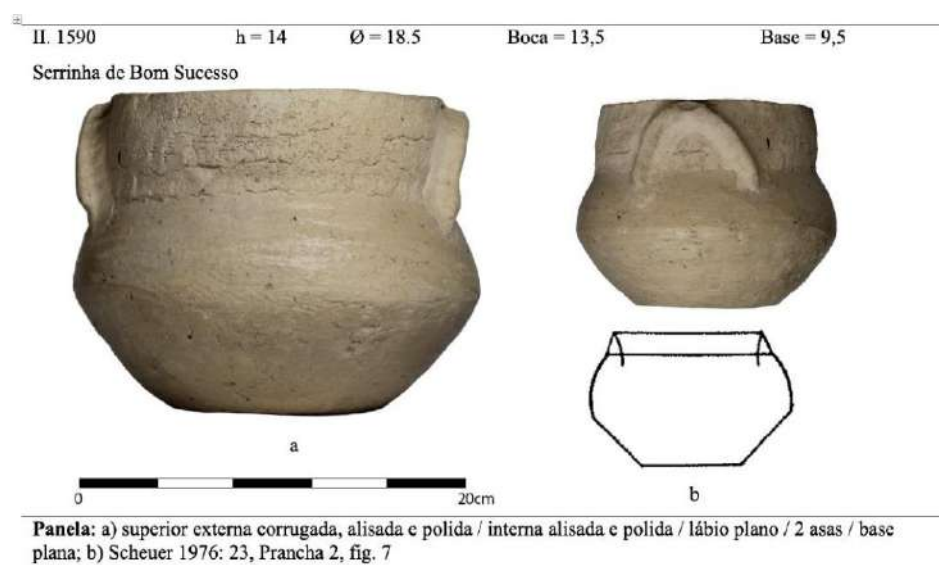


Figura 24: 1590, Panela

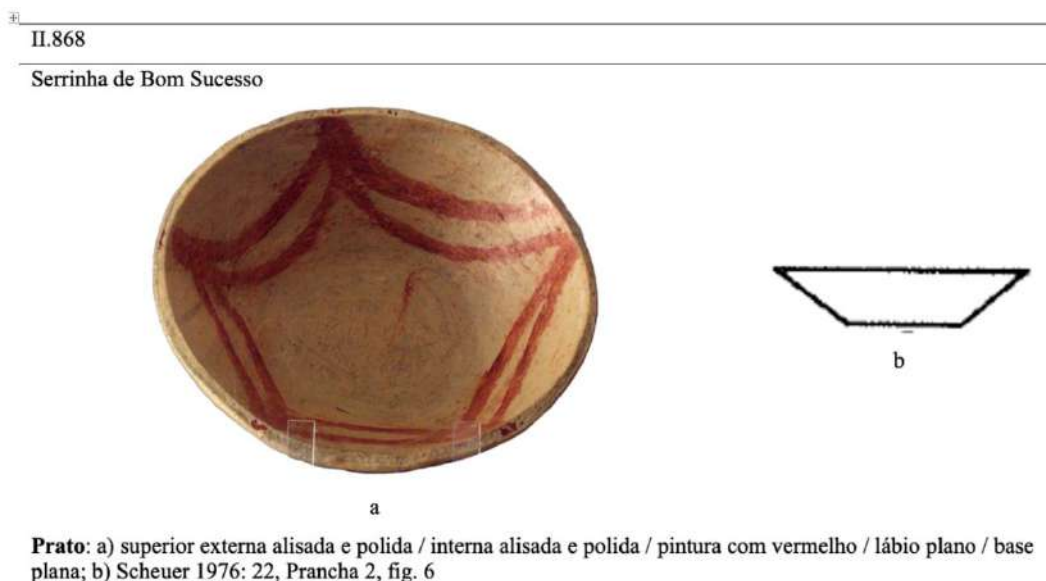


Figura 25: 868, Prato

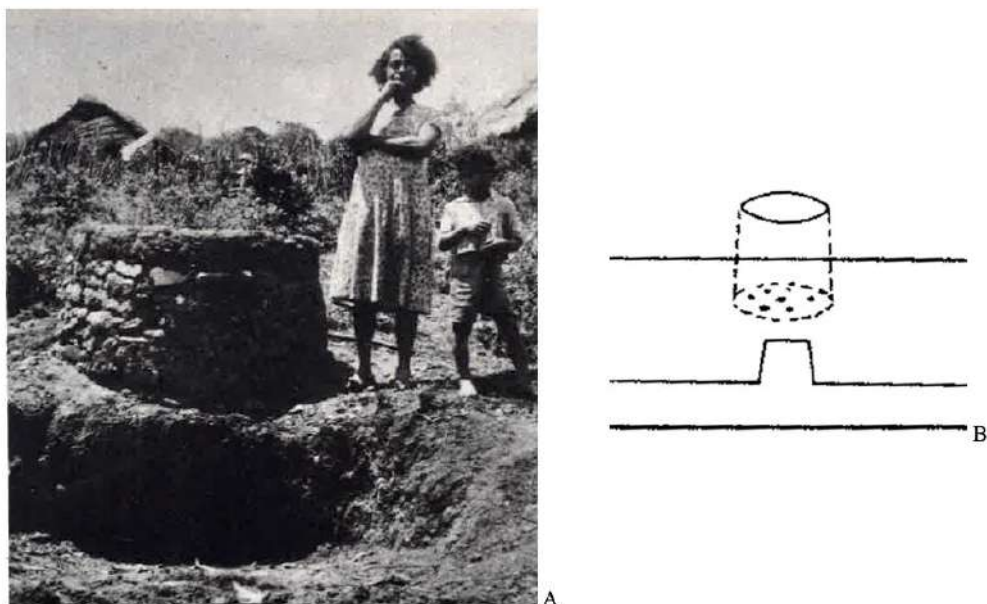
SP 2 - Campina de Fora UTM 22J 708401 7309626

Queima em forno: “D^a. Clara usa para a queima um forno de barranco de boa construção, com 1,20 m de altura. A escavação superior vertical contendo a grelha para as cerâmicas mede 0,60 m de profundidade, com 1,10 m de diâmetro. Cabem aí aproximadamente 35 vasilhames.

O forno de D.^a Bernarda é de tipo incomum. Edificou em seu terreno plano uma construção cilíndrica de 0,78 m de altura com base circular de 0,85 m de diâmetro, com barro e cacos. Contém no interior uma grelha. O fogo é mantido no buraco abaixo.

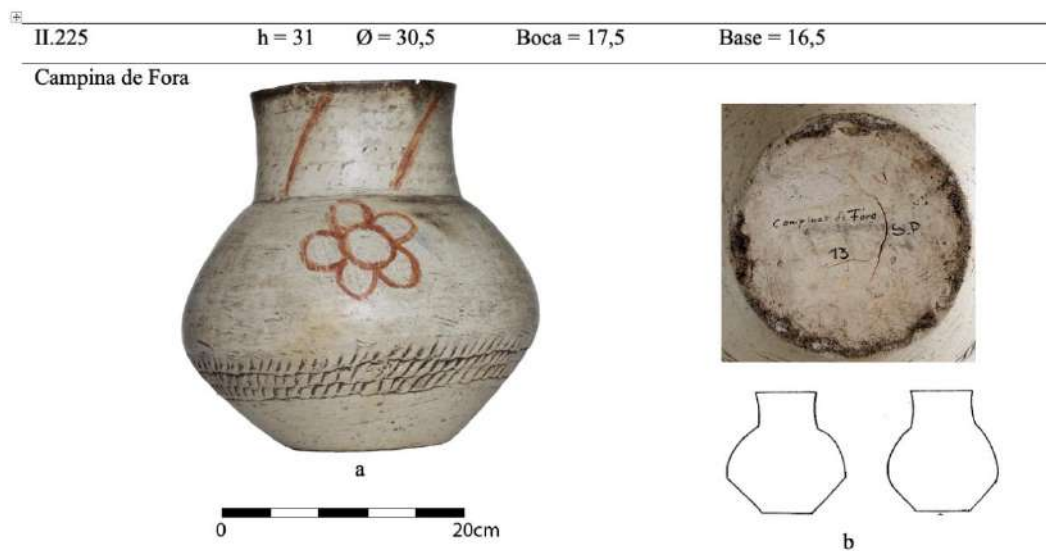
O cozimento da argila nesse tipo de forno tecnicamente insuficiente não chega a uma boa oxidação. É frequente manchas escuras nas paredes dos recipientes.

A perda é elevada” Scheuer (1976, p. 28-29).



a) Forno de Barranco, Bernarda Dias da Paz, Foto Scheuer, acervo: MAE-UFPR; b) desenho Scheuer (1982: 79).

Figura 26: Forno de Barranco, Bernarda Dias da Paz



Pote para líquidos: a) superior externa alisada e polida, decorada com vermelho e impressões à taquarinha / superior interna alisada e polida / lábio plano / base plana; b) Scheuer, 1976: 29-30, Prancha 3 fig. 1 e 2

Figura 27: II 225, pote para líquidos

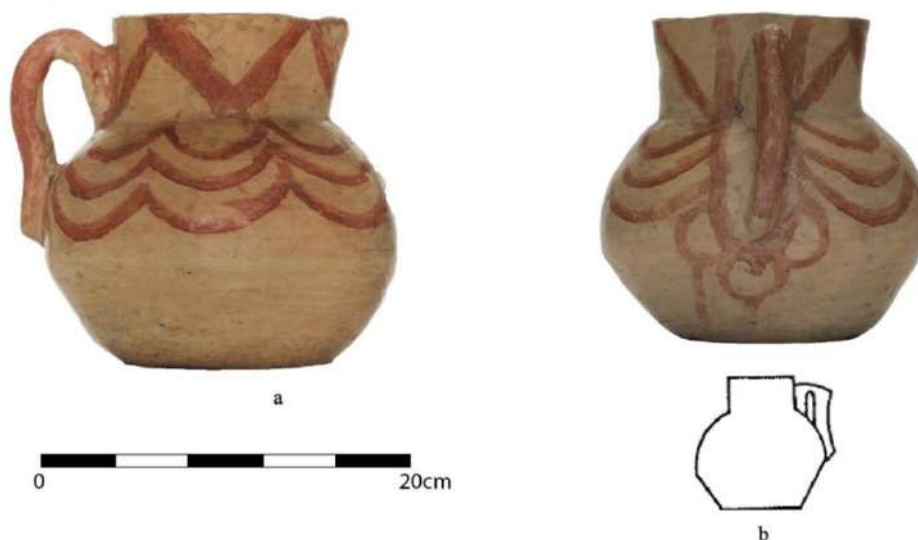
II.181 ^a	h = 25	Ø = 24	Boca = 23	Base = 11,5
II.181b	h = 4	Ø = 19	Boca = 19	Base = 12
Campina de Fora				



II.181a **Cuscuzeiro**: a) superior externa corrugada, riscada / superior interna alisada / lábio plano / base plana
 II.181b **Grelha**: b) superior externa e interna alisada / perfurações com taquara; c) Scheuer, 1976: 31-32, 33, Prancha 3 fig. 9

Figura 28: II 181 A, B, Cuscuzeiro e Grelha

II.1586	h = 21	Ø = 20,5	Boca = 14	Base = 12
Campina de Fora				



Bule: a) superior externa alisada e polida, decorada com vermelho/ superior interna alisada, lábio plano / base plana; b) Scheuer, 1976: 30, Prancha 3 fig. 5

Figura 29: 1586, Bule

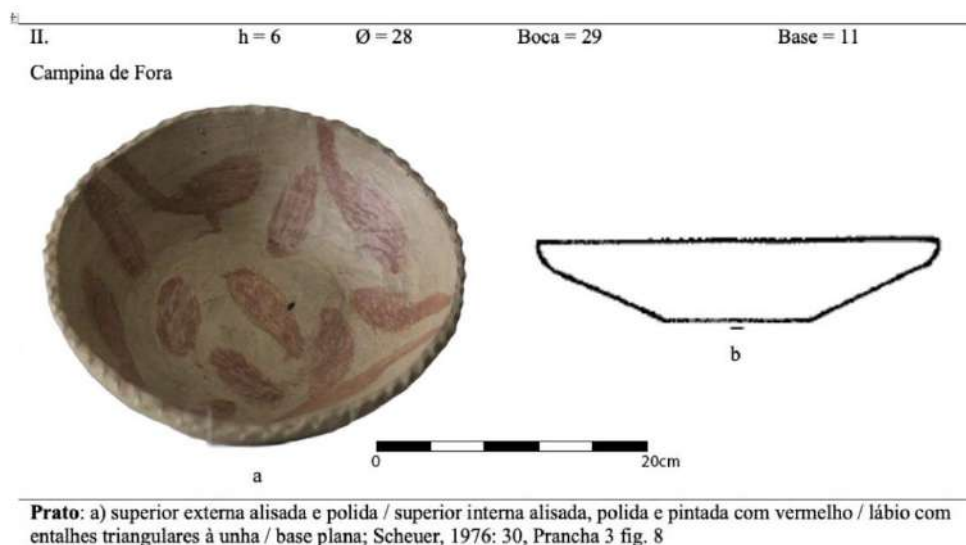


Figura 30: Campina de Fora, Prato

SP 3 - Apiaí UTM 23K 508814 7450113

Queima em forno: “O forno de barranco utilizado na queima dos vasilhames situa-se na proximidade da casa da paneleira.

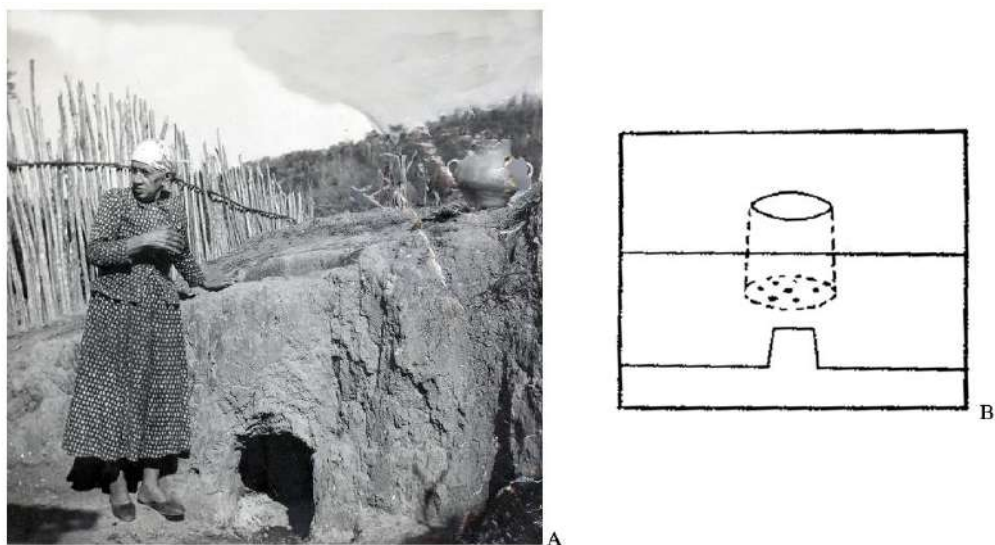
O forno usado por D.^a Felipa tem as seguintes dimensões: altura do barranco 1,09 m; escavação superior 0,67 m de profundidade por 0,75 m a 0,82 m de diâmetro, grelha de barro perfurada 0,12 m de espessura, boca do forno 0,30 m por 0,40 m; profundidade da escavação horizontal 1,20 m.

Os vasilhames colocados na escavação superior, emborcados e sobrepostos são expostos primeiramente ao sol. Depois de completamente secos e já aquecidos são cobertos por cacos que fecham a abertura do topo.

A paneleira começa com a queima ao pôr-do-sol. Primeiramente é mantido um fogo baixo – “cozinha ao pé do fogo”. Depois a temperatura é alterada até que as labaredas alcancem a abertura superior. Neste ponto, a paneleira sabe que atingiu o grau determinado de cozimento e cessa o calor.

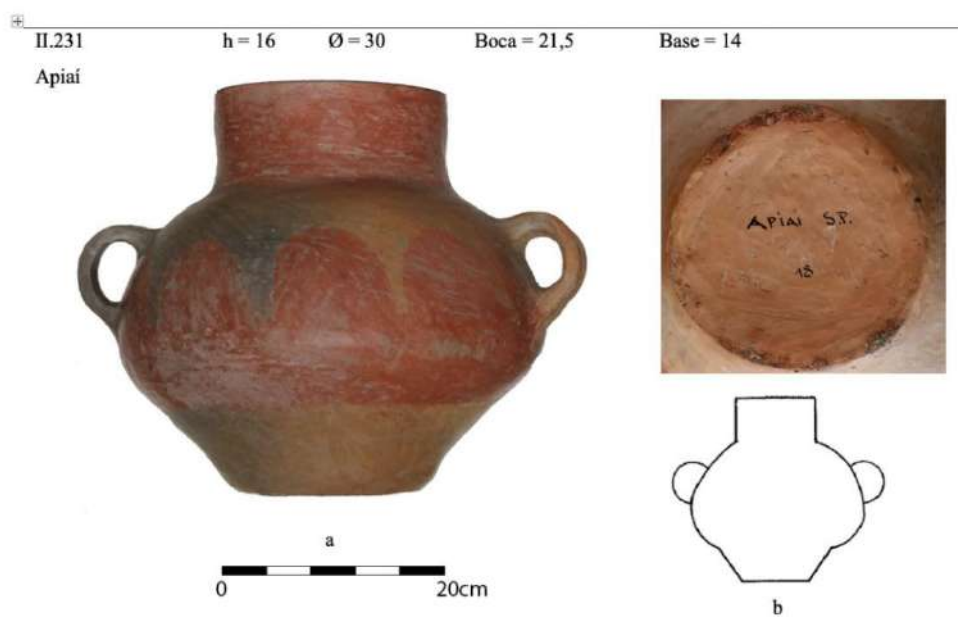
Ela se preocupa com a uniforme distribuição do foço e com a retirada da lenha carbonizante, cuja fumaça causa manchas escuras nas paredes das cerâmicas.

Os recipientes são retirados do forno no dia seguinte à queima. A perda durante a queima é mínima” Scheuer (1976, p. 40-41)



a) Forno de Barranco, Felipa de Oliveira e a vasilha II.231, Foto Scheuer, acervo: MAE-UFPR; c) desenho Scheuer (1982: 79).

Figura 31: Forno de Barranco, Felipa de Oliveira e a vasilha II 231



Pote para líquidos: a) superior externa alisada com sabugo de milho e pedaço alongado de cuipeva, polida com seixo, decorada com vermelho / superior interna alisada e polida / lábio plano / 2 alças / base plana; b) Scheuer, 1976: 41, Prancha 4 (manufatura do pote), Prancha 5, fig. 1

Figura 32: II 231, Pote para líquidos (Apiaí)

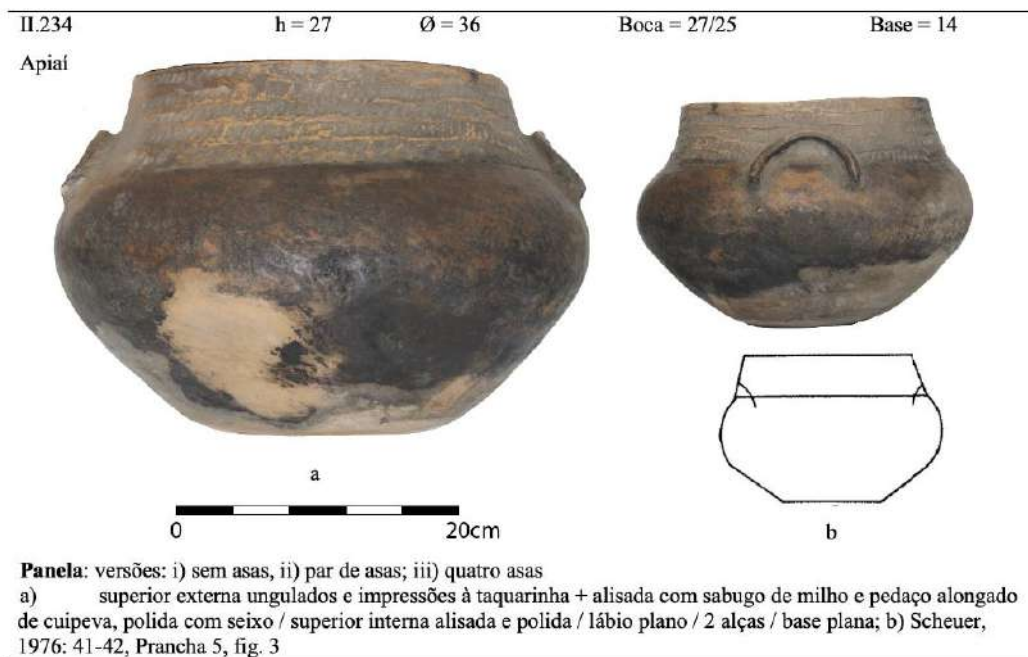


Figura 33: II 234, Panela

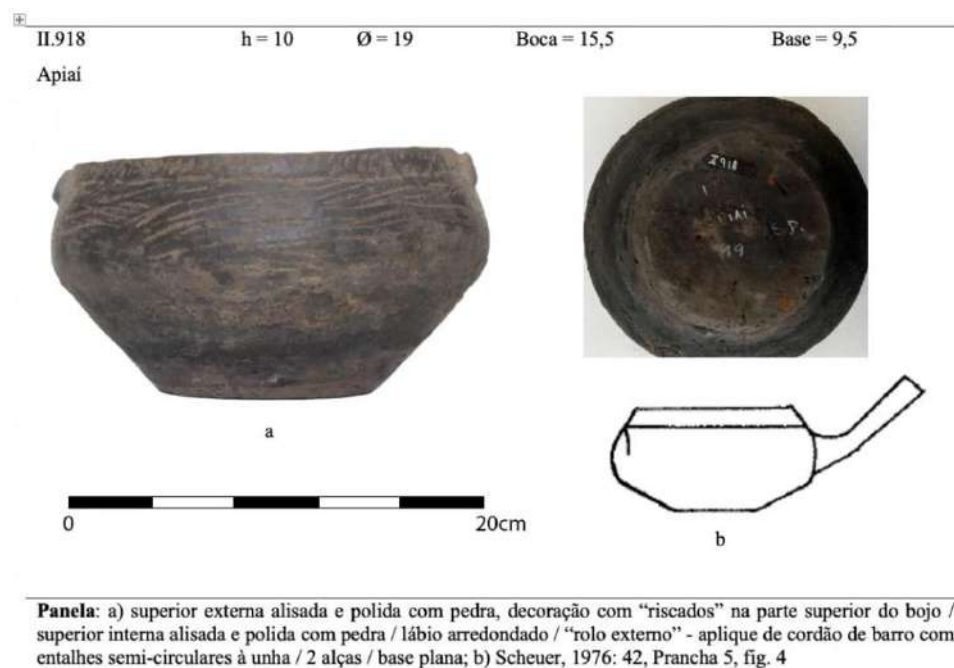


Figura 34: II 918, Panela

SP 4 - Itaóca UTM 22J 718822 7272774

Queima em forno: “Seu forno é escavado num barranco baixo e não contém grelha. A escavação superior, de pouca profundidade, comporta apenas um recipiente maior, que é emborcado na abertura e coberto por cacos. O fogo é mantido no buraco horizontalmente escavado” (Scheuer, 1976, p. 49).

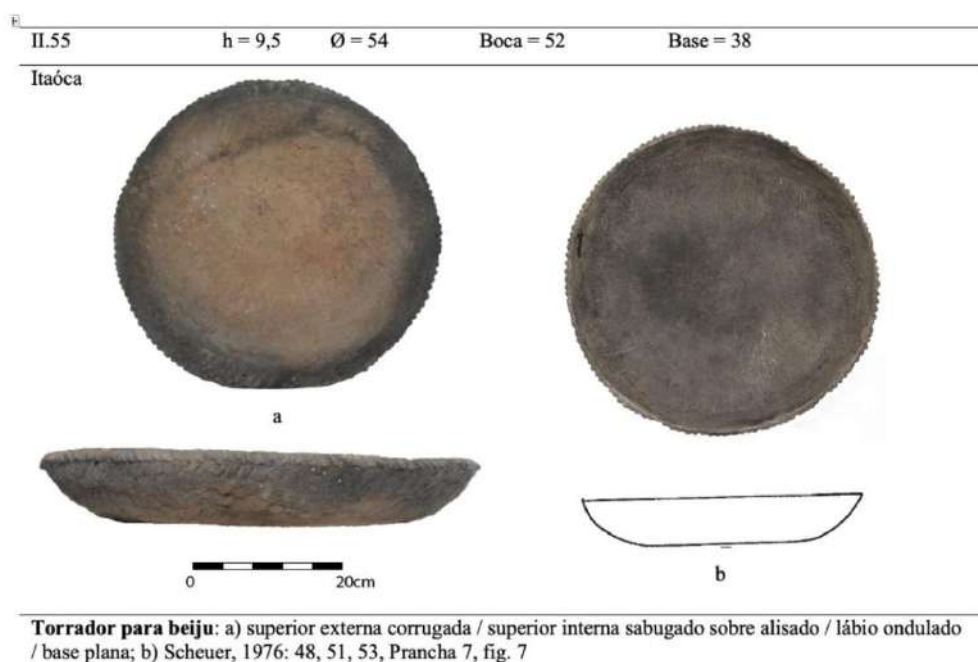
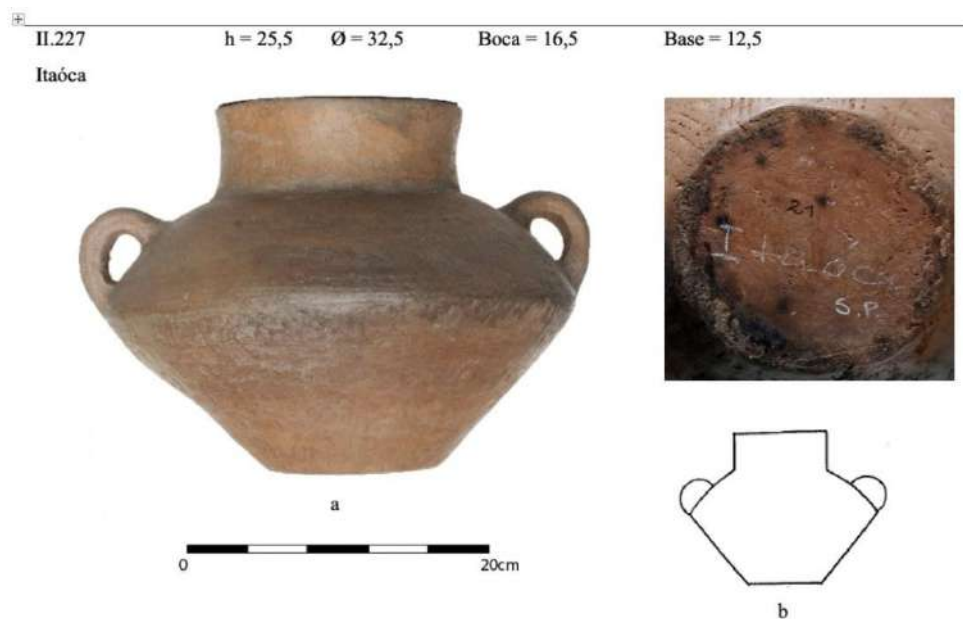


Figura 35: II 55, Torrador para beiju

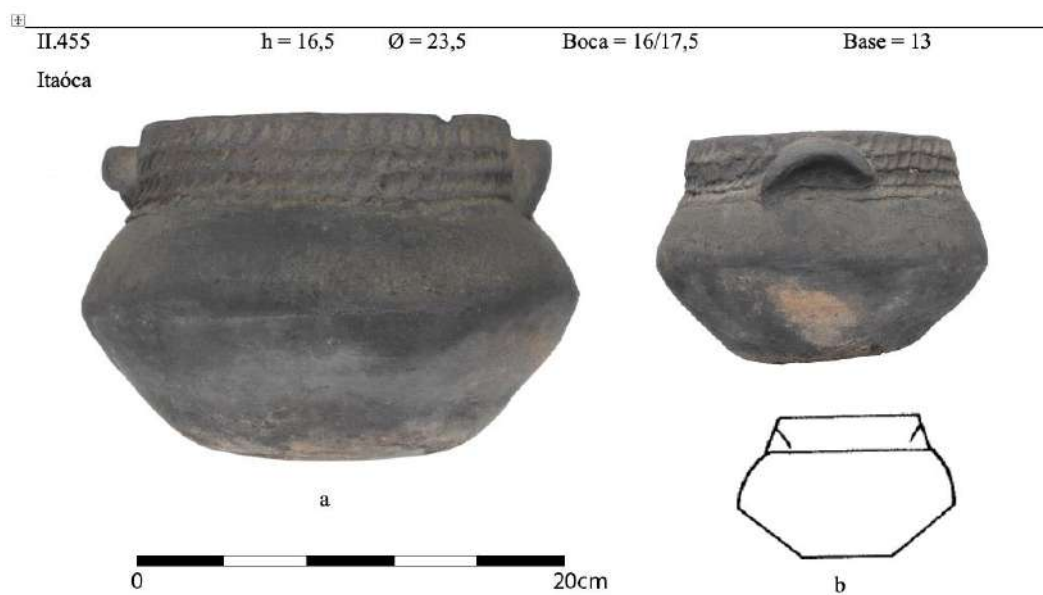


Figura 36: II 178, Panela com cabo



Pote: a) superior externa alisada e polida / superior interna alisada e polida / lábio plano / 2 alças / base plana;
b) Scheuer, 1976: 46, 48-49, Prancha 6, Prancha 7, fig. 1

Figura 37: II 227, Pote.



Panela: a) superior externa corrugada e alisada e polida / superior interna alisada e polida / lábio plano / 2 asas / base plana; b) Scheuer, 1976: 50, Prancha 7, fig. 3

Figura 38: II 455, Panela

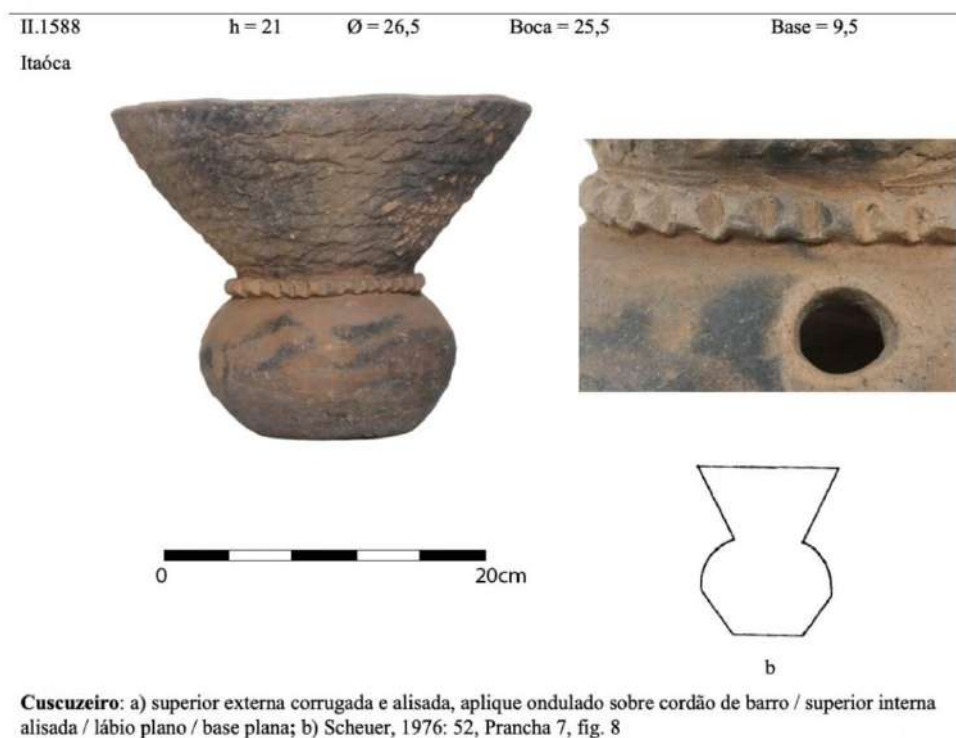


Figura 39: II 1588, Cuscuzeiro

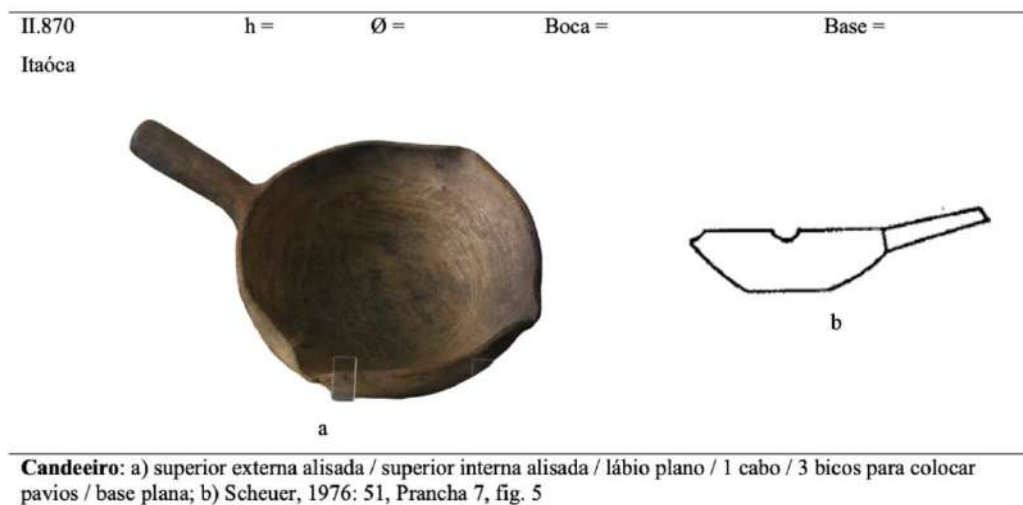


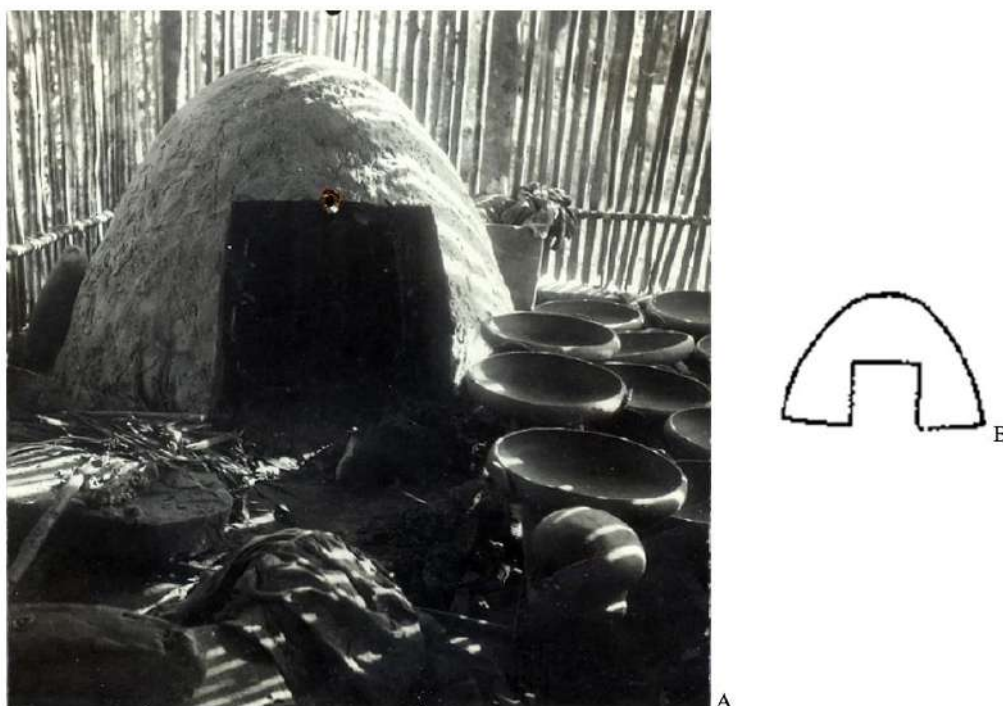
Figura 40: II 870, Candeeiro

Queima em forno: “Apesar de se usar um forno para o cozimento da cerâmica, a técnica da queima pouco se distingue daquela em fogo aberto. Durante o seu processo os vasilhames são colocados diretamente na lenha incandescente.

Sua construção é do tipo do forno de uso caseiro (para fazer bolo) encontrado nos sítios da redondeza. É de forma semi-ovalada com 0,88 m de altura com base circular de 1,45 m de diâmetro. A abertura mede 0,48 m por 0,52 m.

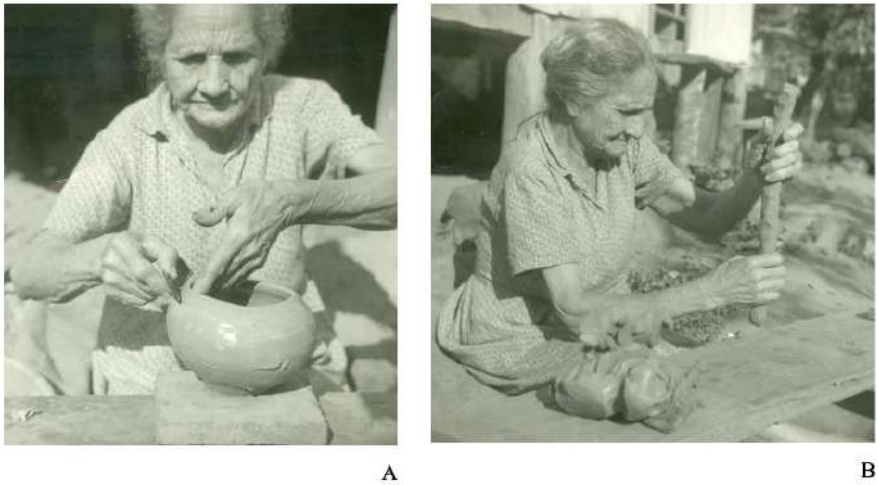
É de barro e os mais recentes de tijolo e cimento. Não contém grelha. Os vasilhames confeccionados são dispostos numa longa tábua próximo ao forno para serem aquecidos antes da queima.

A paneleira inicia o fogo com dez a vinte feixes de lenha que vão aumentando gradativamente” (Scheuer, 1976, p. 62-63).



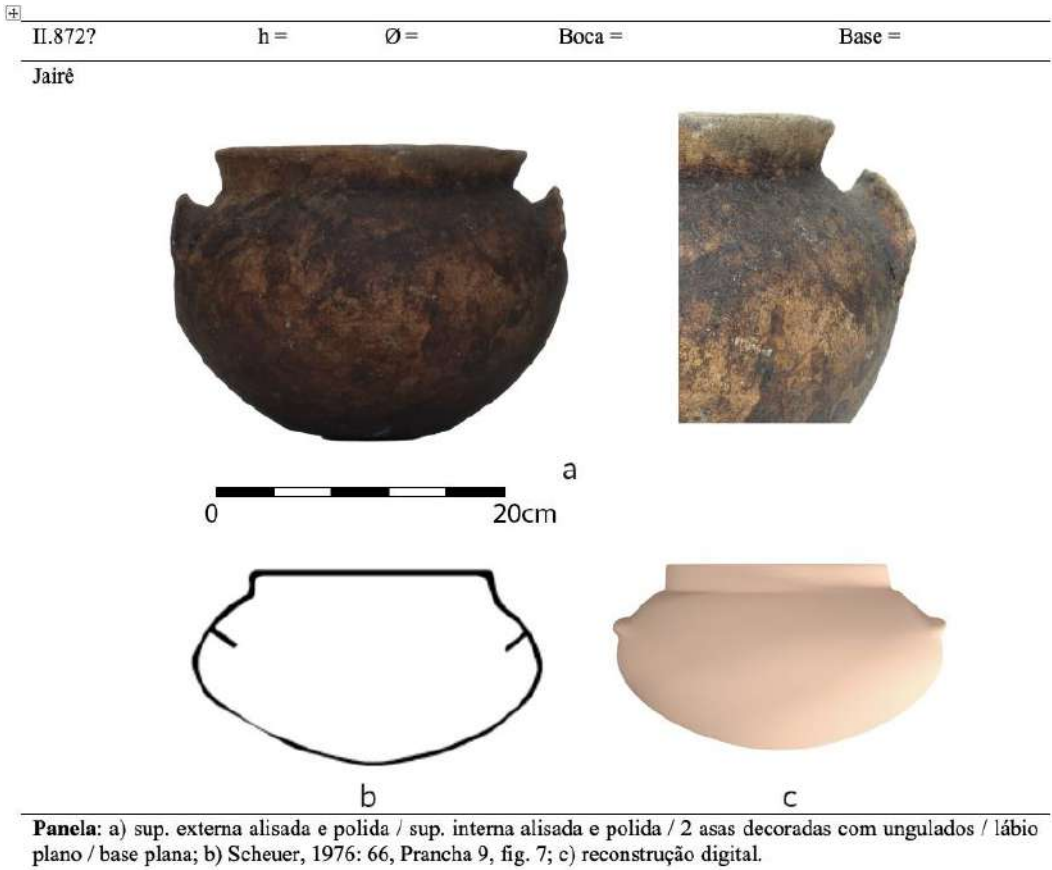
a) Forno de Barro, Foto Scheuer, acervo: MAE-UFPR; b) desenho Scheuer (1982, p. 79).

Figura 41: Forno de Barro



Ana Pereira, (fotos Scheuer, que registrou no verso das fotos: a) “a borda é levantada com auxílio do cuipe, que deixa as marcas em volta”; b) “formando o rolo livremente”.

Figura 42: Ana Pereira



Panela: a) sup. externa alisada e polida / sup. interna alisada e polida / 2 asas decoradas com ungulados / lábio plano / base plana; b) Scheuer, 1976: 66, Prancha 9, fig. 7; c) reconstrução digital.

Figura 43: II 872, Panela

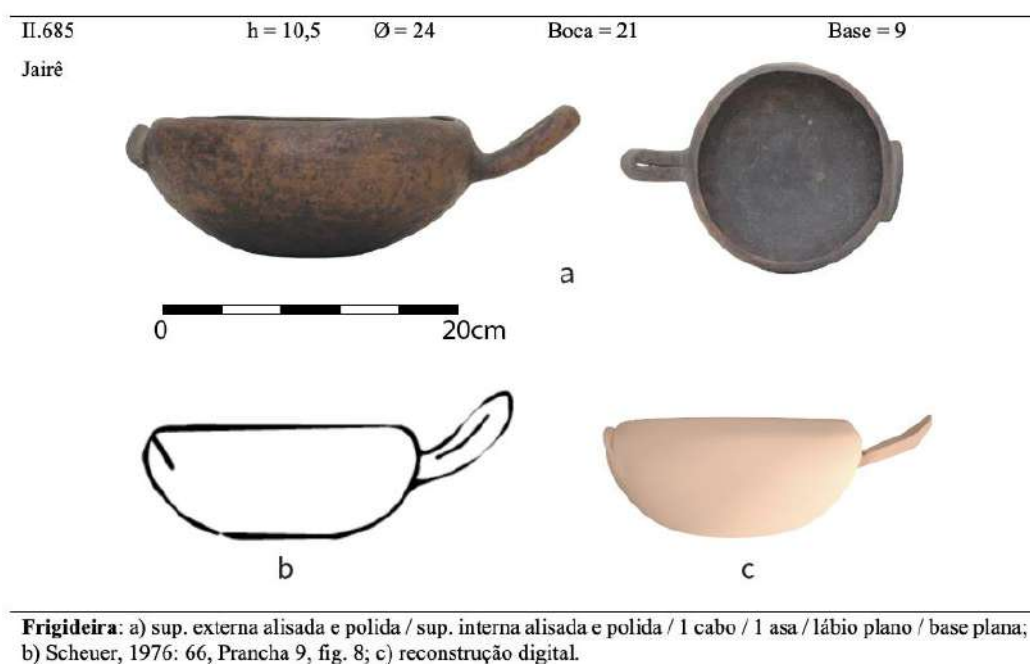


Figura 44: II 685, Frigideira

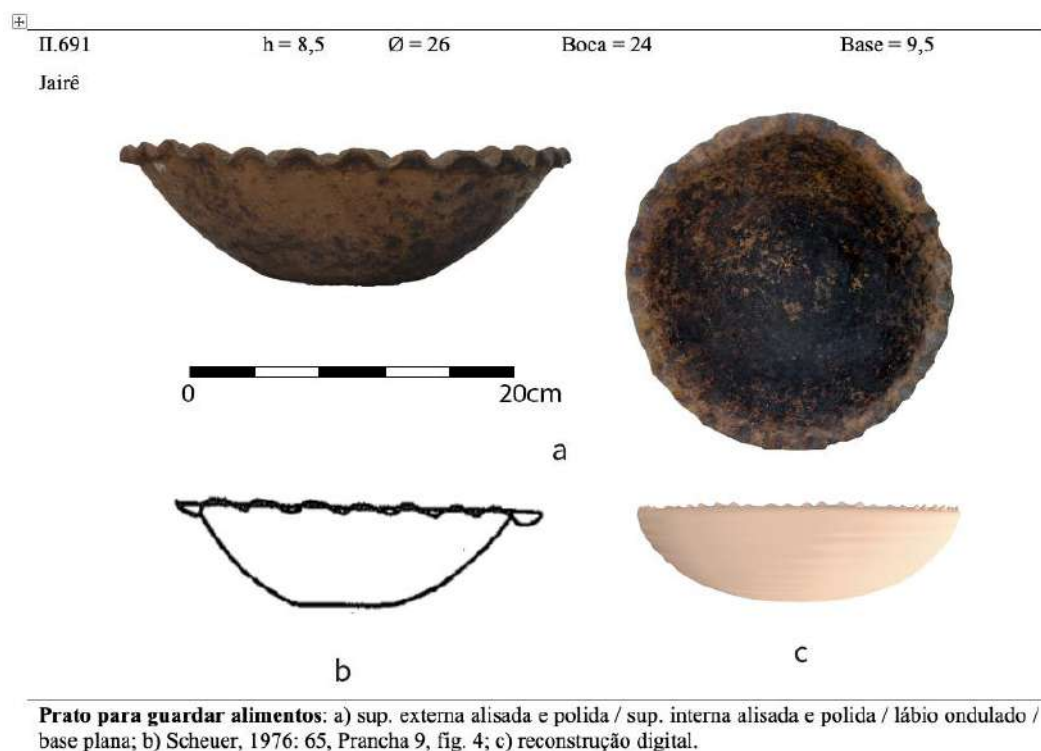
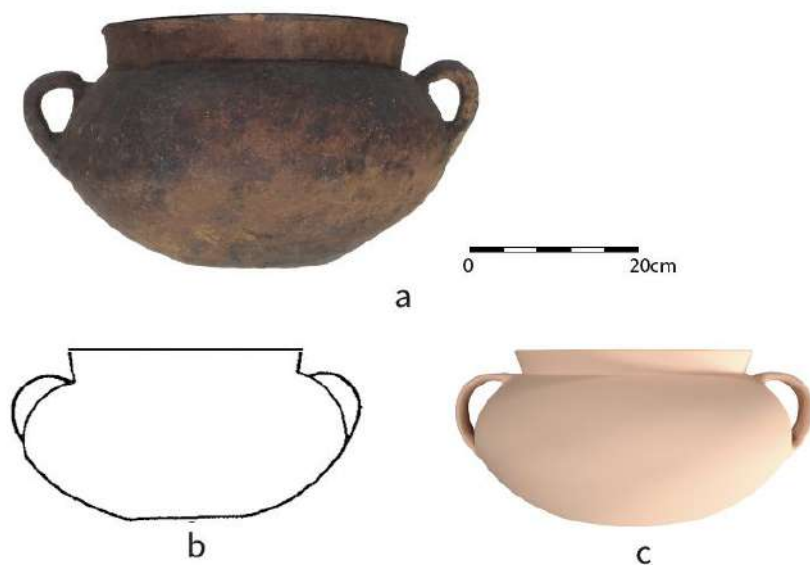


Figura 45: II 691, Prato para guardar alimentos

II.1558

Jairê



Panela: a) sup. externa alisada e polida / sup. interna alisada e polida / 2 alças / lábio plano / base plana;
b) Scheuer, 1976: 66, Prancha 9, fig. 6; c) reconstrução digital.

Figura 46: II 1558, Panela

II.1557

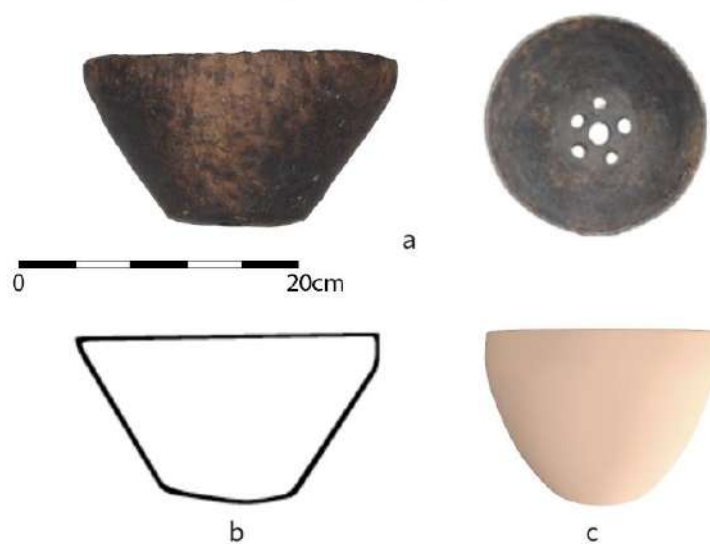
h = 12

Ø = 23,5

Boca = 23

Base = 9,5

Caputera



Cuscuzeiro: a) superior externa alisada e polida / sup. interna alisada e polida / lábio arredondado / base plana com perfurações; b) Scheuer, 1976: 65, Prancha 9, fig. 5; c) reconstrução digital.

Figura 47: II 1557, Cuscuzeiro

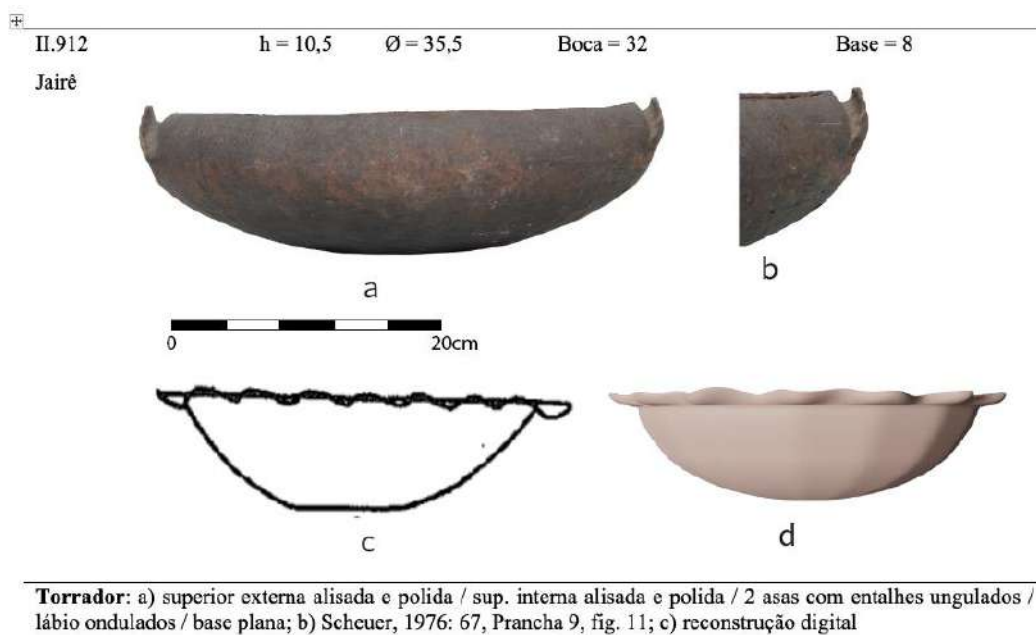


Figura 48: II 912, Torrador



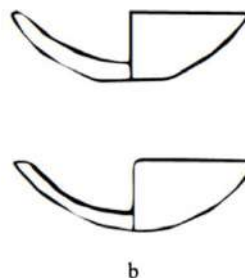
Figura 49: II 867, Torrador



Figura 50: II 690 e outros, pichorra: a, b, c, d, e, f) superior interna e externa alisa e polida/alça/lábio plano/bico/base plana; g) Scheuer, 1976, p. 64, Prancha 9, Fig. 1; h) reconstrução gráfica.

II.869

Jairê / Caputera

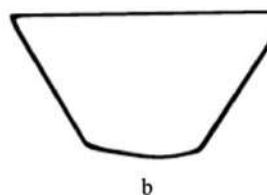


Prato (miniatura, brinquedo para crianças): a) superior externa alisada e polida / superior interna alisada e polida / lábio arredondado / base plana; b) Scheuer, 1976: 65, Prancha 9, sem número

Figura 51: II 869, Prato

II.871

Jairê/Caputera



Cuscuzeiro: a) superior externa alisada e polida / superior interna alisada e polida / lábio ondulado / base plana com perfurações; b) Scheuer, 1976: 65, Prancha 9, fig. 5

Figura 52: II 871, Cuscuzeiro

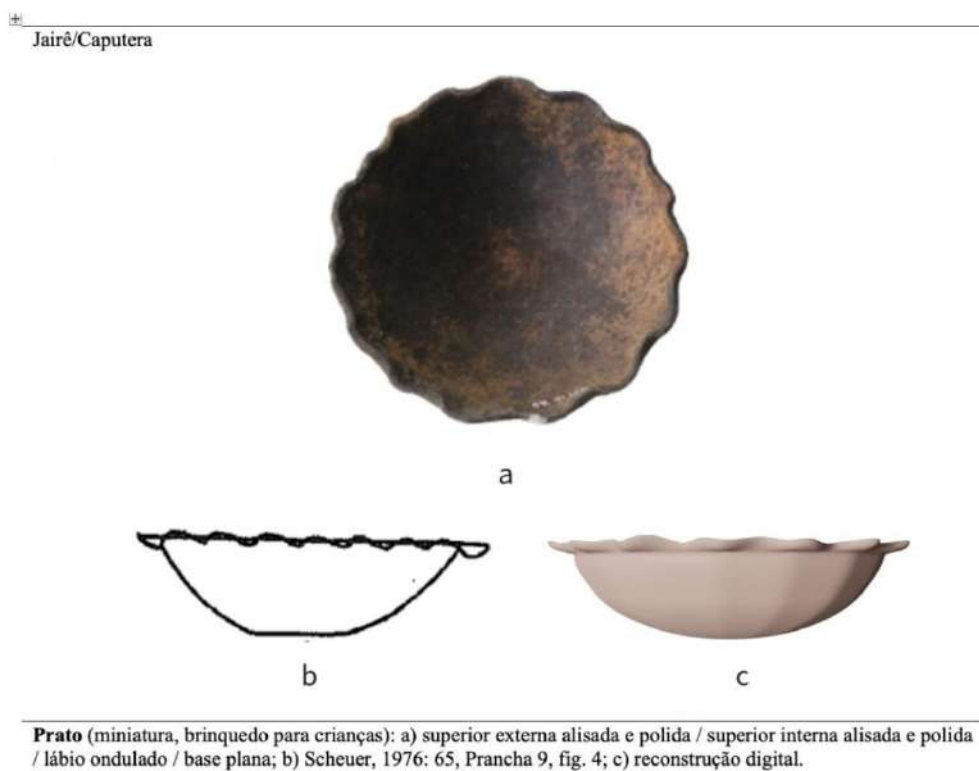


Figura 53: Jairê-Caputera, prato

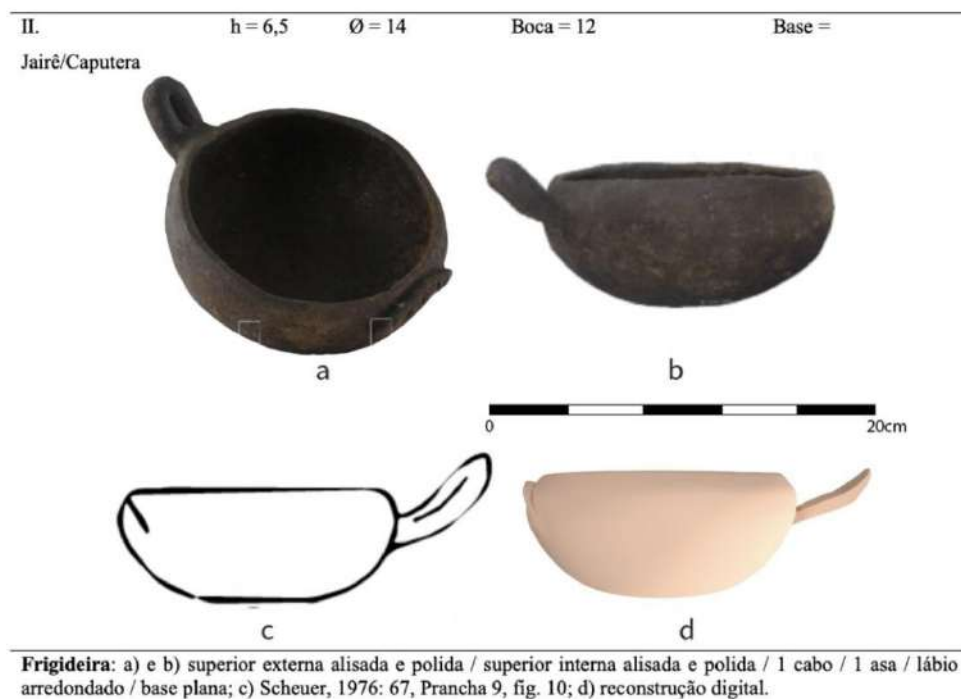


Figura 54: Jairê-Caputera, frigideira

Jairê/Caputera



Boião: a) superior externa alisada e polida / sup. interna alisada / 2 alças / lábio arredondado / base plana; b) Scheuer, 1976: 67, Prancha 9, fig. 1; c) reconstrução gráfica.

Figura 55: Jairê-Caputera, Boião

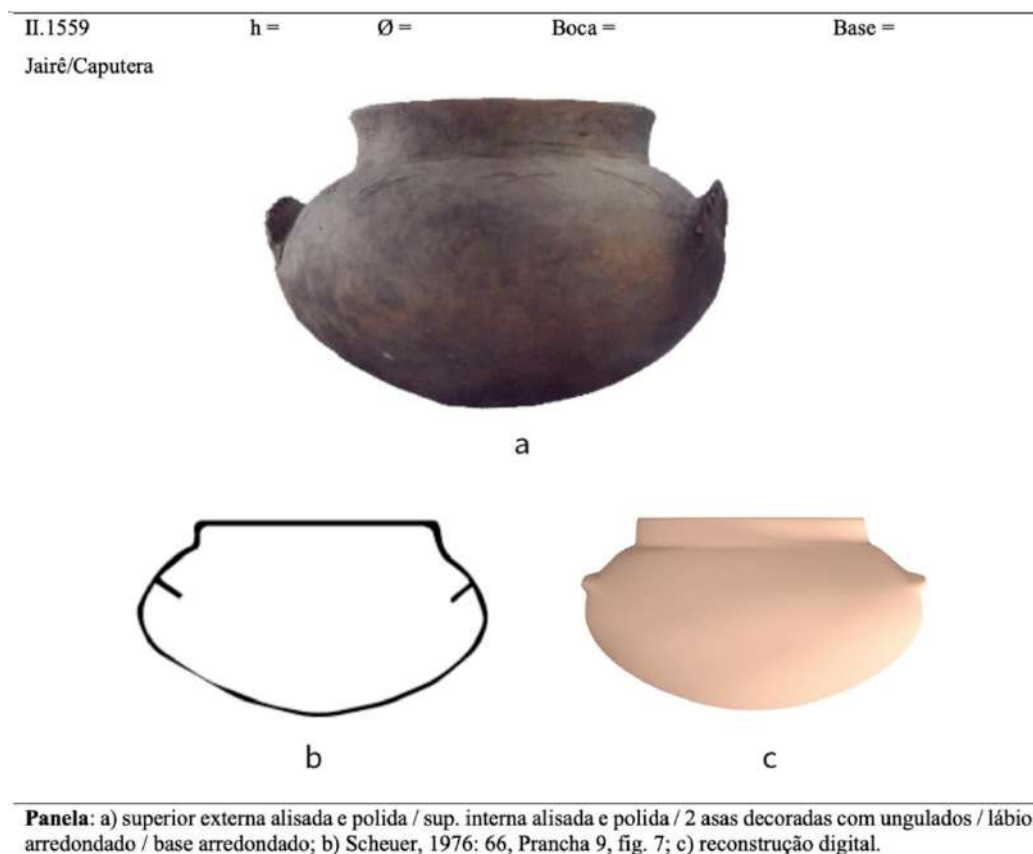


Figura 56: II 1559, Panela

SP 6 - Barra das Areias UTM 23J 237893 7279862

Queima em forno: “As ceramistas desta zona usam um forno para a queima vasilhames tecnicamente mais evoluído que o forno de barranco. É uma construção sólida, composta de cacos e barro, com grelha.

Circunda as paredes uma acumulação de cacos de vasilhames rachados - para firmar o forno – que talvez também sirva para proteger o calor durante a queima.

O forno de D. Francelina, erguido numa pequena elevação, tem 1,15 m de altura. A construção, aberta na parte superior, tem forma retangular, medindo 1 80 m por 1,50 m. As paredes têm 0,24 m de espessura. A grelha é instalada a 0,32 m de altura. A boca do forno fica ao nível do solo. Comporta aproximadamente 96 vasilhames.

Não estando em uso, é protegido por uma cobertura de folha de bananeira.

Mensalmente, na mingunte, efetua a queima com 2 m quadrados de lenha” (Scheuer, 1976, p. 77).

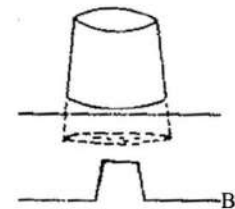


Figura 57: Forno Sólido com Grelha

Forno “sólido” com grelha, de D^a. Francelina Ramos de Aguiar e sua filha Perpétua, construído com cacos e barro. Entre elas, um pote para água com borda reforçada, lábio arredondado, foto Scheuer, acervo: MAE-UFPR; B) croqui Scheuer (1982, p. 79).

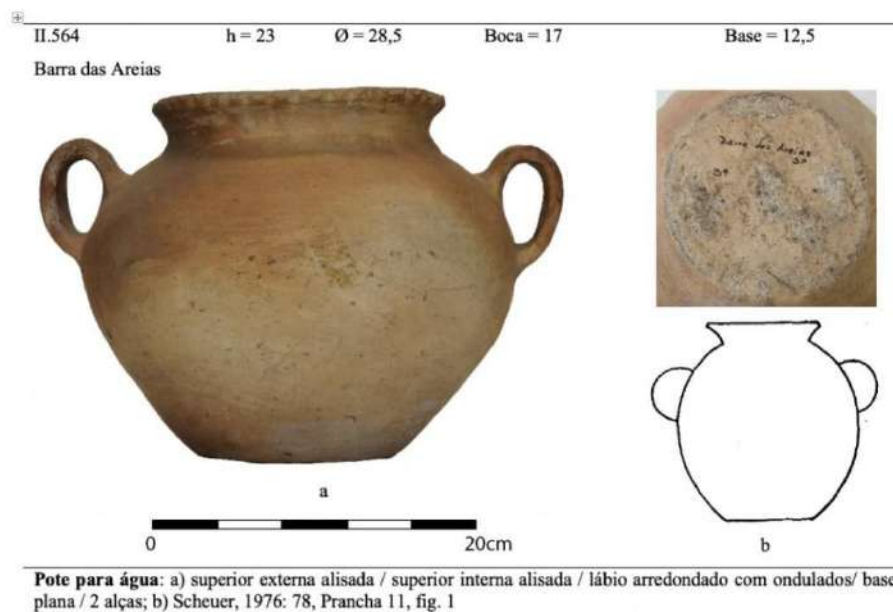


Figura 58: II 564, Pote de Água

Barra das Areias



a



b

Moringa de dois bicos: a) superior externa alisada / superior interna alisada / lábio arredondado com ondulado / base anelar plana / 1 alça / 2 bicos; b) Scheuer, 1976: 78, Prancha 11, fig. 2

Figura 59: Barra de Areias, Moringa de dois bicos

SP 7 - Praia de São Francisco UTM 23K 458039 7372131

Queima em forno: “D.^a Adélia dispõe de um forno para a queima da cerâmica bem construído, com tijolos e revestido de barro, medindo 1,44 m de altura. A parte reservada aos vasilhames, de forma ovalada, aberta no topo, tem 0,79 m de profundidade e 1,39 m por 1,04 m de diâmetro. A grelha apresenta uma espessura de 0,20 m. O forno comporta 30 a 40 vasilhames.

Necessitam-se para cada queima 1,50 metros quadrados de lenha.

O dia da queima deve coincidir com a minguante - quando a lua não tem força.

Depois de empilhados e emborcados no forno, os vasilhames são cobertos com cacos, fechando a abertura do topo.

A paneleira inicia a queima com fogo lento e uniforme próximo à boca do forno.

Decorridas quatro a cinco horas ela distribui os feixes incandescentes no interior - toca tudo para dentro e altera subitamente o aquecimento” (Scheuer, 1976, p. 86).

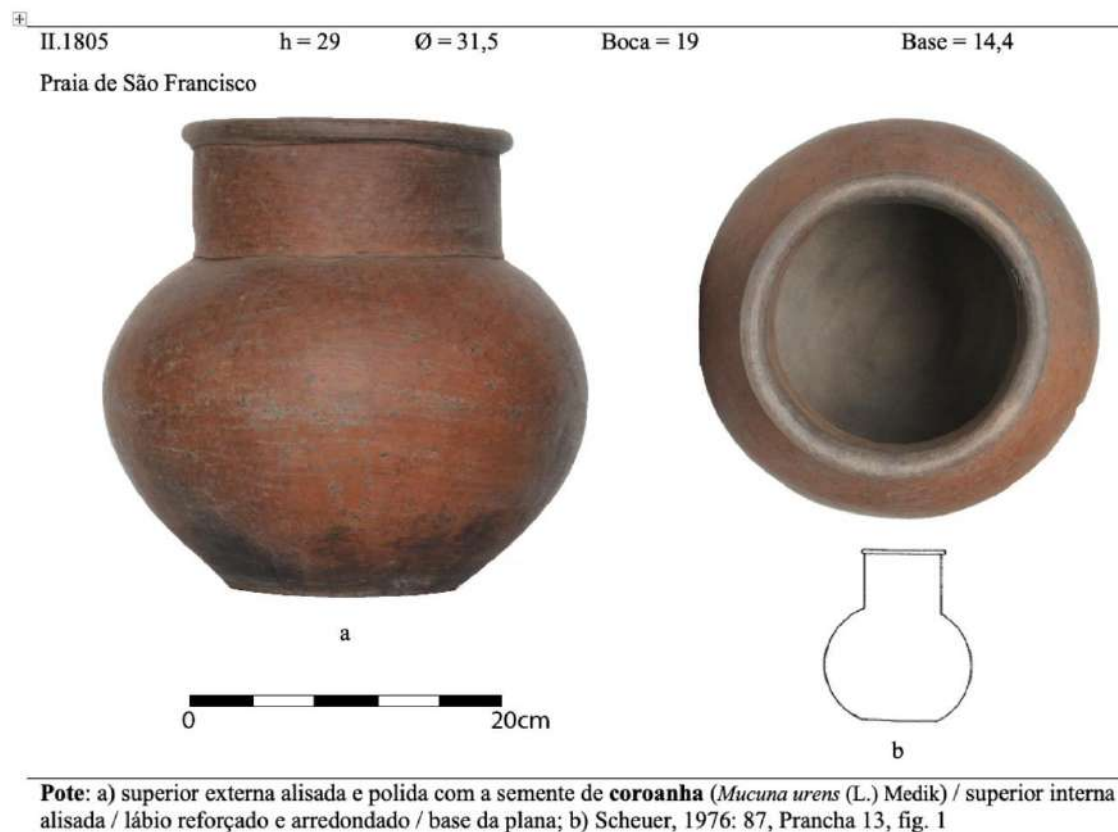


Figura 60: II 1805, pote

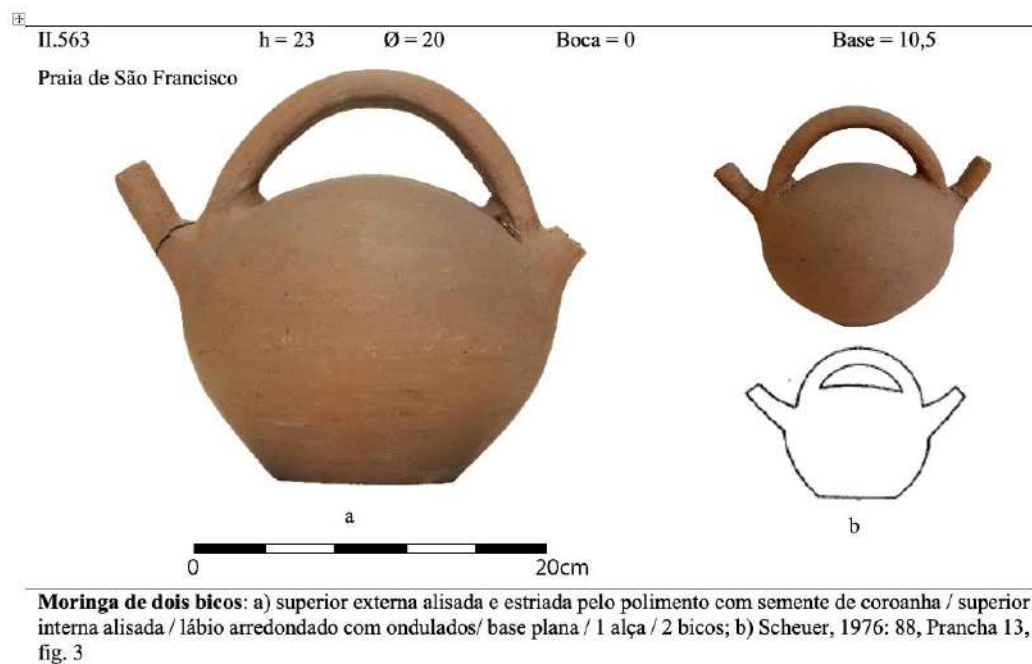


Figura 61: II 563, Moringa de dois bicos

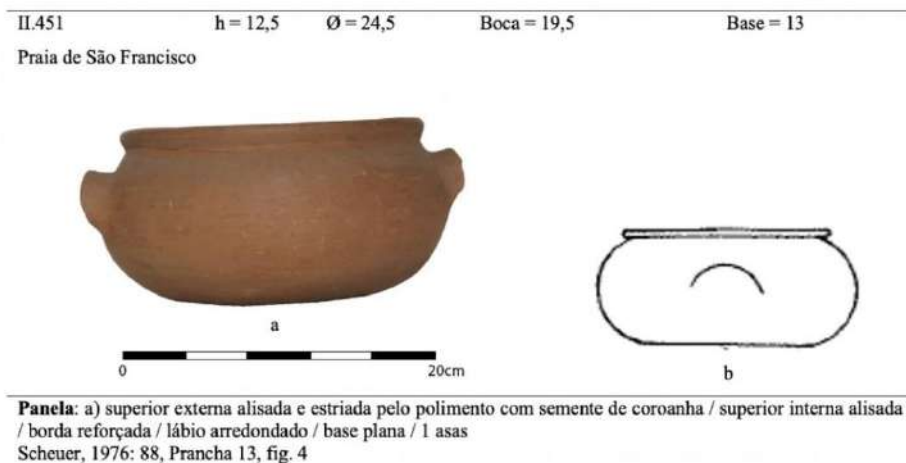


Figura 62: II 451, Panela

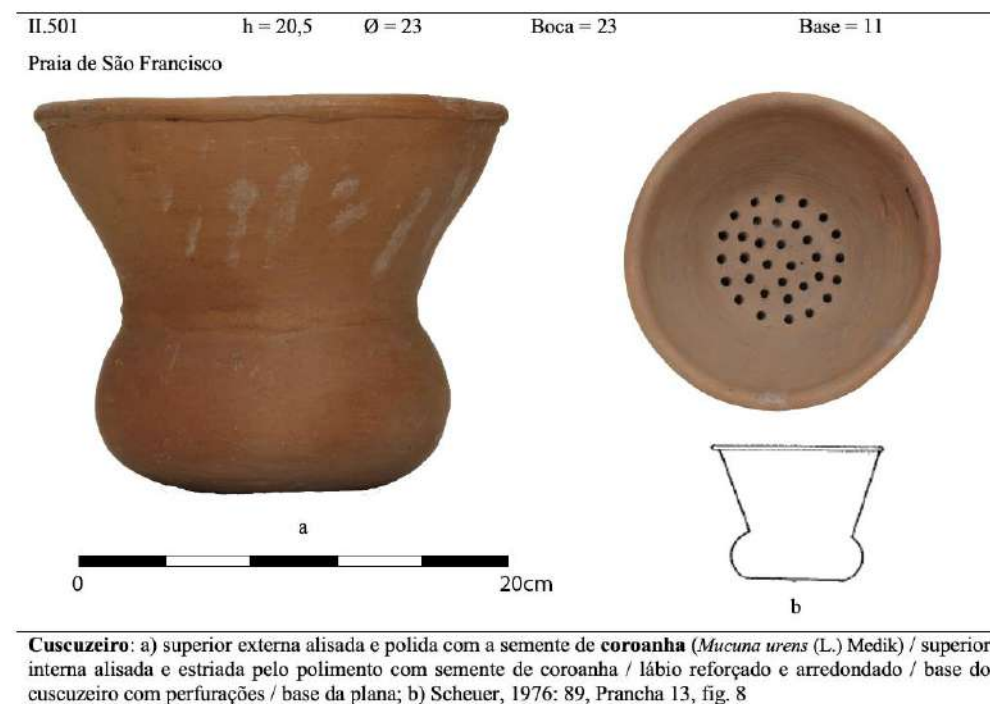


Figura 63: II 501, cuscuzeiro

II.1801 h = 12,5 Ø = 28 Boca = 27 Base = 11,5

Praia de São Francisco



Cuscuzeiro: a) superior externa alisada e polida com a semente de **coroanha** (*Mucuna urens* (L.) Medik) / superior interna alisada e estriada pelo polimento com semente de **coroanha** / lábio arredondado / base plana do cuscuzeiro com perfurações; b) Scheuer, 1976: 89, Prancha 13, fig. 8

Figura 64: II 1801, cuscuzeiro

II.916 h = 8,5 Ø = 18 Boca = 15,5 Base = 8,5 Alça = 9

Praia de São Francisco



Frigideira: a) superior externa alisada e estriada pelo polimento com semente de **coroanha** / superior interna alisada / borda reforçada / lábio arredondado reforçado / base plana / 1 cabo; b) Scheuer, 1976: 89, Prancha 13, fig. 6

Figura 65: II 916, Frigideira

SP 8 - Aparição UTM 23K 509720 7441795

Queima em forno: “Para a queima dos vasilhames usa-se o forno de barranco. Enquanto no forno da paneleira de Aparição cabem cinquenta vasilhames destinados ao fogo, alto potes, outras peças menores. O de D. Anunciação comporta o dobro. Está instalado num barranco de 1,55 m de altura. A escavação vertical – buraco – tem 1,20 m a 1,30 m de diâmetro e atinge a grelha com 9 furos - crivo - na profundidade de 0,84 m. A boca da escavação horizontal - fornalha - mede 0,55 m por 0,68 m.

A borda que circunda e firma a abertura no topo geralmente feita de pedras e barro, aí é trabalhada de blocos retangulares, cortados da terra do cupim

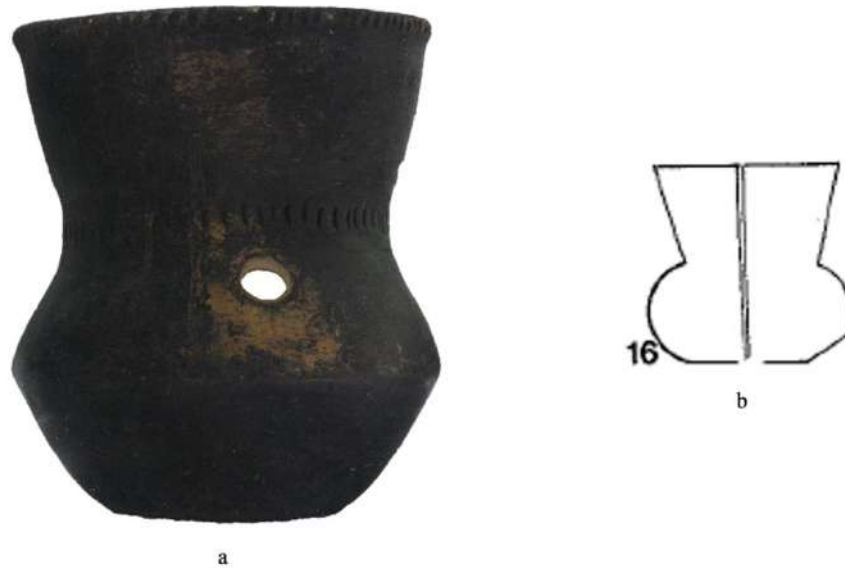
Necessitam-se para cada queima dois metros quadrados [sic] [cúbicos] de lenha” (Scheuer, 1976, p. 101-102).



Figura 66: Il 694, panela

II.

Aparição



Cuscuzeiro: a) superior externa alisada e polida com pedra, decoração com ungulados na cintura e impressões à cabaça na borda reforçada / superior interna alisada e polida com pedra / lábio arredondado / base plana / orifício na carena para inserir água; b) Scheuer, 1976: 108-109, Prancha 16, fig. 16

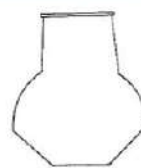
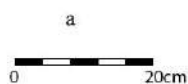
Figura 67: aparição, cuscuzeiro

SP 9 - Orientes UTM 23K 508814 7450113

Queima em forno: ver citação sobre o forno em Aparição.

II.226

Orientes



b

Pote para água: a) superior externa alisada e polida com pedra, decoração incisa sobre engobo vermelho / superior interna alisada e polida com pedra / lábio arredondado / borda reforçada / base plana; b) Scheuer, 1976: 103, Prancha 16, fig. 1

Figura 68: II 226, Pote para água

II.235

h = 34,5

Ø = 29,5

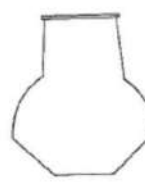
Boca = 17

Base = 14,5

Orientes



a



b

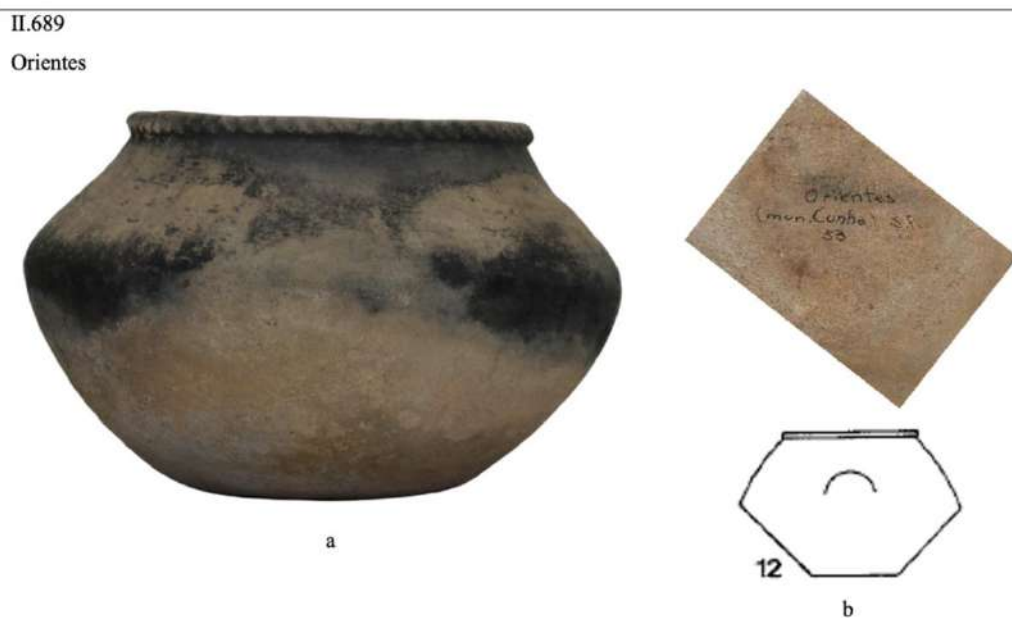
Pote para água: a) superior externa alisada e polida com pedra, decoração incisa sobre engobo vermelho / superior interna alisada / lábio arredondado / borda reforçada / base plana; b) Scheuer, 1976: 103, Prancha 16, fig. 1

Figura 69: II 235, pote para água



Pote para água: a) superior externa alisada e polida com pedra, decoração com caneluras e pintura branca sobre engobo vermelho / superior interna alisada / lábio plano / borda reforçada / base plana; b) Scheuer, 1976: 103, Prancha 16, fig. 2

Figura 70: II 232, pote para água



Panela: a) superior externa alisada e polida com pedra / superior interna alisada e polida com pedra / lábio arredondado reforçado com "rolo externo" - aplique de cordão de barro com entalhes ondulados / base plana; b) Scheuer, 1976: 107, Prancha 16, fig. 12

Figura 71: II 689, panela

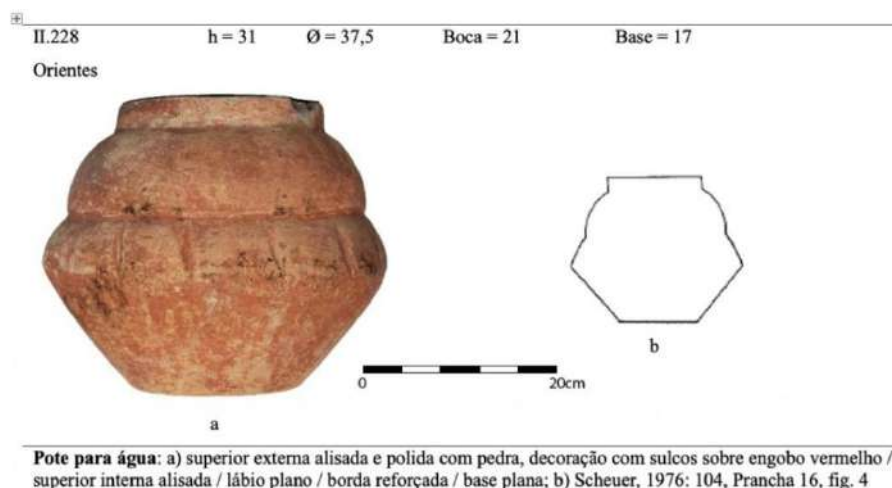


Figura 72: II 228, pote para água

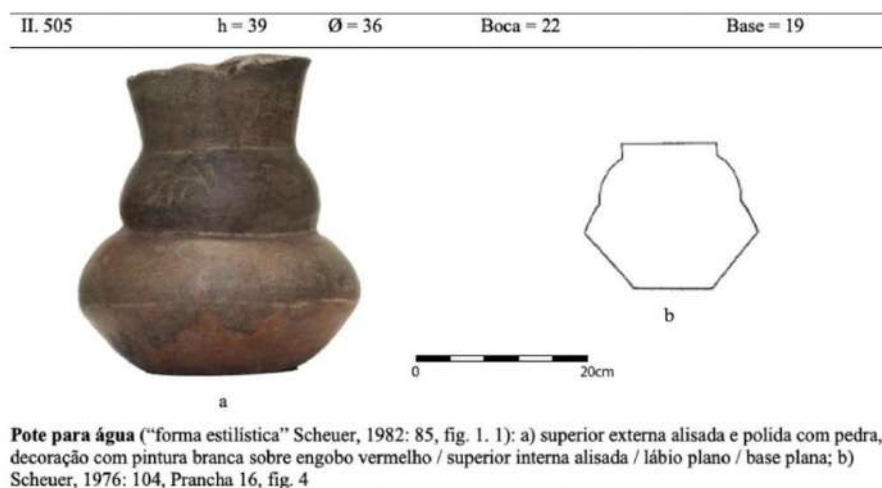


Figura 73, II 505, pote para água

II.695



Pote para água (“forma estilística” Scheuer, 1982: 85, fig. 1. 1): a) superior externa alisada e polida com pedra, decoração com pintura branca sobre engobo vermelho / superior interna alisada / lábio plano / base plana Scheuer, 1976: 104, Prancha 16, fig. 4, foto b) Scheuer, acervo MAE-UFPR

Figura 74: II 695, pote para água

Vasilha sem registro da localização



Figura 75: II 920

Observações de Herta no livro Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo (1976)

Serrinha de Bom Sucesso

Argila	Tonalidade verde-marrom. Após a queima, a tonalidade passa a ser ocre claro a branco. Composição caolina. Argila Fina, apropriada para os recipientes de alimentos líquidos, encontra-se numa profundidade de 1,00 e 1,50 m.	p. 9, 15
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo comprido usado na técnica espiralada ou anelada. Pescoço das panelas e potes, trabalhados no corrugado, sentido para dar mais segurança ao uso (transporte), são encontrados nos potes antigos. O armazenamento é em depósitos, em casa; conservada num cocho.	p. 13, 28, 16
Queima	Realizada uma vez por mês e deve coincidir com a fase de lua minguante (Quando a lua não tem força). Antes do cozimento, a panela expõe o vasilhame durante algumas horas ao sol, num jirau.	p. 20
Pintura e ornamentos	Pintura de com englobo vermelho, ondulado e o corrugado. Desenhos de rosetas compostas de círculos cruzados, linhas paralelas arcadas em ziguezague. O corrugado não aparece neste núcleo.	p. 11, 13
Polimento	Dar ao recipiente uma certa impermeabilidade. Esfrega-se fortemente com a pedra a face externa, inclusive a base e ambas as faces do pescoço.	p. 19
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra	p. 16

	alongada.	
	Sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa, pena de galinha para pintura.	
Panela	Função: Cozinhar Arroz e Feijão. Estilo Uniforme de base plana, paredes do corpo inferior inclinadas externas, bojo com carena ou curva, pescoço feito de rolos ornamentados e lábios planos. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Pescoço em corrugado e depois de enrijecidas as paredes do ombro, com duas ou três voltas do rolo, também se usa a técnica corrugada. Asa e cabo são aderidos às paredes. Corrugado profundo e raso, pregas onduladas aplicadas, continhas e digitado - parentesco de estilo com as cerâmicas de Campinas de Fora, Apai e Itaoca. Paredes inclinadas externas, formando na altura de 6 cm a) uma carena, b) uma curva, e então curvadas internas. Altura: 15,5 cm. Base: plana, 13 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 25,5 cm. Pescoço: inclinado para dentro, 3 cm de altura, ornamentado. Lábios: planos, 5 mm a 6 mm de espessura. Diâmetro da boca: 18 cm.	p. 11, 12, 15, 19, 23
Cuscuzeiro	Função: Vasilhame composto de panela e forma para o fabrico do cuscuz. Parte inferior (panela): paredes inclinadas externas, formando na altura de 5 cm uma carena e curvadas internas. Parte superior (forma): paredes projetadas externas com borda contínua. Altura: 19, 5 cm (panela: 9,5 cm, forma 10 cm). Base: plana com 10 cm de diâmetro. Máximo diâmetro da parte inferior: 16 cm. Diâmetro da base parte superior: 8 cm. Lábios: planos, 5 mm de espessura Diâmetro da boca 17 cm. Um orifício na parede da panela. Ornamentação: Corrugado nas paredes externas das formas. Ondulado aplicado sobre o rolo aderido na base da forma. Acessório: Durante o uso é colocado no fundo da forma um pequeno prato com perfurações. Técnica Combinada: rolo cumprido, usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames.	p. 12, 23, 24
Potes (água)	Função: Recipiente para conservar água potável. Paredes: inclinada externa somando na altura de 9,5 cm a) uma carena, b) uma curva e curvadas internas. Altura: 30 cm.	p.11, 16, 21

	Base levemente côncava, com 14 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 31 cm.	
	Diâmetro da base do pescoço: 15 cm.	
	Pescoço: 9,5 cm de altura, levemente inclinado externo, com borda contínua.	
	Lábios: planos, 5 mm de espessura.	
	Diâmetro da boca: 18 cm.	
	Pintura: motivos de vegetais em vermelho, circundando o ombro. Face polidas interna e externamente.	
	Apresentam uma variação na forma do corpo; bojo de carena baixa ou curva baixa, o bojo pronunciadamente curvado e bojo de carena ou curva alta.	
	Conservadas as características; base plana, paredes inferiores inclinadas externas e o pescoço com borda contínua e lábios planos.	
	Técnica de produção: Espiralada	
Moringa com Papo	Função: Recipiente para transportar água potável ao local de trabalho. Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Na altura de 6 cm a) uma carena, b) uma curva. Altura: 27 cm. Base: levemente côncava, 10 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 22 cm. Diâmetro da base do pescoço: 8 cm. Pescoço: vertical até a altura de 6 cm, então vira para fora (1 cm) e em curva para dentro ("papo"). Na altura de 9,5 cm uma borda de 2 cm, inclinada interna. Lábios: planos, 2 mm de espessura. Diâmetro do orifício: 3 cm. Pintura: motivos em vermelho dispostos em volta do ombro, ocasionalmente linhas esparsas no "papo". Face externa polida. A corda para transportar a moringa é colocada abaixo da parte saliente do pescoço.	p. 12, 21, 22
Bule	Função: Servir, armazenar leite. Paredes inclinadas externas, formando na altura de 4,5 cm uma carena e então curvas internas. Altura: 12 cm. Base: plana, 7,5 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 13 cm. Pescoço: vertical, 4,5 cm de altura. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 7,5 cm. Pintura: Motivos em vermelho sobre o ombro. Face externa polida	p. 12, 15, 22

Tigela “Prato”	Função: Para guardar alimentos. Vasilhame de paredes projetadas externas com borda contínua. Boca ampliada. Altura: 9 cm. Diâmetro da base plana: 11 cm. Lábios: planos, 4 mm a 5 mm de espessura, a) simples, b) ornamentados. Diâmetro da boca: 23 cm. Ornamentação: Entalhes triangulares à unha nos lábios externos. Pintura: Motivos em vermelho no interior do vasilhame. Ambas as faces polidas. Recebe pintura vermelha e entalhes triangulares, repicados.	p. 12, 15, 22, 23
Bacia “Prato”	Função: Lavar louça. Paredes projetadas externas com borda contínua. Boca ampliada. Altura: 9,5 cm. Diâmetro da base plana: 16 cm. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 31 cm. Pintura: Motivos em vermelho no interior do vasilhame. Ambas as faces polidas	p. 12, 23
Campinas de Fora		
Argila	De tonalidade roxo-média. A argila se toma depois do cozimento de ocre-claro a branco. Possui antipáticos grânulos de quartzo de até 1,5 mm e crateras resultantes da queima de substâncias orgânicas. A textura é compacta de cor do núcleo entre faixas laterais ocre-branco de 1,5 mm, um núcleo cinza-escuro de 7 mm. Dureza da superfície, 2 em escala Mohs.	p. 28, 29
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo comprido usado na técnica espiralada ou anelada. O armazenamento é em depósitos, em casa; conservada num cocho. “Fazer o Coraçãozinho”: Circundar com as mãos a bola de argila, colocar em uma tábua, e com movimentos rápidos da direita para esquerda, fazendo com que adquira uma forma afinada. Algumas características são próprias, como a forma do pescoço em posição vertical, não tendo forma de sino.	p. 9, 13, 27, 28

Ornamentos/ Pinturas	Pintura de englobo vermelho ondulado. O corrugado não aparece neste núcleo. Além dessas ornamentações, encontra-se o riscado, que são estrias causadas pelo sabugo de milho, distribuídas na superfície da parede. Faces polidas interna e externamente. Os três rolos superiores da parte inferior do vasilhame são executados em corrugado.	p. 11, 28, 29
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra alongada. Sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa, e pena de galinha.	p. 16, 28
Queima	Uma construção cilíndrica de 0,78 m de altura com base circular de 0,85 m de diâmetro, com barro e cacos. Contém no interior uma grelha. O fogo é mantido no buraco abaixo. O cozimento da argila nesse tipo de forno tecnicamente é insuficiente e não chega a uma boa oxidação (manchas escuras nas paredes dos recipientes). Queima: “pobre”.	p. 29
Panela	Função: Para cozimento de Arroz, Feijão, Canjica etc. Estilo Uniforme de base plana, paredes do corpo inferior inclinadas externas, bojo com carena ou curva, pescoço feito de rolos ornamentados e lábios planos. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames (Parentesco de estilo com as cerâmicas de Serrinha do Bom Sucesso, Apai e Itaoca). Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 19 cm. Base: plana, 11 cm de diâmetro. Máximo diâmetro na altura de 7,5 cm Pescoço: vertical, 6,5 cm de altura, ornamentado. Lábios: planos, 6 mm a 7 mm de espessura. Diâmetro da boca: 19,5 cm. Asas, cabinhos. Duas asas, semicirculares, aplicadas no pescoço. Na panela para arroz, duas asas de dois cabos curtos, em posição oposta. Na panela para canjica: sobre o corrugado do pescoço, 1 cm abaixo da borda um rolo com ondulado aplicado.	p. 11, 12, 31
Potes (água)	Função: Conservar água potável. Apresentam uma variação na forma do corpo; bojo de carena baixa ou curva baixa, o bojo pronunciadamente curvado e bojo de carena ou curva alta. Conservados as características; base plana, paredes inferiores inclinadas externas e o pescoço com borda contínua e lábios planos. Paredes: inclinadas externas, formando na altura de 9,5 cm a) uma carena, b) uma curva e curvadas internas.	p. 11, 29

		Altura: 29,5 cm. Diâmetro da base plana: 13 cm. Máximo diâmetro: 29,5 cm. Diâmetro da base do pescoço: 15,5 cm. Pescoço: vertical 9 cm de altura, com borda contínua. Lábios: planos, 4 mm – 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 15,5 cm. Motivos de vegetais em vermelho circundando o ombro e traços em diagonal no pescoço do vasilhame.	
Cuscuzeiro		Função: Vasilhame composto de panela e forma para o fabrico do cuscuz. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Parte inferior (panela): paredes inclinadas externas e curvadas internas. Parte superior (forma) paredes projetadas externas com borda contínua. Altura: 24,5 cm (panela: 12 cm, forma: 12,5 cm). Diâmetro da base plana: 10,5 cm. Máximo diâmetro da parte inferior: 18,5 cm na altura de 6 cm. Diâmetro da base da parte superior: 11 cm. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 21 cm. Um orifício nas paredes da parte inferior. Riscado nas paredes externas da panela. Corrugado nas paredes externas da forma. Acessório. Durante o uso, é colocado no fundo da forma um pequeno prato com perfurações.	p. 12, 32
Moringa Papo	Com	Função: Recipiente para transportar água potável ao local de trabalho. Paredes: inclinadas externas e curvadas internas. Na altura de 6,5 cm a) uma carena, b) uma curva. Altura: 29 cm. Base: levemente côncava, 10 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 23 cm. Diâmetro da base do pescoço: 9 cm. Pescoço: vertical até a altura de 6 cm, então vira para fora (1,5 cm) e em curva para dentro, formando o "papo". Na altura de 9,5 cm uma borda de 3 cm, inclinada interna. Lábios: planos, 2 mm de espessura. Diâmetro do orifício: 3,5 cm. Pintura: Vermelho ao redor do ombro. Face externa polida.	p. 12, 30
Bule		Função: Servir, armazenar leite. Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Na altura de 4 cm a) uma carena, b) uma curva. Altura: 16 cm. Base: plana, 9,5 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 16,5 cm. Pescoço: vertical, 4,5 cm de altura, com borda contínua e bico. Lábios: planos, 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 9,5 cm. Alça: no caso de haver uma alça, é colocada verticalmente, unindo o pescoço e ombro do vasilhame. Pintura: Vermelho no ombro e pescoço. Face externa polida.	p. 12, 30
Tigela "Prato"		Função: Para guardar alimentos, sendo que o maior dele serve para lavar utensílios. Paredes: projetadas externas com borda contínua. Boca ampliada. Altura: 6 cm. Diâmetro da base plana: 11 cm. Lábios planos: a) simples, b)	p. 12, 31

	ornamentados. Entalhes triangulares à unha nos lábios externas. Pintura: Vermelho no interior da tigela. Ambas as faces polidas.	
Caçarola	Função: Para cozinhar e fritar alimentos. Paredes: inclinadas externas e curvadas internas com borda contínua. Altura: 7 cm. Diâmetro da base plana: 10 cm. Lábios: planos, 4 mm de espessura, ornamentados. Cabo Um cabo de 12 cm de comprimento, colocado no ombro. Entalhes triangulares à unha nos lábios externos. Riscado nas paredes externas.	p. 12, 31
Bacia	****	p. 12
Apiáí		
Argila	Tonalidade cinza-verde-escuro, tornando-se ocre-médio ou escuro após a queima. Busca-se e queima-se, na lua minguante. A argila de cima, é designada para vasilhames de queima, e a de baixo para vasilhames destinados para alimento e líquidos.	p. 36
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. Pescoço das panelas e potes, trabalhados no corrugado, sentido para dar mais segurança ao uso (transporte), são encontrados nos potes antigos. O armazenamento é em depósitos, em casa; conservada num cocho. O trabalho é manufaturado no chão batido da cozinha sobre uma tábua comprida. Caso a cerâmica rache no processo do cozimento, significa que a pessoas que o encomendou estava com maus pensamentos. Vasilhames destinados a alimento e líquidos, passam por três (3) secagens na sombra por aproximadamente 10 a 15 dias.	p. 9, 13, 36, 39
Ornamentos/ Pinturas	Pintura de engobo vermelho ondulado e o corrugado. O corrugado não aparece neste núcleo. Pescoço e lábios também são pintados. Impressões ungulares e de taquarinha. Pintura realizada com os dedos. Cerâmica destinada ao fogo, não sofre polimento por pedra.	p. 11, 36
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra alongada. Sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada	p. 16, 36

	e lisa.	
Queima	Altura do barranco: 1,09 m; escavação superior 0,67 m de profundidade por 0,75 m a 0,82 m de diâmetro, grelha de barro perfurada 0,12 m de espessura, boca do forno 0,30 m por 0,40 m; profundidade da escavação horizontal: 1,20 m. Os vasilhames colocados na escavação superior, emborcados e sobrepostos são expostos primeiramente ao sol. Depois de completamente secos e já aquecidos são cobertos por cacos que fecham a abertura do topo. A paneleira começa com a queima ao pôr-do-sol. Primeiramente, é mantido um fogo baixo. Depois, a temperatura é alterada até que as labaredas alcancem a abertura superior. Neste ponto, sabe-se que atingiu o grau determinado de cozimento podendo cessar o calor.	p. 40
Panela	Função: Para Cozinhar Arroz e Feijão. Estilo uniforme de base plana, paredes do corpo inferior inclinada externa, bojo com carena ou curva, pescoço feito de rolos ornamentados e lábios planos. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Parentesco de estilo com as cerâmicas de Serrinha do Bom Sucesso, Campinas de Fora e Itaoca. <i>Panela de Feijão:</i> Altura: 23,5 cm. Diâmetro da base plana: 15 cm. Máximo diâmetro: 36 cm. Pescoço: inclinado interno, 6,5 cm – 7 cm de altura, formado de seis rolos ornamentados. Borda contínua. Lábios: planos, 7 mm de espessura. Diâmetro da boca: 26 cm. Asas: o vasilhame é trabalhado a) sem asas, b) com duas asas, c) com quatro asas, aplicadas em forma semicircular, unindo o ombro e pescoço do vasilhame. Ornamentação: Séries de a) impressões ungulares, b) impressões à taquarinha, verticais ou levemente inclinadas sobre os rolos do pescoço <i>Panela de Arroz:</i> Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 10,5 cm. Diâmetro da base plana: 8,5 cm. Máximo diâmetro: 17 cm. Pescoço: inclinado interno 2,5 cm de altura, ornamentado, com borda contínua. Lábios: planos, 3 mm – 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 15,5 cm. Asas, cabo: uma asa (em posição oposta ao cabo) ou três asas aplicadas em forma semicircular rente à base do pescoço, e um cabo de 10 cm de comprimento, no ombro. Ornamentação: Séries de a) impressões ungulares b) impressões à taquarinha, verticais ou levemente inclinadas sobre os rolos do pescoço. Riscado nas paredes externas	p. 11, 12, 35, 42
Potes (água)	Função: Para guardar água potável. Apresentam uma variação na forma do corpo; bojo de carena baixa ou curva baixa, o bojo pronunciadamente curvado e bojo de carena ou curva alta. Conservados as características; base plana, paredes inferiores inclinadas externas e o pescoço com borda contínua e lábios planos.	p.11, 36, 41

	Altura: 30 cm. Base: levemente côncava, 14 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 11 cm de altura, 29 cm. Pescoço: vertical – 8 cm de altura, com borda contínua. Lábios: planos, 7 mm de espessura. Diâmetro da boa: 15 cm. Alças: duas alças de 2,5 cm por 1 cm colocadas no ombro. Pintura: Faixa larga com arcos preenchidos pintados com engobo vermelho circundando a parte mediana e o ombro do vasilhame. Pescoço e lábio pintados de vermelho. Face externa polida.	
Torrador	Função: Para torrar café e beiju. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Vasilhames de paredes projetadas externas e boca ampliada. Altura: 10 cm. Base: plana, irregular na junção com as paredes, 22 cm – 24 cm de diâmetro. Borda: ornamentada externamente. Lábios: planos, 6 mm de espessura. Diâmetro da boca: 48 cm. Ornamentação: Séries de a) impressões ungulares, b) impressões à taquarinha na borda externa Riscado nas paredes externas.	p. 12, 36, 42, 43
Cuscuzeiro	Função: Para produção do alimento Cuscuz. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Parte inferior (panela): paredes inclinadas externas e curvadas internas. Parte superior (forma): paredes projetadas externas com borda contínua. Altura: 32 cm (panela: 18 cm, forma: 14 cm). Base: plana, 13 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 21 cm. Diâmetro da base da forma: 14 cm. Lábios: planos, ornamentados, 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 28 cm. Um orifício no ombro da panela. Ornamentação: a) corrugado, b) riscado nas paredes externas da forma. Ondulado aplicado sobre o rolo na base da forma. a) Impressões ungulares, b) impressões à taquarinha, verticais ou levemente inclinada na borda externa. Ondulado nos lábios. Acessório. No uso, é colocado no fundo da forma um pequeno prato com perfurações.	p. 12, 44
Moringa com dois bicos	Função: Recipiente para transportar água potável para o local de trabalho.	p. 12, 41
Itaóca		
Argila	Tonalidade ocre-escuro, depois de queimada se toma entre ocre-médio e alaranjado As cerâmicas manufaturadas nas redondezas são uniformemente ocre-escuro, o que dá ao pote, principalmente, um encanto especial	p. 9, 48
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo cumprido usado na técnica espiralada ou anelada.	p. 9, 13, 46

	Demonstram perfeição na forma e um acabamento aprimorado, no entanto a queima é insuficiente.	
	O armazenamento é em depósitos, em casa; conservada num cocho.	
Queima	Forno é escavado num barranco baixo e não contém grela. A escavação superior, de pouca profundidade, comporta apenas um recipiente maior, que é embocado na abertura e coberto por cacos. O fogo é mantido por meio de um buraco horizontalmente escavado.	p. 48
Ornamentos/ Pinturas	Pintura engobo vermelho, aplicado no pote com os dedos consistindo em esparsas linhas distribuídas no ombro. Impressões ungulares (pinicar com a unha), corrugado (rebite) (corrugado não aparece neste núcleo), ondulado e ondulado aplicado (rosário ou beliscado e riscado) Executado com ou sem alça e pintado ou não. No pescoço, ornamentos plásticos. A execução desses ornamentos corresponde à técnica empregada no núcleo.	p. 11, 46
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra alongada. Sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa.	p. 16 e 46
Panela	Função: Cozinhar Arroz e Feijão. Estilo Uniforme de base plana, paredes do corpo inferior inclinadas externas, bojo com carena ou curva, pescoço feito de rolos ornamentados e lábios planos. Parentesco de estilo com as cerâmicas de Serrinha do Bom Sucesso, Campinas de Fora e Apaí. <i>Panela de Feijão:</i> Paredes inclinadas externas e curvadas internas, apresentando no máximo diâmetro a) uma carena, b) uma curva. Altura: 10,8 cm. Diâmetro da base plana: 7,5 cm - 7,8 cm. Máximo diâmetro na altura: 7,5 cm: 21 cm. Pescoço: levemente inclinado interno, 3 cm de altura, ornamentado. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Asas: duas asas de forma semicircular, aplicadas sobre os rolos do pescoço Ornamentação. Corrugado nos rolos do pescoço. <i>Panela de Arroz:</i> Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 9,5 cm. Diâmetro da base plana: 7,3 cm - 7,5 cm. Máximo diâmetro: 19 cm. Pescoço: levemente inclinado interno, 2,5 cm de altura, ornamentado. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 17,5 cm. Asas, cabo. Três asas de forma semicircular e um cabo de 9 cm de comprimento, colocados no ombro. Ornamentação: Séries de impressões ungulares nos rolos do pescoço. Paredes	p. 11, 12, 50

	polidas interna e externamente.	
Torrador	Função: Torrador para café e beiju. Similares as panelas e vasilhames, exceto pelas paredes, que são curvadas e não inferiores inclinadas. Técnica combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Paredes externas com borda contínua. Boca ampliada. Altura: 12 cm Base plana, irregular, trabalhada em corrugado. Na junção curvada com as paredes. Lábios: planos, ornamentados, 10 mm de espessura. Diâmetro da boca: 44 cm. Ornamentação Corrugado na face externa. a) ondulado, b) triangulado nos lábios. <i>Torrador para Beiju:</i> Paredes curvadas externas borda contínua. Boca ampliada. Altura: 8 cm Base plana, irregular, em corrugado. Na junção curvada com as paredes. Lábios: planos, inclinados externamente, ornamentados: 12 mm de espessura Diâmetro da boca: 50 cm. Ornamentação: Corrugado na face externa, ondulado nos lábios.	p. 11, 12, 51
Potes (água)	Função: Recipiente para conservar água potável. Apresentam uma variação na forma do corpo; bojo de carena baixa ou curva baixa, o bojo pronunciadamente curvado e bojo de carena ou curva alta. Conservados as características; base plana, paredes inferiores inclinadas externas e o pescoço com borda contínua e lábios planos. Paredes inclinadas externas e depois de formar na altura de 12 cm uma carena suavemente curvada internas. Altura: 26 cm. Base plana, 11,5 cm de diâmetro. Máximo diâmetro: 32,5 cm. Pescoço vertical, 6,5 cm de altura, com borda contínua. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 15 cm. Alça: vasilhame é executado sem ou com duas alças de 2,8 cm por 1,5 cm, colocadas no ombro. Polido interna e externamente. Os dois rolos superiores da parte inferior do recipiente são trabalhados em corrugado. <i>Outro tipo de Pote encontrado no núcleo:</i> Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 24 cm. Diâmetro da base plana: 12 cm. Máximo diâmetro: 32,5 cm. Pescoço: levemente inclinado externo, 8 cm de altura, com borda contínua. Lábios: planos, 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 18 cm. Alças: No caso de haver, duas alças de 2,5 cm por 1,3 cm colocadas no ombro. Pintura. Traços inclinados em vermelho dispostos ao redor de ombro e pescoço. Polido interna e externamente.	p. 11, 49
Cuscuzeiro	Função: Recipiente para fabrico de Cuscuz. Técnica Combinada, rolo cumprido usado tanto no processo espiralado, como no anelado, fato comum na manufatura dos vasilhames. Parte inferior (panela) paredes inclinadas externas curvada internas. Parte superior (forma): paredes projetadas externas com borda contínua. Altura: 26	p. 12, 52.

	cm (panela: 15 cm, forma: 11 cm). Diâmetro da base plana: 11 cm. Máximo diâmetro: 21 cm. diâmetro da base da forma: 10 cm. Lábios: planos, 4 mm de espessura. diâmetro da boca: 21 cm. Um orifício no ombro da panela. Ornamentação: Corrugado nas paredes externas da forma. a) digitungulado, b) ondulado aplicado sobre o rolo circundando a base da forma. Acessório. No uso é colocado no fundo da forma um pequeno prato com perfurações	
Candeeiro	Função: Cerâmica par iluminação Óleo de mamona e gordura de porco. Pavios de algodão. Antigamente de uso caseiro, atualmente "quando querem procurar qualquer coisa de noite". Paredes inclinadas externa curvadas para cima. Boca ampliada. Altura: 5 cm. Diâmetro da base plana: 7 cm - 7,5 cm. Lábios: planas com 3 mm – 4 m de espessura. Diâmetro da boca: 17 cm Cabo. Um cabo de 7 cm de comprimento colocado rente à borda. Três "bicos" para colocar os pavios na borda. Ambas as faces polidas	p. 12, 51
Barra de Areias		
Argila	A argila, muitas vezes, e aproveitada em seu estado natural. De tonalidade verde-clara, após o cozimento adota uma coloração entre ocre à laranja	p. 73
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo comprido usado na técnica espiralada ou anelada.	p. 73
Queima	A queima em forno inicia-se com fogo lento que se estende por muitas horas. "Cozinha ao pé do fogo". O forno de barranco, é feita uma escavação em um barranco inclinado, os vasilhames são postos em vertical enquanto o combustível em horizontal, durante a queima, a abertura é fechada por folhas de bananeira. As dimensões do forno são de 1,80 m por 1,5 m.	p. 77
Pintura e ornamentos	Ondulado e entalhes à taquirinha.	p. 72
Polimento	Não usam pedra para polir. Quando há necessidade de nivelamento, é feito com os dedos.	p. 76
Ferramentas	Faca de bambu, e perfura-se as paredes para a colocação dos bicos da moringa, sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa chamada Cuipe. Couro fino e macio, usa-se para formar as bordas e arredondar os lábios dos vasilhames.	p. 73
Pote	Função: Vasilhame para conservação de água potável. Corpo de forma globular. Altura: 26,5 cm. Base: plana, 14 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 29 cm. Pescoço: 3,5 cm de altura. Borda: Extrovertida. Lábios: planos inclinados ornamentados. Diâmetro interno do pescoço: 12,5 cm. Diâmetro da boca: 18 cm. Espessura das paredes: 10 mm a 12 mm. Duas alças	p. 78

	de 3 cm por 1 cm são aplicadas são aplicadas no ombro.	
	Ondulado nos lábios.	
Moringa	Função: Recipiente para transportar água potável ao local de trabalho. Corpo de forma globular Altura: 21,5 cm. Altura Máxima: 28,8 cm. Base: anelar, 2,8 cm de altura e côncava de 10,5 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 23 cm. Alça na parte superior, de 3 cm por 1,5 cm em forma arcada e dois bicos de 7 cm de comprimento.	p. 78
Cuscuzeiro	Função: Forma para massa de cuscuz. Paredes projetadas externas com borda contínua e lábios planos, ornamentados. Altura: 14 cm. Base: plana, com perfurações de diâmetro de 10,5 cm. Diâmetro da boca: 22 cm. Espessura das paredes: 9 mm. Entalhes triangulares à taquarinha na parte externa dos lábios.	p. 78
Guamiranga, Jairê, Caputera		
Argila	A argila, muitas vezes, e aproveitada em seu estado natural. De tonalidade verde-ocre, após o cozimento adota uma coloração ocre-escura	p. 59
Confecção	Técnica espiralada. A partir de um rolo de argila de um metro chamado Nhambu. Emenda do rolo inicial da parte superior do vasilhame a ser montado. Pedacos de cabaça curvado e alongado com o primeiro abre-se, curva-se, afina-se e alisa-se as paredes internas. Cerâmica de Iguape, foi inserida nessa região. Não se observa traços de influência nas formas, uniformemente curvadas. As vasilhas antigas e recentes apresentam corpo de paredes inclinadas externas e depois internas. Carena ou curva no máximo diâmetro.	p. 9, 59
Queima	A queima em forno inicia-se com fogo lento que se estende por muitas horas. "Cozinha ao pé do fogo". Forno é aberto, os vasilhames são postos diretamente no fogo incandescente. É de forma semi-ovalada com 0,88 m de altura com base circular de 1,45 m de diâmetro. A abertura mede 0,48 m por 0,52 m. Não contém grelha.	p. 62
Pintura e ornamentos	Ondulado, entalhes a unha e inciso, na asa e lábios, e com a parte plana de uma taquarinha sobre o angulo externo. Pinchar com o dedo. Os vasilhames destinados ao fogo e no prato recebe, ornamentos.	p. 57
Polimento	Usa-se um pano (pedaço de couro) para alisamento para as paredes úmidas do recipiente.	p. 62
Ferramentas	Faca de bambu, e perfura-se as paredes para a colocação dos bicos da moringa, sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa chamada Cuipê. Couro fino e macio, usa-se para formar as bordas e arredondar os lábios dos vasilhames.	p. 59
Pichorra	Função: Bule para Café Corpo de forma globular. Altura: 18,5 cm Base:	p. 64

		arredondada, plana de 8 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 20 cm. Pescoço com bico: 3,5 cm de altura Borda: 2 cm de altura. Lábios: Arredondados 3,5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 11,5 cm	
		Alça formada de rolo duplo, não alisado externamente, unindo o pescoço e ombro do vasilhame, face externa polida, e ambas tingidas de preto.	
Boião		Função: Para conservar líquidos. Corpo Globular. Altura: 17 cm Base: p. 64 arredondada, plana de 6 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 19,5 cm. Pescoço inclinado externa e com bico: 4,5 cm de altura. Lábios: arredondados 3,5 cm de espessura.	
		Duas alças formadas com rolo duplo, não alisado externamente aplicada no ombro. Face externa polida, ambas as faces tingidas de preto.	
Prato (Fundo)		Função: Para guardar alimento. Paredes curvadas com borda extrovertida de p. 65 1,3 cm ornamentada. Altura: 7,7 cm Base: plana, 6,5 cm de diâmetro. Lábios: arredondados, 3 mm. Diâmetro da boca: 20,5 cm.	
		Ambas as faces são polidas e tingidas de preto. Ondulado na borda.	
Cuscuzeiro		Função: Forma para a massa do cuscuz. Paredes projetadas externas com p. 65 borda contínua. Altura: 12,5 cm. Base: plana, 9,5 cm à 10 cm, com seis perfurações. Lábios: arredondados, ornamentados, de 3,5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 22,5 cm	
		Ambas as faces são polidas e tingidas de preto. Entalhe de unha nos lábios.	
Frigideira		Função: Para fritar. Paredes curvadas com borda contínua. Altura: 9,7 cm. p. 66 Base: plana, 7,5 cm de diâmetro, na junção curvada com paredes. Máximo diâmetro: 24 cm. Lábios: arredondados, 3,5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 20 cm. Cabo a partir do ombro de 7,5 cm de comprimento, formado por rolo duplo.	
		Ambas as faces são polidas e tingidas de preto. Ondulado na asa.	
Torrador de Café		Função: Para torrar o café. Vasilhame com base arredondada e paredes p. 67 curvadas com borda contínua. Altura: 10 cm. Máximo de diâmetro: 35 cm.	
		Lábios: arredondados, ornamentados, com 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 30,5 cm.	
		Duas asas semicirculares, ornamentadas aplicadas no ombro.	
		Ambas as faces são polidas e tingidas de preto. Entalhe de unha nos lábios.	
Panela Mutirão	de	Função: Usada em reuniões festivas. Corpo de forma elítica. p. 65 Altura: 20 cm. Base: plana, 13 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 41,5 cm. Pescoço na vertical com borda levemente inclinada externa: 4 cm de altura. Lábios: arredondados, 3,5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 26,5 cm.	
		Duas alças formadas com rolos achatados colocados em posição oposta no ombro.	
		Ambas as faces são polidas e tingidas de preto.	

Assadeira	Função: Para assar carne, peixe etc.	p. 67
	Vasilhame de paredes curvadas e borda contínua. Altura: 9 cm. Base: plana, 7,5 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 22 cm. Lábios: arredondados, 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 19,4 cm.	
	Duas asas de forma semicircular, ornamentadas, no ombro.	
	Ambas as faces polidas e tingidas de preto.	
Panela	Função: Para cozinhar arroz e feijão. Corpo de forma elítica. Altura: 13,5 cm. Base: arredondada, plana com 6 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro: 21,5 cm. Pescoço vertical com borda levemente inclinada externa: 3 cm de altura. Lábios: arredondados, 3 mm de espessura. Diâmetro da boca: 17 cm.	p. 66
	Duas asas de forma semicircular, aplicadas no ombro.	
	Ambas as faces são polidas e tingidas de preto.	
São Francisco		
Argila	A argila, muitas vezes, e aproveitada em seu estado natural. Argila é de cor cinza-claro contém partículas ferruginosas, depois da queima passa adotar uma coloração alaranjada.	p. 83
Confecção	Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo comprido usado na técnica espiralada ou anelada.	p. 83
Queima	A queima é feita em um forno bem estruturado de tijolos e revestidos por barro, medindo 1,44 m de altura, tem forma ovalada e possui uma grelha de 0,20 m de espessura.	p. 86
Pintura e ornamentos	Ondulado aplicado, calcar com a unha, impressões angulares, repinicado, quinado com o dedo e impressões com o uso de uma cabaça e/ou de borda de concha. Gominhos e sabugado (uso do sabugo de milho). Presença de sulcos, em linha reta ou curvada, são produzidos sulcos com a ponta do indicador. Engobo com Taguá (tinta vermelha), aplicada com o uso de pauzinhos.	p. 81
Polimento	Usa-se pano (pedaço de couro) para alisamento para as paredes úmidas do recipiente, no molde é realizado este procedimento para isolar o vasilhame.	p. 86
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra alongada. Sabugo de milho, taquarinha ou faca, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa, pena de galinha para pintura. Virador (tipo de torno)	p. 83
Pote (Combuca)	Função: Recipiente para conservação de água potável. Corpo de forma globular. Altura: 34 cm. Diâmetro de base: plana, 16,5 cm. Máximo de diâmetro: 33 cm. Pescoço vertical: 11 cm de altura. Borda: Reforçada	p. 87

	externamente. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 17,5 cm. Espessura das paredes: 10 mm à 15 mm.	
	Na face externa estrias rasas, dispostas, horizontalmente, provenientes do tratamento com semente coroanha.	
Moringa		
Cambuquinha	Função: Panela para cozinhar feijão. Paredes curvadas. Altura: 13 cm. Base: levemente arredondada na junção curvada com as paredes. Máximo diâmetro: 29 cm. Borda: reforçada externamente. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 21 cm. Espessura das paredes: 10 mm.	p.88
	Duas asas semicirculares aplicadas em posições opostas no ombro do vasilhame. Face externa estriada.	
Panelas	Função: Para cozinhar arroz. Paredes curvadas. Altura: 12 cm. Base: levemente arredondada na junção curvada com as paredes. Máximo diâmetro: 25 cm. Borda: com reforço externo. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 18 cm. Espessura das paredes: 8 mm.	p. 88
	Asa de forma semicircular é aplicada no ombro, e em posição oposta um cabo de 13 cm de comprimento erguido com base reforçada e extremidade afinada.	
Frigideiras	Função: para fritar peixe, carne etc. Paredes curvadas. Altura: 8 cm. Base: levemente arredondada na junção curvada com as paredes. Máximo de diâmetro: 21 cm. Borda: reforçada externamente. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 17,5 cm. Espessura das paredes: 8 mm.	p. 89
	Um cabo de 12 cm de comprimento, com base reforçada e extremidade afinada, colocado na parede. Ambas as faces estriadas.	
Torrador para Café	Função: Para torrar café. Vasilhame de paredes curvadas. Altura: 10 cm. Base: plana de 15 cm de diâmetro, na junção com as paredes curvadas. Máximo de diâmetro: 40 cm. Borda: reforçada externamente. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 32 cm. Espessura das paredes: 10 mm.	p. 89
	Ambas as faces estriadas.	
Cuzcuzeiro	Função: Vasilhame composto de panela e forma para o fabrico do cuzuz. Parte inferior: curvada.	p. 89
	Parte superior: projetadas. Altura: 20,5 cm. Base: plana de 10 cm de diâmetro. Máximo de diâmetro (parte inferior): 19 cm. Máximo de diâmetro (parte superior): 10 cm. Borda: reforçada externamente. Lábios: arredondados. Diâmetro da boca: 22 cm. Espessura das paredes: 10 mm.	
	Ambas as faces estriadas. Fundo da forma com perfurações.	
Orientes e Aparição		
Argila	A argila, muitas vezes, é aproveitada em seu estado natural. De coloração	p. 95

	inicial verde-marrom, após a queima adota uma coloração ocre-alaranjado-claro.	
Confecção	Técnica Combinada (Bola [Pelote] Cone): começo é com uma bola de argila, passando para um cone, continuando por rolos espiralados ou anelados. O rolo é denominado Tripa. O primeiro rolo espesso que é modelado com as mãos, braços estendidos para a frente, livremente, denominam, Capitão. O rolo comprido usado na técnica espiralada ou anelada.	p. 95
Queima	O forno de barranco, é feita uma escavação em um barranco inclinado, os vasilhames são postos em vertical enquanto o combustível em horizontal, durante a queima. As dimensões do forno são 1,55 m de altura, o buraco tem 1,20 m de diâmetro e a grelha tem 9 furos de 0,84 m.	p. 101
Pintura e ornamentos	Ondulado aplicado (rodeado), impressões ungulares, digitado, impressões a cabaça, entalhes por unha ou concha, sulcos, canelados, riscados e pintados (engobo branco – tabatinga)	p. 94, 95
Polimento	Usa-se pano (pedaço de couro) para alisamento para as paredes úmidas do recipiente, no molde é realizado este procedimento para isolar o vasilhame.	p. 100
Ferramentas	Pedaços de cabeça, chamados Cuipeva - uma de forma arredondada, outra alongada. Sabugo de milho, taquarinha ou faca de folha, pedra circular (5 cm diâmetro) achatada e lisa, couro fino e concha,	p. 95
Pote	Existem 6 morfologias para os potes. Todos desempenham a mesma função. Função: Recipiente para conservar água potável. Paredes: inclinadas externa com curvas internas, presença de carena, ou até mesmo carena dupla, 9 cm de altura. Altura: 35 cm; 31 cm; 27,5 cm; 30 cm. Diâmetro da base plana: 12 cm; 15 cm; 16 cm; 17 cm. Máximo de diâmetro: 24 cm; 28,5 cm; 30 cm; 30,5 cm; 33 cm; 36 cm. Pescoço: inclinado interno ou levemente côncavo ou vertical ou borda contínua: 9,5 cm; 14 cm; 7 cm; 3 cm, 10 cm de altura. Borda: reforçada externamente, rolo externo ornamentado. Lábios: arredondados ou planos. Diâmetro da boca: 16,5 cm, 18 cm, 18,7 cm, 16 cm, 10 cm. Face externa polida e com pintura vermelha.	p. 103, 104, 105
Moringa	Função: Para conservar água potável. Paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 32 cm. Diâmetro da base plana: 7 cm. Máximo diâmetro em 8 cm de altura: 24 cm. Diâmetro (externo) na base do gargalo: 6 cm. Gargalo: vertical, 10 cm de altura. Lábios: planos de 6 mm de espessura. Diâmetro do orifício: 5 cm. Face externa polida e pintura, linhas paralelas em branco em cima do engobo vermelho.	p. 105
Moringa de dois bicos.	Função: Recipiente para transportar água potável no local de trabalho. Parte inferior com paredes inclinadas externas até 8 cm de altura. Parte superior de forma semiglobular. Altura do corpo: 15 cm. Diâmetro da base plana: 12 cm. Máximo diâmetro: 22 cm. Na parte superior alça de forma angular.	p. 106

Face externa polida.		
Boião	Função: Bule para leite e café.	p. 106
Corpo de forma ovoide com paredes inclinadas externas e curvadas internas. Altura: 14 cm. Diâmetro da base plana: 6 cm. Máximo de diâmetro: 11 cm. Pescoço: vertical 4 cm de altura. Borda: com rolo externo ornamentado. Lábios: planos, 7 mm de espessura. Diâmetro da boca: 8 cm.		
Face externa polida.		
Gamelinha	Função: Pequena bacia para lavar utensílios. Vasilhame de paredes projetadas externas e borda contínua. Altura: 9 cm. Diâmetro da base plana: 11 cm. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 27 cm. Quatro cabos curtos de 4 cm por 2 cm dispostos horizontalmente na altura da borda.	p.106, 107
Fases internas e externas polidas.		
Frigideira	Função: Para fritar carne etc. Paredes: projetadas externas. Altura: 7 cm. Diâmetro da base plana: 6 cm. Borda: com rolo externo ornamentado. Lábios: planos, 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 17 cm.	p. 107
Ambas as faces polidas.		
Panela	Existem 3 morfologias para as panelas. A funcionalidade varia de acordo com o alimento. Panela de feijão e arroz. Para o Feijão existem dois tipos. Função: Cozinhar alimento (Feijão, Feijão e Arroz) Paredes inclinadas interna e externa, na altura de 10,5 cm da carena. Base plana na junção curvada com as paredes verticais com borda contínua. Base levemente arredondada na junção da curvada com as paredes verticais. Altura: 19 cm; 12 cm; 8,5 cm. Diâmetro da base plana: 13 cm. Máximo de diâmetro: 30,5 cm. Borda: vertical, 1,5 cm de altura, com rolo externo, ornamentado. Na de Arroz há reforço externo. Lábios: planos de 6 mm de espessura, de 5 mm de espessura. Diâmetro da boca: 18 cm; 24 cm; 17 cm. As panelas de feijão possuem asas, uma recebe duas e a outra quatro de forma semicirculares. Elas são ornamentadas. A panela de arroz, possui um cabo de 11,5 cm de comprimento ornamentado na parte superior da parede.	p. 107, 108
Face externa polida. Fundo e a base também são polidos.		
Torrador para Café	Função: Torrar café. Vasilhame de paredes curvadas. Altura: 13 cm. Base: plana de 16 cm de diâmetro. Lábios: arredondadas de 10 mm de espessura. Diâmetro da boca: 22 cm. Fundo da base polido.	p. 108
Cuscuzeiro	Função: vasilhame composto de panela e forma para fabrico do cuscuz. Parte inferior paredes são curvadas e inclinadas externas, na superior são projetadas. Altura: 23 cm. Diâmetro da base: plana, 10,5 cm. Máximo	p. 109

diâmetro (inferior): 23 cm. Diâmetro da forma: 17 cm. Lábios: arredondados, planos de 4 mm de espessura. Diâmetro da boca: 19 cm. Vasilhame é trabalhado sem asas ou com duas. A base da forma recebe ornamentação. No fundo da forma pequenas perfurações que servem para esvair o vapor. Face externa polida.

Considerações Finais

A conexão dos registros de Herta Scheuer com as informações da Arqueologia, História e Linguística, demonstra notavelmente como a interdisciplinaridade articula passado e presente, contribuindo com diversos aspectos das memórias das comunidades da atualidade. O registro meticuloso e sensível de Herta oferece uma fonte singular que abre oportunidades para as próprias comunidades explorarem as suas raízes genealógicas e a mostrarem e nomearem as suas mulheres ancestrais, a expandir os conteúdos das suas práticas de consumo e materialidades que hoje são consideradas como “registros arqueológicos” no meio acadêmico. Além disso, as comunidades do presente podem reunir provas materiais para, em sendo possível, reivindicarem a posse de seus territórios invadidos, grilados e expropriados no passado, enquanto a academia e o poder público não reconheciam a sua existência.

Agradecimentos

À Herta Löell Scheuer *in memoriam*, por seu pioneirismo, ideias e inspiração para alcançarmos novas perspectivas. À Bruna Marina Portela, Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, e sua equipe, pelo acesso e inspirador apoio à pesquisa no acervo “Herta Scheuer” nas sedes de Curitiba e Paranaguá. Ao Museu da Imagem e do Som do Estado de São Paulo (Mis-SP) e Carmelita Moraes, pela autorização do uso das fotos de Plácido de Campos Júnior. Ao Astolfo Araujo, Carlos Fabião, Tânia Manuel Casimiro, Steve Silliman, Daniela Balanzátegui, Danielle Samia e Mercedes Okumura pelo apoio incondicional às nossas pesquisas. Este artigo foi financiado pela Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (bolsas 2019/17868–0, 2019/18664–9, 2021/09619–0), e FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia de Portugal (bolsa 2020.05745.BD).

Referências

ATALAY, Sonya. 2020. Indigenous Science for a World in Crisis. *Public Archaeology*, v. 19, n.1-4, 37-52.

BRANDÃO, Ambrósio F. 2010. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal.

DI BACO, Hiuri M. 2012. *Arqueologia Guarani e Experimental no Baixo Paranapanema Paulista: o estudo dos sítios arqueológicos Lagoa Seca, Pernilongo, Aguinha e Ragil II*. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

JÁCOME, Camila; CARVALHO, Adriano; PANACHUK, Lílian. 2010. Os gestos na decoração plástica de vasilhas Tupiguarani em Minas Gerais. In: André Prous e Tânia A. Lima (eds). *Os ceramistas Tupiguarani. Elementos decorativos*. Belo Horizonte: IPHAN/Sigma, volume 2, pp. 37-56.

LIGHTFOOT, Kent. 1995. Culture Contact Studies: Redefining the relationship between prehistoric and historical archaeology. *American Antiquity*, v. 60, n. 2, p. 199-217.

LOPES, M. 2014. *Ocupação Tupinambá no vale do Paraíba Paulista: vista a partir da análise do sítio arqueológico Santa Marina*. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

MAINARDI, Camila. 2010. *Construindo proximidades e distanciamentos: Etnografia Tupi Guarani da Terra Indígena Piaçaguera/SP*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.

MENDONÇA, Antônio M. M. C. 1899. Para o referido Secretr^o d'Estado, respeito a Feira, etc. São Paulo, 16 de junho de 1800. *Documentos Interessante para a História e costumes de São Paulo*, 29: 213-216.

MARCGRAVE, George. 1648. *Historia Naturalis Brasiliae*. Lugdun: Franciscum Hackium et Elzevirium.

MUNSBURG, Suzana E. R. 2018. *Dos seiscentos aos oitocentos: estudo da variabilidade estilística da cerâmica durante os processos de construção e reconfiguração das identidades paulistanas*. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2019. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. *Mana. Revista de Antropologia Social*, v. 25, n. 3, p. 702-742.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2020a. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da cerâmica paulista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 34:132–153.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2020b. Painéis para cozinhar... as painéis da Cerâmica Paulista. *Habitus, Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia*, v. 18, n. 2, p. 501-538.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2021. Por uma história da linguagem da Cerâmica Paulista: as práticas compartilhadas pelas mulheres. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 13(1):367–396.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2023. Archaeologies of Colonialism and the Indigenous Presence in Brazil: the remarkable Tupí Guaraní trajectory. *Archaeological Review from Cambridge*, In Negro, M., Gustafson, J., Marras, G.B. (eds.) *Archaeology & Colonialism* issue, *Archaeological Review from Cambridge*, 38(1): 113-133.

NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne; PEIXOTO, Sílvia A. 2023. Archaeologies of gender, kinship, and mobility in Southeast Brazil: Genealogies of Tupiniquim women and the itinerancy of ceramic practices. *Journal of Social Archaeology*, 23(2): 193-218.

PANACHUK, Lílian. 2021. Gestando potes e pessoas: a cerâmica como processo de aprendizagem do sensível e concreto. (Tese de Doutorado em Arqueologia). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

PANICH, Lee M.; ALLEN, Rebecca; GALVAN, Andrew. 2018. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. *Journal of California and Great Basin Anthropology*, v. 38, n. 1, p. 11–29.

PETERSON, Debora; HANAZAKI, Natalia; BERKES, Fikret. 2020. Do We All Speak the Same Language When Talking Conservation? Caiçara Understandings of Conservation in their Landscape. *Conservation & Society*, 18(3): 238-251.

PEIXOTO, Sílvia; NOELLI, Francisco. S.; SALLUM, Marianne. 2022. De São Vicente a Jacarepaguá: uma genealogia de mulheres Tupiniquim e a itinerância da Cerâmica Paulista. *Cadernos do Lepaarq*, 19(37): 326-335.

RABELLO, Elizabet D. N. 1977. Os Ofícios Mecânicos e artesanatos em São Paulo na segunda metade do século XVIII. *Revista de História*, 112: 575-588.

SALLUM, Marianne. 2011. Estudo do gesto em material cerâmico do sítio Gramado – município de Brotas\São Paulo. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SALLUM, Marianne. 2018. Colonialismo e Ocupação Tupiniquim no Litoral Sul de São Paulo: uma História de Persistência e Prática Cerâmica. (Tese de Doutorado em Arqueologia). São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

SALLUM, Marianne. 2022. Por uma “aliança afetiva” entre a Arqueologia e os Saberes Tradicionais: Contribuições para o entendimento da sociedade moderna no Brasil. *Cadernos do Lepaarq*, 19(37): 273-300.

SALLUM, Marianne. 2023. Rethinking Latin American Archaeology: “Affective Alliances” and Traditional Community-Engagement. *Papers from the Institute of Archaeology* 34(1): 1–42.

SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco. S. 2020. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters’ Practices in Brazil: From Tupiniquim to Paulistaware. *International Journal of Historical Archaeology*, 24(3): 546–570.

SALLUM, Marianne; IORIS, Hyrma; NOELLI, Francisco. S. 2020. A Cerâmica Paulista e o apagamento epistemológico das mulheres Tupiniquim na capitania de São Vicente, Brasil. *Arche: Revista Discente de Arqueologia da FURG*, 1: 61-63.

SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco. S. 2021a. “Politics of Regard” and the Meaning of Things: The persistence of ceramic and agroforestry practices by women in São Paulo. In Panich, L.M. and Gonzalez, S.L. (eds). *Handbook of the Archaeology of Indigenous-Colonial Interaction in the Americas*. New York: Routledge, pp. 338–356.

SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco. S. 2021b. ‘A pleasurable job’ Communities of women ceramicists and the long path of Paulistaware in São Paulo.” *Journal of Anthropological Archaeology*, 61: 101–245.

SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco S. 2022a. Arqueologia do Colonialismo e Povos Indígenas. In: Luís Cláudio Symanski; Marcos André Torres de Souza (Org.): *Arqueologia histórica brasileira*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 273-305.

SALLUM, Marianne; NOELLI, Francisco. S. 2022b. “Política da consideração” e o significado das coisas: A persistência de comunidades de práticas agroflorestais em São Paulo. *Cadernos do Lepaarq*, 19(37): 356–89.

SCHEUER, Herta L. 1969. Estudo de um núcleo de cerâmica popular. *Arquivos do Museu Paranaense* 1: 1-15.

SCHEUER, Herta L. 1976. Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura.

SCHEUER, Herta L. 1978. Volkstümliche Töpfereien in Zentral Mato Grosso, Brasilien. *Zeitschrift für Ethnologie*, 103(1): 57-69.

SCHEUER, Herta L. 1979. A cerâmica utilitária do município de Correntina, Bahia. *Universitas*, 24: 49-70.

SCHEUER, Herta L. 1982. A Tradição da cerâmica popular. São Paulo: Escola de Folclore/Livramento.

SCHEUER, Herta L. 1987. Crenças no Poder Mágico: Origens e Tradições. São Paulo: Escola de Folclore.

SCHMIDT, Peter R., KEHOE, Alice B. 2019. Archaeologies of Listening: Beginning Thoughts. In: SCHMIDT, Peter R., KEHOE, Alice B. (eds.) *Archaeologies of Listening*. Gainesville: University Press of Florida, pp. 1-25.

SILLIMAN, Stephen W. 2022. Colonialismo na arqueologia histórica uma revisão de problemas e perspectivas. *Cadernos do Lepaarq*, 19(37): 26-54.

SILVA, Mariana de Araujo Alves da. 2018. O Encontro dos rios: análises sobre Cerâmica e Arte Popular. *Revista NUPEART*, Florianópolis, 18(2): 106–121.

SOARES de SOUSA, Gabriel. 1987. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

TERMINOLOGIA. 1966. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Manuais de Arqueologia*, 1. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas.

TERMINOLOGIA. 1969. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica, parte II. *Manuais de Arqueologia*, 1(2). Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas.

TERRANOVA, Isadora Carolina; RIEDI, Paula Delai. 2022. Introdução: Território Coletivo, In Terranova, I. C.; Riedi, P. D. (eds.), *Um barro lançado ao Futuro: laboratório de cerâmica futuro ancestral*, Joinville: Santa Catarina, pp. 8.

THEATRUM. 1993. *Theatrum Rerum Naturalium Brasil*, volume 2. Christian Mentzel (ed.). Rio de Janeiro: Editora Index.

TIBURTIUS, Guilherme. 1968-1969. Ältere Hauskeramik aus der Umgebung von Curitiba, Paraná, Südbrasilien. *Anthropos*, 63/64(1/2): 49–74.

TUXÁ, Yacunã; GAMBELL, Natasha; APIKÁ, Luã; MORSEAU, Blaire; SILLIMAN, W. Stephen; BALANZÁTEGUI, Daniela; SALLUM, Marianne. 2024. Indigenous archaeologies, territories, and human rights: dialogues among representatives of the Tupi Guarani, Tuxá, and Eastern Pequot. *Agora*. <https://doi.org/10.25660/AGORA0015.E1YP-MV02>

VLB 2. 1953. *Vocabulário da Língua Brasileira [1592]*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ZANETTINI, Paulo; WICHES, Camila M. 2009. A cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial. In: MORALES, Walter F.; MOI, Flávia P. (Orgs.). *Cenários regionais em arqueologia brasileira*. Annablume, São Paulo, 311-334.